

**UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO  
NA  
COLÔNIA ESPERANÇA**

**ÉDINA PEREIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

NA COLÔNIA ESPERANÇA

Dissertação submetida à Universidade Federal  
de Santa Catarina para a obtenção do Grau de  
Mestre em Letras, área de Linguística.

E'DINA PEREIRA

janeiro de 1977

Esta dissertação foi julgada adequada para  
a obtenção de grau de

MESTRE EM LETRAS

e aprovada em sua forma final pelo orientador  
e pelo Programa de Pós-Graduação.

Prof. Paulino Vandresen

- Orientador -

Prof<sup>a</sup>. Doloris Ruth Simões de Almeida

- Coordenadora -

Banca Examinadora:

---

Prof. Paulino Vandresen

---

Prof<sup>a</sup>. Solange de Azambuja Lira

---

Prof<sup>a</sup>. Andrietta Lenard

O F E R E C I M E N T O

Ao meu pai in memoriam.

À minha mãe, incentivadora  
e amiga.

## A G R A D E C I M E N T O S

- Ao Programa de Pós-graduação em Letras da U.F.S.C., meus professores e colegas de curso.
- À Universidade Estadual de Maringá, por ter possibilitado a elaboração deste trabalho.
- Em especial ao Professor Doutor Paulino Vandresen, pela atenção, pelo estímulo e pela sábia e constante orientação.
- A todos os que, direta ou indiretamente, me acompanharam durante a pesquisa e redação deste.

## RESUMO

Este trabalho descreve o bilingüismo em uma comunidade rural pertencente ao município de Arapongas, no Norte do Paraná.

Os resultados deste estudo tiveram como base uma pesquisa de campo iniciada em 1973, e finalizada em 1976. Apresenta um perfil sociolingüístico da comunidade.

Enfoca as funções da Língua Portuguesa e Japonesa em contacto e as atitudes do sujeito bilingüe. Apresenta uma análise de erros fonológicos a partir da descrição das duas línguas e da comparação sistemática entre elas.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: questionários e gravações.

O trabalho está estruturado em seis capítulos: O capítulo I mostra as bases históricas da comunidade, desde a sua formação até os dias atuais. O capítulo II descreve o processo aculturativo do imigrante japonês no Brasil e o perfil Sócio-cultural da comunidade, acreditando-se necessário tal estudo como embasamento para a discussão e análise do bilingüismo. Os capítulos III e IV analisam e discutem a metodologia usada na pesquisa de campo, bem como as atitudes dos falantes e as funções das línguas em contacto. O capítulo V descreve os sistemas fonológicos das línguas Japonesa e Portuguesa; apresenta os fonemas não correspondentes em uma e outra língua e analisa os problemas de interferência da Língua Japonesa sobre o Português falado na comunidade.

As conclusões a que se chega são as seguintes:

- 1) os falantes bilingües já não apresentam mais resistência com relação a Língua Portuguesa;
- 2) a primeira geração apresenta maior grau de bilingüismo em relação a segunda e terceira gerações;
- 3) as atitudes são mais favoráveis à Língua Portuguesa;
- 4) o maior número de erros fonológicos está presente na primeira geração;
- 5) os erros são devidos à estrutura da Língua Japonesa e ao dialeto caipira;
- 6) a língua mais falada na comunidade é a Portuguesa;

7) há tendência para mudança no sentido do monolingüismo em Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

The dissertation deals with bilingualism in a rural community located in the municipality of Arapongas, in the Northern part of the State of Paraná. The results of this study are based on the field research that started in 1973, and ended in 1976. It presents a sociolinguistic analysis of a given community.

It focuses attention on the usage of two languages, Portuguese and Japanese, and their relationship with one another; including the various aspects and problems related to the subject. The thesis makes an analysis of phonological errors, involving a description of the two languages along with the systematic comparison between the two.

The means by which information data were acquired consisted in making use of the questionnaire and the tape-recording of spoken language.

The work is divided into six chapters. The first chapter concerns itself with the historical development of the community, dating from its origin and continuing up to the present. The second describes the gradual process of the cultural adaptation of the Japanese immigrants who came to Brazil as well as the social and cultural aspects of community life. It is the firm belief of the writer of this thesis that such a study is essential as a foundation to any discussion and analysis of bilingualism. Chapters three and four discuss the methods applied to field research, dealing with the question of foreign speakers' mental attitudes towards another language with which the foreign settlers had come into contact. The fifth chapter describes the phonological systems of the Portuguese and Japanese languages, discussing the non-correspondent phonemes and the problems of interference of Japanese to the Portuguese language spoken in the community under analysis.

The final conclusions obtained from this study include the following:

- 1) The bilingual speakers no longer present any resistance in regard to Portuguese.
- 2) The first generation has a higher degree of bilingualism than

the second and third generations.

- 3) Their attitudes towards the Portuguese language is now much more favorable than before.
- 4) The greatest number of phonological mistakes is made by the first generation of Japanese immigrants.
- 5) These errors are due to the very structure of the Japanese language as well as by the uncultured dialect spoken by these immigrants.
- 6) Portuguese is the language that is now most spoken in this community.
- 7) There is a tendency towards monolingualism, with Portuguese being the only language to be used in the future.

## ÍNDICE GERAL

Página

INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1	
1. HISTÓRICO.....	5
Capítulo 2	
2.0. O PROCESSO ACULTURATIVO DO IMIGRANTE JAPONÊS.....	10
2.1. Conceito de Cultura.....	10
2.2. Linguagem e Cultura.....	11
2.3. A Socialização como fatos culturais.....	12
2.4. Aculturação.....	14
2.4.1. O casamento.....	17
2.4.2. O Habitat.....	18
2.4.3. Associações Juvenis.....	19
2.4.4. A língua.....	20
2.5. Descrição sócio-cultural da Colônia Esperança.....	21
2.5.1. A estrutura familiar.....	21
2.5.2. Estrutura alimentar e vestuário.....	23
2.5.3. Estrutura religiosa.....	25
2.5.4. Estrutura Pedagógica.....	26
2.5.5. Estrutura Patrimonial e de Produção.....	27
2.5.6. Estrutura Viária.....	28
2.5.7. Estrutura Político-Administrativa.....	29
Capítulo 3	
3. METODOLOGIA.....	33
3.1. Introdução metodológica.....	33
3.2. Critérios para Seleção da Amostra.....	35
3.3. Técnicas Usadas.....	36
3.4. Primeiros Contactos.....	37
3.4.1. Elaboração e aplicação dos questionários.....	38
3.5. Análise do questionário individual.....	39
3.5.1. Funções.....	41
3.5.2. Atitudes.....	41

	Página
3.6. Descrição do questionário p/família.....	42
3.7. Gravações.....	42
3.8. Descrição da população.....	42
3.9. Caracterização da amostra.....	43
3.10. Tempo da pesquisa.....	49

#### Capítulo 4

4. RESULTADOS.....	51
4.1. Análise e discussão dos dados.....	51
4.1.1. Função das línguas em contacto.....	55
4.1.2. Atitudes nas línguas em contacto.....	69
4.1.3. Análise comparativa dos Resultados.....	84

#### Capítulo 5

5. ANÁLISE DE ERROS.....	93
5.1. Dialeto Descritos.....	94
5.2. Erros fonológicos.....	96
5.3. Erros de Morfossintaxe.....	99
5.4. Descrição dos Fonemas da língua japonesa.....	111
5.4.1. As consoantes.....	111
5.4.2. As vogais.....	115
5.4.3. Os alofones.....	116
5.4.4. As sílabas da língua japonesa.....	123
5.5. Descrição dos Fonemas da língua Portuguesa.....	130
5.5.1. As consoantes.....	130
5.5.2. As vogais.....	133
5.5.3. Os alofones.....	135
5.5.4. As sílabas de língua Portuguesa.....	138
5.6. Análise comparativa dos Sistemas em Contacto...	142
5.6.1. Fonemas do japonês s/correspondentes em Português.....	142
5.6.2. Fonemas do Português s/correspondentes em japonês.....	142

	Páginas
5.6.3. Erros fonológicos da primeira geração...	143
5.7. Erros devidos ao Dialeto Caipira.....	149
5.8. Erros fonológicos da 2ª e 3ª gerações.....	150
Capítulo 6	
CONCLUSÕES.....	153
BIBLIOGRAFIA.....	156
APÊNDICE.....	161

## ÍNDICE DOS QUADROS

	Páginas
Quadro 1 - Distribuição das variáveis sexo e idade.....	44
Quadro 2 - Número de elementos pertencentes às gerações de acordo com a faixa etária	45
Quadro 3 - Distribuição dos elementos da amostra, por sexo.....	46
Quadro 4 - Variação das profissões na amostra...	46
Quadro 5 - Demonstração da escolaridade.....	47
Quadro 6 - Demonstração da proveniência da 1ª geração.....	47
Quadro 7 - Demonstração da pronúncia da 2ª e 3ª geração.....	48
Quadro 8 - Quadro demonstrativo em que as gerações aprenderam a L2.....	52
Quadro 9 - Quadro demonstrativo das situações em que as gerações aprenderam a L2	53
Quadro 10- Demonstração das habilidades em Língua Portuguesa, Japonesa, e ambas nas três gerações.....	55
Quadro 11- Demonstração das Respostas em hábitos de Leitura, em Língua Portuguesa e Japonesa.....	58
Quadro 12- Demonstração da presença de escrita, em Língua Japonesa e Portuguesa, nas gerações.....	62
Quadro 13- Demonstração das respostas em expressão oral nas três gerações, consideradas meios e situações.....	66
Quadro 14- Demonstração da expressão oral nas Línguas Portuguesa e Japonesa, nas situações familiares e extra-familiares	68
Quadro 15- Demonstração do índice percentual em tradução e interpretação, nas gerações	69
Quadro 16 - Distribuição de respostas nos sub-itens de preferência nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações.....	73

	Páginas
Quadro 17 - Demonstração do percentual de preferência nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações.....	74
Quadro 18 - Demonstração do nível gráfico, por gerações.....	85
Quadro 19 - Demonstração das situações de rotina nas línguas Portuguesa e Japonesa.....	89
Quadro 20 - Demonstração das habilidades lingüísticas da segunda geração nas línguas Portuguesa e Japonesa.....	90
Quadro 21 - Combinações das consoantes com as vogais..	128
Quadro 22 - Fonemas consonânticos (Língua Japonesa)..	129
Quadro 23 - Fonemas Vocálicos (da Língua Japonesa)..	129
Quadro 24 - Fonemas consonânticos de L. Portuguesa..	141
Quadro 25 - Fonemas vocálicos da Língua Portuguesa..	142

## ÍNDICE DOS GRÁFICOS

	Páginas
Gráfico 1 - Estrutura administrativa.....	31
Gráfico 2 - Demonstração da escolaridade da 1ª geração (no Japão).....	56
Gráfico 3 - Demonstração do percentual dos hábitos lin- güísticos em Leitura, nas línguas Portugue- sa e Japonesa.....	59
Gráfico 4 - Demonstração do percentual em leitura, por gerações nas línguas Portuguesa, Japonesa e em ambas.....	60
Gráfico 5 - Demonstração da presença de leitura, nas línguas Portuguesa, Japonesa e em ambas, no total de população.....	61
Gráfico 6 - Comparação da habilidade e uso de leitura e escrita em língua Portuguesa e Japonesa na 1ª geração.....	63
Gráfico 7 - Comparação da habilidade e uso de leitura e escrita em língua Portuguesa e Japonesa na 2ª geração.....	64
Gráfico 8 - Representação de expressão oral.....	67
Gráfico 9 - Representação do percentual de atitudes com relação à utilidade das línguas Por- tuguesa e Japonesa.....	72
Gráfico 10- Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações. Variável-Falar.....	74
Gráfico 11- Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações. Variável- Ler.....	75
Gráfico 12- Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa nas três gerações. Variável - Ouvir.....	76
Gráfico 13- Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações. Variável - estudar.....	77
Gráfico 14- Representação das atitudes com relação à Língua Japonesa.....	78

	Páginas
Gráfico 15 - Representação das previsões quanto à permanência e utilidade da Língua Japonesa e Portuguesa.....	80
Gráfico 16 - Representação da variação das respostas numéricas, com relação à extinção da Língua Japonesa na C.E.	81
Gráfico 17 - Representação do índice percentual às respostas mais e menos conceituados.....	83
Gráfico 18 - Representação das habilidades de <u>lei</u> tura e escrita, comparados com os <u>há</u> bitos de leitura e escrita, e ambas as línguas.....	85
Gráfico 19 - Representação do percentual da linguagem oral no relacionamento familiar.....	86
Gráfico 20 - Representação da expressão oral na 2ª geração.....	87
Gráfico 21 - Representação da expressão oral na 3ª geração.....	88

## ÍNDICE DAS TABELAS

	Páginas
Tabela 1 - Ordem de aquisição das línguas japonesa e Portuguesa: Variações observadas nas três primeiras gerações.....	177
Tabela 2 - Demonstração das habilidades Lingüísticas nas três gerações.....	178
Tabela 3 - Distribuição da Presença da Leitura nas gerações.....	179
Tabela 4 - Distribuição do uso da Escrita nas gerações.....	180
Tabela 5 - Demonstração do índice percentual em interpretação e tradução.....	181
Tabela 6 <sub>a</sub> - Demonstração do uso da Língua Japonesa nos contactos familiares.....	182
Tabela 6 <sub>b</sub> - Relacionamento lingüístico nos contactos familiares entre as gerações.....	183
Tabela 7 - Distribuição da Expressão interna por gerações.....	184
Tabela 8 - Alternância na linguagem oral sob algumas condições psicológicas.....	185
Tabela 9 - Demonstração da Língua que interfere na fala (do imigrante japonês).....	186
Tabela 10 - Demonstração da Utilidade da Língua Portuguesa.....	187
Tabela 11 - Demonstração das Atitudes positivas nas 3 gerações quanto à Língua Japonesa	188
Tabela 12 - Demonstração das Previsões de Língua Japonesa, quanto a permanência.....	189
Tabela 13 - Demonstração das previsões de Língua Japonesa, quanto a utilidade.....	190

## ANEXOS

	Página
Anexo 1 - Quadro dos símbolos empregados.....	162
Anexo 2 - Texto número 1 (primeira geração).....	164
Anexo 3 - Exemplo da fala da 2ª geração.....	165
Anexo 4 - Exemplo da fala da 3ª geração.....	166
Anexo 5 - Modelo de entrevista com as donas de casa..	168
Anexo 6 - Modelo do questionário familiar.....	169
Anexo 7 - Modelo do questionário individual.....	170
Anexo 8 - Tabelas.....	177

## INTRODUÇÃO

À medida que fomos tomando conhecimento dos estudos realizados sobre plurilinguismo e bilinguismo, sentimos um crescente interesse em efetuar uma pesquisa nesse gênero. O fato de ser o Brasil colonizado, em alta percentagem, por imigrantes europeus e orientais, além do grande número de indígenas que aqui habitam, constitui imenso campo de ação para o estudo de contacto entre línguas e culturas.

Os principais estudos encontrados nesse gênero são de nações multilíngues como: Índia, Estados Unidos, Nigéria, Suíça e outras.

O grande número de línguas faladas nessas nações acarreta problemas na administração pública. Esta realidade faz com que os responsáveis pela educação incentivem o estudo dos problemas do plurilinguismo. Sendo o Brasil um verdadeiro mosaico linguístico, são necessários trabalhos dessa natureza.

Os imigrantes e seus descendentes contribuem grandemente na economia, cultura e política do nosso país desempenhando as mais diversas atividades. No entanto, o número de trabalhos sobre bilinguismo é limitado em nosso país. Tem-se estudado sobre a aculturação e desetnização do imigrante no Brasil, mas na área sociolinguística há poucos estudos feitos.

Escolhemos para a realização deste trabalho, um núcleo composto por imigrantes japoneses e seus descendentes. Objetivamos a descrição do bilinguismo, procurando realçar as funções da Língua Portuguesa e Japonesa que estão em contacto, e as atitudes do sujeito bilíngue. Para ambas as línguas, procuramos efetuar uma análise dos erros fonológicos que aqueles indivíduos cometem ao falar a Língua Portuguesa.

Segundo Weinreich 1967,<sup>1</sup> duas ou mais línguas estão em contacto quando usadas alternadamente pela mesma pessoa, que é

---

1. WEINREICH, Uriel - Languages in Contact - Findings and Problems, Mouton e Co. London - The Hague, Paris, 1967.

o "locus" do contacto. O termo bilinguismo é usado para designar a prática alternada de duas línguas, e, a pessoa envolvida bilíngue. A fala de um bilíngue varia de acordo com fatores linguísticos que influenciam a performance do bilíngue e extralinguísticos que são fatores inerentes ao bilíngue como indivíduo e aqueles que ocorrem no contacto entre grupos bilíngues. Os fatores extralinguísticos não se restringem ao bilíngue como indivíduo. A interferência pode aumentar se o contacto ocorre entre grupos bilíngues. São fatores relevantes para o estudo de interferências, o tamanho do grupo, sua homogeneidade ou diferenciação sócio-cultural, atitudes estereotipadas para com as línguas e culturas.

É importante a focalização de uma área onde o bilinguismo acarreta dificuldades de comunicação, porque este reflete problemas com respeito à política nacional de ensino e à integração das minorias étnicas. A linguagem é o instrumento pelo qual o homem pensa e com o qual ele se integra, interna e externamente. É através da linguagem que o indivíduo transmite a seus descendentes sua integração, e, por meio da comunicação verbal o mesmo se torna maturo emocionalmente e intelectualmente. Queremos salientar que é necessário sistema pedagógico especial para indivíduos cuja língua materna não é a nacional. O mesmo tratamento didático pode acarretar problemas que passam a se tornar insolúveis no decorrer da vida escolar.

Temos ainda a considerar, o fato dos brasileiros exigirem a comunicação em Língua Portuguesa para aceitação do imigrante; obrigando-o a deixar em segundo plano sua língua materna. Conseqüentemente eles passam a ser cada vez mais monolíngues em Português.

Para esta pesquisa, escolhemos uma comunidade que apresentasse problemas de línguas em contacto para que se levasse a efeito um estudo sócio-linguístico, abordando aspectos históricos e sociais. Apoiar-nos-emos, principalmente, nas obras de Mackey, Weinreich, Rubin e Hensey que tratam mais especificamente da sociolingüística (obras citadas na Bibliografia)

Pretendemos constatar: - se há resistência, por parte dos falantes dessa comunidade, na assimilação da cultura e, mais especificamente, da Língua Portuguesa; - se a Língua Japonesa é ainda seu principal meio de comunicação; - os erros que apresentam quando falam a Língua Portuguesa; - os fatores sócio-culturais que determinaram ou determinarão a aculturação lingüística. O trabalho se dirige no sentido de comprovar ou não as hipóteses; - o bilingüismo é crescente da primeira para a segunda geração e decrescente para a terceira; - os erros apresentados em Língua Portuguesa são devidos à influência da estrutura da Língua Japonesa e ao dialeto caipira, cujos falantes estiveram em contacto com os falantes japoneses dessa colônia.

No decorrer do trabalho poderemos levantar novas hipóteses ou subhipóteses que acharmos convenientes para o estudo a que nos propusemos.

CAPÍTULO 1 - HISTÓRICO

## CAPÍTULO 1

### 1.0. HISTÓRICO

É relativamente recente a imigração japonesa no Brasil. Foi no começo deste século, em 1908, que aportou em Santos o "Kassatu Maru, trazendo a primeira leva de imigrantes japoneses, compondose de 781 elementos, que desembarcaram em São Paulo, seu principal centro de localização. Espalharam-se depois por diferentes pontos do território brasileiro: Paraná, Amazonas, Mato Grosso, São Paulo.

Deu-se a imigração japonesa no Brasil, no início do século XX, época em que os EEUU, Haváí, Austrália e Canadá, não mais lhes permitiram o acesso em seus territórios. Vieram para o Brasil influenciados pela propaganda de companhias particulares de imigração e pelo governo de São Paulo, devido à necessidade de mão-de-obra para a cafeicultura. Porém, a imigração tinha caráter transitório, pois os japoneses tinham como objetivo único, obter recursos através de trabalho simples e braçal e o firme propósito de retornarem à Pátria. Mas com o advento da segunda guerra, quando a imigração foi sustada, os imigrantes que aqui se encontravam (temporariamente) decidiram pela fixação em território brasileiro.

Com o empreendimento da Companhia de Terras do Norte do Paraná, hoje Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná, cujo objetivo era a venda e a ocupação de grandes lotes rurais, houve enorme afluência de imigrantes das mais variadas nacionalidades para essa região. Nessa época (1935) encontravam-se na região Norte-Paranaense o Padre Emílio Krüger, missionário da Companhia de Jesus e Koshiro Suzuki que juntamente com Hikoma Udihara, planejaram formar um núcleo colonial japonês nos arredores da atual Arapongas.

Coube a Suzuki a iniciativa de reunir a Comunidade Católica de Bastos, Estado de São Paulo e de outras regiões a fim de convencê-los a se reunirem num só local. A idéia foi muito bem sucedida e não apenas católicos a acataram, mas também algumas famílias budistas que mais tarde foram convertidas ao cato-

licismo. Dessa forma, Udiharã, Suzuki e o Padre Emílio solicitaram à Companhia de Terras do Norte do Paraná, a reserva de mil alqueires numa só gleba, situada entre Arapongas e Apucarana, onde foi fundada a Colônia Esperança, por volta de 1935. A gleba foi dividida em sete secções, num total de 62 lotes, que foram ocupados por famílias japonesas.

As primeiras famílias vinham de Londrina a pé e alojavam-se em barracas, começando desde logo a derrubada da mata. Padre Emílio, mentor espiritual da colônia, sentiu desde logo necessidade de coesão entre as famílias, apelando então para o cooperativismo, aproveitando a experiência de algumas famílias de Bastos.

As casas, com luz elétrica, sistema de encanamento e esgoto, foram construídas com a ajuda comum, graças a um sistema gerador central. Sob o mesmo sistema comunitário abriram-se estradas, edificaram tulhas e celeiros. Os resultados foram tão inesperados que outros imigrantes para lá se dirigiram, havendo muitas vezes a repartição de lotes.

Foram reservados dois lotes de dez alqueires, ficando Suzuki com um e destinando outro a Mitra Diocesana. Foram tirados dois alqueires de cada um para a construção da Igreja, Colégio, Campos de Esportes e outras benfeitorias.

Embora a predominância tenha sido da cultura cafeeira, intercalam, nos pés de café, cultura de cereais como feijão e arroz. A produção era escoada para Arapongas e Londrina. O progresso da colônia tomou o maior vulto, com a chegada da Rede Viação Paraná - Santa Catarina, em 1940. Em 1943 os trilhos da ferrovia atingiam Apucarana, podendo-se assim atingir outros centros receptores dos produtos da colônia.

O cooperativismo manifestou-se também no campo cultural com a fundação de associações esportivas e culturais, ao mesmo tempo que se instalava um Grupo Escolar, sob a supervisão de Freiras da Ordem de São Vicente de Paulo, o qual, posteriormente passou a Ginásio Estadual.

O Padre Emílio Krüger foi transferido para Hiroshima em 1943, e, em 1944, chegou à Colônia o Frei Graciano Droadler, pro

veniente da Alemanha e assumiu a Paróquia local denominada Sagrado Coração de Jesus, a direção e a orientação da comunidade, continuando o trabalho do antecessor.

A Colônia tornava-se progressista, porém o conflito mundial trouxe severas mudanças, principalmente no comportamento do grupo e no que se referia à utilização da língua materna.

Em 17 de janeiro de 1942, o Japão, por intermédio de seu embaixador no Brasil, solicitava que não fosse alterado o estado de coisas existente entre o Brasil e o Japão, contudo a opinião pública brasileira, liderada pela imprensa falada e escrita não deu atenção à solicitação do governo japonês; surgindo uma forte campanha anti-nipônica. O Brasil rompeu relações diplomáticas com o Japão, em 28 de janeiro do mesmo ano. A partir daí sanções penais são impostas aos japoneses residentes em nosso país. As áreas que apresentavam maior concentração de imigrantes foram as mais perseguidas e entre elas estava a Colônia Esperança. Aqueles foram obrigados a tirar salvo-conduto nas delegacias de Polícia, para que pudessem se deslocar para as localidades próximas.

A principal dificuldade encontrada pelos imigrantes foi a proibição de falar a Língua Japonesa. Conta um dos imigrantes, que ainda reside na Colônia, que viajou dois dias e duas noites com seu pai sem trocar uma palavra sequer com ele, qualquer tentativa era motivo para que os brasileiros os mandassem "calar a boca". As crianças foram proibidas de frequentar a escola japonesa que existia na Colônia, na época, mas continuaram a frequentar a escola brasileira dirigida por religiosos e professores brasileiros.

Na colônia Esperança, não houve maus tratos e perseguições na época da segunda Guerra (1939-1945) salvo algumas exceções, talvez por serem os japoneses da Colônia Esperança católicos e encararem a guerra como algo além do antagonismo ideológico entre Brasil e Japão; ainda pela presença da Igreja Católica moderando as opiniões. Apesar disso, alguns imigrantes, levados pela propaganda japonesa, doutrinados por patrícios, aderiram às sociedades secretas, como a SHINDO-REMMEI que tinha fontes pró-

prias de informações sobre o Japão, mantendo permanentes contactos com o território metropolitano e trazendo informações aos súditos associados, que agiam dentro da própria Colônia.

Um dos motivos que levaram os imigrantes a aderirem às associações secretas era a firme intenção de retornar à Pátria. Baseavam-se na argumentação de que, tão logo o Japão vencesse a guerra, seriam recambiados para as suas terras de origem.

Após o conflito mundial, restabeleceu-se a comunicação entre o Brasil e Japão, e a real situação do após guerra, ou seja, a derrota do Japão foi admitida pela maioria dos japoneses residentes no Brasil.

A Colônia Esperança voltou então à plenitude de sua prosperidade com recuperação da lavoura cafeeira, proporcionando-lhe maior acúmulo de lucros. A modernização da região, com a urbanização de Londrina, Araçongas e a colonização do Norte do Paraná, traz uma nova mentalidade aos chefes de família, que resolvem optar pela cultura diversificada, avicultura, plantio de uvas, plantação de milho.

No período em questão, vários japoneses haviam melhorado seu poder aquisitivo e muitos deles deixaram a Colônia, indo para São Paulo ou para outros centros urbanizados na tentativa de novos empreendimentos comerciais ou para a educação dos filhos, o que facilitou a entrada de outros elementos étnicos (portugueses, italianos e brasileiros) naquele local com aquisição dos lotes de famílias japonesas.

Hoje, a Colônia Esperança é constituída por setecentos alqueires de terras. Encontram-se morando nela 56 famílias japonesas, aproximadamente, 538 pessoas. Suas sete secções são bem servidas por estradas de chão, mas muito bem conservadas. O principal produto sempre foi o café, apesar da forte geada que ocorreu em 19 de julho de 1975, os japoneses não erradicaram os cafezais. As propriedades estão divididas em dez, quinze e vinte alqueires com predomínio do minifúndio.

## CAPÍTULO 2 - O PROCESSO ACULTURATIVO DO IMIGRANTE JAPONÊS

## CAPÍTULO 2

### 2.0. O PROCESSO ACULTURATIVO DO IMIGRANTE JAPONÊS

#### 2.1. Conceito de Cultura

Para que possamos delinear o processo aculturativo, cabe-nos, inicialmente, fazer um estudo do que seja o conceito de cultura. Dentre os muitos sentidos que a mesma tem, interessa-nos o seu sentido antropológico. Segundo Tylor, Cultura é todo complexo que inclui os atos recursos, técnicas, organizações, crenças, idéias, habitação, vestuário, alimentação, língua, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. A cultura sempre é transmitida por tradição e só se modifica com dificuldades e sob pressão. É a cultura e somente ela que diferencia os grupos humanos, embora todas as culturas humanas se assemelham, por oferecerem conjuntos de respostas sistematizadas aos problemas universais da existência humana; porém, todas essas respostas diferem entre si, e, portanto, cada cultura é característica.

Cada representante da nossa espécie nasce numa sociedade em andamento e para sua inserção é necessário a internalização da cultura de seu grupo. Outro princípio antropológico é que cada povo acha melhor e mais razoável a própria cultura, e não aceitando, a princípio, outras formas diversas das suas. Em outras palavras, para a adoção ou reinterpretação de "complexos" culturais, toda a sociedade estabelece com maior ou menor rigor, certa crítica. Diz-se inclusive que há sistemas sociais mais abertos que outros, no sentido de aceitar inovações.

O imigrante japonês quando veio para o Brasil trouxe consigo uma cultura milenar. É óbvio que houvesse uma rejeição inicial na internalização da cultura brasileira, acrescida ainda pelo fato de vir ao Brasil em caráter transitório, e também pela sua condição social de empregado nas fazendas de café, tendo que conviver com colonos brasileiros cujo "modus vivendi" era ainda caracterizado pelo primitivismo. É importante ressaltar, que eles eram pessoas escolarizadas, não acostumadas a utilizar enxadas e machados, o que, segundo Saito, tiveram que aprender. Contamos ainda com a inexistência de condições para se comunicarem, da

da a ausência de intermediários bilíngües que os colocassem a par das ocorrências de uma sociedade e outra.

## 2.2. Linguagem e Cultura

Para Strauss "a linguagem aparece também como condição de cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar à da linguagem".<sup>2</sup> É sobretudo através da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu próprio grupo. Ambas levaram milênios para se desenvolver. Por meio da língua o homem foi capaz de inventar, continuar e modificar a grande variedade de instituições culturais de natureza material e não material que possuímos. "A importância da língua na promoção dos aspectos criadores da cultura é óbvia".<sup>3</sup>

Língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários aprendidos e partilhados, através dos quais os seres humanos, pertencentes a uma mesma comunidade, se comunicam em termos de suas experiências culturais e anseios comuns. O homem comunica através de símbolos, suas experiências. Esse comportamento humano é chamado por Leslie White de "simbolado". "Uma coisa ou acontecimento que depende de simbolização, um simbolado, é apenas o que é, mas pode se tornar importante quando se situa dentro de determinados contextos".<sup>4</sup> O homem pode fazer um retrospecto e falar sobre o que lhe aconteceu no passado, as coisas que estão acontecendo enquanto faz, as que acontecerão ou poderão acontecer ou mesmo as que não podem acontecer.

A linguagem é considerada como um meio através do qual se realiza a interação entre os seres humanos. Interação humana equivale à comunicação. Comunicação e interação acontecem somente no contexto do ambiente cultural dos comunicantes. A língua

---

2. Levi - Strauss - Antropologia Estrutural, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1973, pp 86.

3. Herskovits, J. Melville - Antropologia Cultural - Editora Mestre Jou - SP. 1947 pp 247.

4. White, Leslie pp. 46.

em si, é um sistema da cultura humana, através do qual os outros sistemas são refletidos e transmitidos. Tão logo o homem dominou a linguagem e a cultura, tornou possível a sua adaptação.

Em se tratando dos japoneses, para que pudessem se adaptar à nova cultura, foi-lhes necessário grande esforço para aprender a Língua Portuguesa, porém como o aprendizado desta lhes trouxesse sérias dificuldades, foram qualificados de inassimiláveis. Não se pode afirmar a existência de um processo gradativo do abandono da língua de origem para aceitar a língua nacional. Uma vez não havendo coação por parte das autoridades brasileiras, pode-se pressupor que no princípio da entrada dos colonizadores, a língua de origem sobrepujava a Língua Portuguesa. Mas, ocorreu a necessidade do aprendizado dessa língua. E, das anotações em Língua Japonesa até o uso da Língua Portuguesa, várias estratégias foram adotadas, como a procura de um professor que na época foi substituído por um intérprete que nem sempre falava o Português, mas o Espanhol (Saito, 1973). Quando chegaram a conhecer alguns rudimentos da língua da nova terra, foram mal interpretados, sendo obrigados, às vezes, recorrer aos intermediários para desfazer os compromissos assumidos, por falsa interpretação de um e outro lado. Parece que o problema da linguagem foi amenizado pelas crianças, cuja capacidade em aprender uma segunda língua é bem maior que a do adulto.

Somente depois de vencida esta barreira é que tiveram meios para se socializarem.

### 2.3. A Socialização como Fator Cultural

"A socialização é o processo pelo qual a pessoa humana aprende e interioriza, ao longo de sua vida, os elementos sócio-culturais do seu meio, e os integra à estrutura da sua personalidade, sendo influenciado por experiências e agentes sociais significativos; é graças a esse processo que a pessoa humana se adapta ao ambiente social no qual deve viver".<sup>5</sup> A socialização

---

5. Rocher, Guy - Introduction à la Sociologie Générale.

I. L'action Sociale. Paris, H.M.H, 1968  
pp 61-132.

é resultante do processo de aprendizagem, pois ao nascer o indivíduo é incapaz de participar da sociedade a que pertence. "A socialização é o ensino que capacita o estudante a desempenhar funções sociais".<sup>6</sup> Cultura é o que se aprende na socialização.

Assim a criança, à medida que vai se socializando, vai interiorizando os padrões culturais de sua família, que lhe impõe os padrões culturais de seu grupo. Portanto, a socialização é fator preponderante para assimilação da cultura. Não só a criança tem possibilidades de assimilação como também o adulto. Segundo Harry M. Johnson,<sup>7</sup> a socialização dos adultos é mais fácil do que a da criança devido a, pelo menos três razões: 1)- O adulto é normalmente motivado para trabalhar numa meta que já imagina; 2)- A nova função que ele está tentando interiorizar assemelha-se muito às funções já existentes em sua personalidade; 3) - O agente socializante pode comunicar-se facilmente com ele, através da linguagem.

Porém, quando as funções a serem aprendidas, são complexas, podem trazer à socialização do adulto grande dificuldade decorrente de um processo prolongado. Por exemplo, quando as funções ou normas a serem aprendidas entram em choque com as já interiorizadas por ele.

Transpondo este conceito para a situação do imigrante japonês, notamos que as três razões dadas acima como facilitadoras da socialização, são mais complexas do que se apresentam à primeira vista. Isto porque, a dificuldade do imigrante iniciou-se na realização do seu próprio trabalho. Muitas vezes eles não puderam utilizar suas experiências porque o meio não lhes proporcionava condições, trazendo-lhes insegurança no alcance de seus objetivos. Embora, por outro lado, poderíamos afirmar

---

6. Johnson, Harry M. - Introdução sistemática ao estudo da Sociologia, Tradução de Edmond Jorge, Coleção Secretas, Lidador 1967, pp. 125.

7. idem

que os mesmos motivos que teriam dificultado a socialização, poderiam facilitá-la, porque o desequilíbrio provoca a aprendizagem.<sup>8</sup> A bagagem de conhecimentos trazida por eles serviu como ponto de referência para a reaprendizagem dos novos padrões culturais, apesar de toda diversidade que o meio geográfico e cultural oferecia. Acontece que eles tinham como ponto favorável o fato de sua cultura ser mais burilada do que a do país receptor o que os dotou de experiências, facilitando assim a socialização. Tinham como ponto favorável a linguagem. Foi mais uma barreira que o imigrante teve que transpor, pois não poderiam esperar que o brasileiro aprendesse sua língua. Devido a isso tiveram que tomar a iniciativa de aprender o português e foram auxiliados por seus filhos, que dado ao convívio com as crianças brasileiras, contribuíram para o êxito do processo socializador.

#### 2.4. Aculturação

Para Herskovits a aculturação compreende aqueles fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos possuidores de diferentes culturas entram em contacto contínuo e direto, com subsequentes mudanças nos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos.<sup>9</sup> Da definição acima podemos constatar que a principal característica da aculturação é a ação recíproca dos grupos de indivíduos com culturas autônomas. É o termo aculturação que exprime a noção de contacto entre culturas distintas de um ou outro grupo.

A condição prévia para o processo aculturativo é quebra do isolamento. Enquanto uma sociedade está isolada não tem a oportunidade de comparar os seus próprios costumes com os dos outros. No momento em que uma sociedade passa a contactar com outra, surge um potencial para comparação. Dificilmente uma sociedade não sente o impacto de uma cultura diferente da sua.

---

8. Piaget, J. - O nascimento da inteligência na criança.

9. Herskovits e outros - Memorandum of the Study of aculturation American Anthropologist, XXVIII, 1936.

O processo da aculturação pode afetar não só aqueles que dão, como aqueles que recebem. A sociedade receptora tende a aceitar apenas os elementos que preenchem uma necessidade, especialmente se as coisas novas puderem ser interpretadas apenas como modificações de traços já existentes.

Um grupo forte procura impor o seu sistema de valores culturais a outro mais fraco. Mas é quase impossível para a sociedade imitadora adotar toda a forma de vida do povo dominador. Isso decorre de um processo de transição onde a sociedade imitadora vai perdendo a fé nos próprios valores tradicionais, e não tem os meios suficientes para adotar os mais desejáveis. No decurso da aculturação o equilíbrio existente é sempre perturbado.

Como já vimos, a imigração japonesa para o Brasil foi iniciada oficialmente em 1908, apenas há 68 anos. Temos que crer que ainda é cedo para chegarmos a conclusões válidas sobre aculturação desses imigrantes. "A colônia japonesa no Brasil não constitui uma unidade".<sup>10</sup> Isto porque núcleos de japoneses estão espalhados por todo o território nacional, ou seja, no Estado de São Paulo, Amazonia, Paraná, nas zonas urbanas e rurais com todo o tipo de atividades. "Ainda não existe nenhum trabalho que tenha tentado integrar essa diversidade, fazendo um balanço do processo aculturativo nas suas várias modalidades".<sup>11</sup> Embora haja muitos trabalhos que nos permitam depreender algumas linhas gerais, não abrangem a totalidade das situações significativas. Levam-nos a deduzir que o processo aculturativo é rápido e que as gerações desempenham papéis diversos. Os jovens desempenham um papel estimulante no processo aculturativo, enquanto que os velhos são mais conservadores, ainda arraizados às tradições do país de origem." Os jovens pregam a necessidade da integração total na sociedade nacional e procuram, realmente participar da vida do país".<sup>12</sup> Discutem sobre problemas brasi-

---

10. Cardoso, R.C.L. O agricultor e o Profissional Liberal entre os japoneses no Brasil: In Estudos Brasileiros.

11. idem

12. Cardoso, R.C.L. O papel das Associações Juvenis na aculturação dos japobeses: In Assimilação e Integração dos Japobeses no Brasil - pp. 317-345.

leiros e não sobre a sua situação de "nissei". Consideram-se brasileiros. Muitas vezes, ao chamá-los de "japoneses", os nisseis (filhos do imigrante) e sanseis (neto do imigrante), reviram corrigindo-nos, imediatamente, dizendo serem brasileiros.

"A passagem de uma geração para a outra constitui um molejo que propulciona a transformação nas comunidades de origem japonesa".<sup>13</sup> A maior parte dos isseis deixou de se sentir como imigrante. O padrão de comportamento que trouxeram da comunidade de origem deixou de satisfazer os residentes no Brasil.

"Não só a geração de nisseis que se vai aculturando, é um processo geral que atinge toda a colônia, criando, por isso mesmo, condições especiais de vida para os jovens colocados entre dois mundos culturais superpostos e não paralelos".<sup>14</sup>

"O povo japonês é rico em experiência no recebimento, na aceitação das culturas alienígenas, mas praticamente vigem no processo de contacto com povos de culturas distintas, no processo de miscigenação social com outros povos em situação de igualdade".<sup>15</sup>

O imigrante japonês sempre esteve colocado em posição de minoria no Brasil, porém não houve a característica de povo dominante e dominado. É o processo de aculturação do japonês encontrou barreiras, inicialmente, no imigrante e não no povo recebedor. Isto porque, os que vieram inicialmente para o Brasil, vieram em caráter temporário, não havia aquela intenção de adaptar nem de participar, mas exclusivamente a de conseguir dinheiro e retornar para a Pátria. Somente depois da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial é que o japonês se preocupou em se fixar no Brasil, a partir deste fato histórico é que ele procurou participar e se integrar no seio da sociedade receptora.

---

13. Saito, Hiroshi - Comunidade Rural - In Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil pág. 212.

14. Cardoso, R.C.L. - O papel das Associações Juvenis na Aculturação dos japoneses: in Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil - pp. 325

15. Ono, M. e Wakisata, W. - Cultura, Migração e Nissei. In Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil-pp.531-537

O processo aculturativo dos japoneses no Brasil, deve-se a vários fatores, tais como: casamentos mistos, habitat, alimentação, associação juvenil, a escola e a língua.

#### 2.4.1. O Casamento

O casamento dos japoneses e descendentes constitui um arranjo entre as famílias. Isto pelo desejo de unir uma família a outra, como também para resguardar o interesse de uma ou de outra família. Para tanto, a escolha do cônjuge cabe aos chefes de família. Tem em vista o regime patriarcal. Quando um jovem atingia a maioridade, passava a ser pressionado para que contraísse matrimônio. A técnica consistia em procurar um dos chefes de família denominado "nakodo" ou intermediário. As vezes, existia na kodo por parte da noiva e do noivo, aqueles visitavam os pais dos futuros nubentes a fim de combinar o encontro dos jovens casadoiros. Esse encontro era denominado "miai". Se os jovens aceitavam marcava-se o dia das núpcias. Quando ocorria o encontro ou miai, procedia-se uma reunião dos pretendentes e intermediários com festa. Atualmente o miai ainda acontece nos termos iniciais, porém, com mais flexibilidade, já é permitido o namoro e o rompimento do mesmo, sem melindrar os mais velhos. No entretanto é mais comum ocorrer a moda brasileira.

Quando a família da moça não tem primogênito do sexo masculino, ou na inexistência de filho apto para sucessão, a família procura entre os jovens de sua etnia um para contrair matrimônio com a filha do casal, e automaticamente esse jovem passa a ser o herdeiro.

Segundo Vieira:

"...O Código Civil Japonês prevê a adoção legal de um noivo, um mukoyoshi que, casando-se com a filha do casal, garante a continuidade da família patrilinear como grupo corporado através de um nome e ocupação. O mukoyoshi assumiu um status equivalente ao de uma noiva, tomando o nome da família da esposa, honrando seus ancestrais e residindo junto aos pais desta. A posição do muko-

yoshi é considerada extremamente desagradável" <sup>16</sup>

O sistema de mukoyoshi não é aplicável no Brasil nos termos do Código Civil Japonês, encontra falta de apoio legal. Os japoneses procuram resolver essa situação da seguinte forma: a) adotando o jovem e casando-o posteriormente com a filha adotiva, registrada como filha legítima; b) enviando a filha para o Japão a fim de encontrar um mukoyoshi; c) adoção de duplo sobrenome para os filhos; d) casamento realizado no Consulado Japonês.

O casamento misto já é comum numa comunidade nipônica e isto já nos mostra uma ruptura com os valores tradicionais, pois esses casamentos não são contratados, como é comum no sistema matrimonial japonês. Ainda existe resistência ao casamento misto. Mesmo quando há aceitação imediata ou posterior, apresenta-se um afastamento do casal ao grupo étnico, ou apenas contatos esporádicos. Eles passam a um relacionamento maior com os brasileiros. Os japoneses explicam a oposição ao casamento misto, no sentido de não quererem misturar "raças".

Podemos considerar como resistência à aculturação os casamentos contratados e, uma margem à aculturação, os casamentos mistos. Estes é que constituem uma ameaça aos padrões tradicionais da família, pois alteram o grupo étnico, deixando o indivíduo de ser um membro do grupo étnico. As famílias ligadas por casamentos mistos vão se desagregando lentamente do grupo.

#### 2.4.2. O Habitat

Saito<sup>17</sup>: "A migração de grupos humanos implica, de maneira imperiosa, em uma série de processos de ajustamento, individual ou coletivo, ao novo habitat".

---

16. Vieira, F.I.S. Adaptação e Transformações no Sistema de Casamento entre Issei e Nissei. In Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil - pp. 308

17. Saito, Hiroshi. O japonês no Brasil. Estudo de Mobilidade e Fixação. Editora "Sociologia e Política, São Paulo, 1961.

O imigrante levou muito tempo para se adaptar à nova terra, pois encontrou tudo diferente. Começando pelo transporte, cujos navios não tinham condições higiênicas ocasionando surto de epidemias. Aqueles que se dirigiram para o interior do Brasil não tiveram assistência médico-sanitária, encontraram ainda, condições naturais adversas, desconhecidas pelo imigrante, o que os levaram a contrair doenças endêmicas. Podemos considerar que o primeiro e maior problema encontrado pelo japonês é o que concerne à deficiência do serviço da Saúde Pública. Com sua chegada inicia a fase das mudanças de alimentação, de adaptação, climáticas, higiênicas e de trabalho. Nesse contexto foi necessário adaptação da nomenclatura lingüística, isto é das expressões e vocábulos que designam o novo contexto social. O aprendizado da Língua Nacional cuja estrutura divergia completamente da sua.

#### 2.4.3. Associações Juvenis

As associações juvenis exercem um importante papel no processo aculturativo do grupo nipônico. Existe um grande número dessas associações pelo Brasil, com atividades organizadas e frequentadas por jovens descendentes de japoneses.

Os japoneses agrupam-se em associações por idade, com funções definidas, sendo portanto, grandemente valorizadas pelo grupo étnico, no sentido de incentivar a cultura japonesa. O objetivo dessas associações é integrar o jovem nissei, proveniente da zona rural, a certas condições rotineiras da vida urbana, pois a família é falha no papel integrador. "O êxito profissional dos jovens, que é uma meta na educação familiar do nissei, depende desta integração aos ideais de comportamento da sociedade brasileira; para possibilitá-la, as associações oferecem aos nisseis oportunidades para se adaptarem a seus papéis ocidentais".<sup>18</sup> Visto que a família não é capaz de preparar os jovens para os papéis que terão como adultos, ela o incentiva à procura de uma profissão urbana, mas não prepara sua integração na sociedade brasileira, condição necessária ao êxito.

---

18. Cardoso, R.C.L. - O papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japoneses: In Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil - pp. 330

Devido a esses fatores as associações criam funções específicas, tais como: tornar o nissei, brasileiro , usando para tal, tipos de esportes comuns no Brasil, recreações, uso da Língua Portuguesa, conhecimento dos valores, usos e costumes. As agremiações inicialmente constituíam grupos fechados, somente permitida aos nisseis, isto porque pretendiam estar bem com a colônia japonesa. Mas o relacionamento afetivo entre os agremiados e os brasileiros, colocaram-nos em situação conflitiva, isto é, ou se permitiam a entrada de brasileiros nas associações, ou aqueles deixariam de frequentá-las.

#### 2.4.4. A Língua

Não seria necessário aqui uma descrição da língua como um dos fatores de aculturação, porque faz parte dos objetivos deste trabalho, e será amplamente desenvolvido nos outros capítulos.

## 2.5. Descrição Sócio-Cultural da Colônia Esperança

Ao descrever o perfil sócio-cultural de uma comunidade, é necessário considerar as relações humanas, os principais tipos de atividades do grupo, os diversos níveis de atuação da comunidade e o seu ambiente físico.

### 2.5.1. A estrutura familiar

O ambiente familiar da Colônia Esperança não difere das outras famílias japonesas residentes no Brasil, a não ser naquelas características que são peculiares a cada uma individualmente. O elemento mais importante nesse convívio íntimo é o chefe de família e isto decorre do regime patriarcal, herdado do sistema japonês, vigente no Japão na época da Imigração. No código civil japonês de 1898, a mulher era considerada incompetente, sendo a autoridade do marido absoluta. Foi essa mentalidade que eles emigraram para o Brasil. Aquele código começou a ser alterado após a 2ª guerra mundial.

Decorrente da regulamentação jurídica de 1898, o regime familiar dos imigrados japoneses é o patriarcal-patrilinial e isto equivale a dizer que o chefe de família (o que não é necessariamente o pai, podendo ser um dos filhos), tem poderes sobre seus familiares. Convém explicar que não é uma autoridade de submissão de indivíduo para indivíduo. Trata-se de uma lealdade ao valor comum da família. Nesta há uma hierarquia na colocação de seus elementos, frente aos problemas comuns. Essa hierarquia é determinada pelo conceito de propriedade. Esta não pode ser dividida, como não o é no Japão, pois se trata de uma propriedade ancestral.<sup>\*</sup> Essa visão que os imigrantes têm sobre o montante básico familiar determina a posição dos filhos. Estes são caracterizados como "filho sucessor" e filhos "não sucessores". O filho sucessor, geralmente o primogênito masculino, é o único herdeiro<sup>19</sup> O filho não sucessor é auxiliado financeiramente pelo pai na ocasião de sua independência, uma vez que é uma das obrigações do pai, possibilitar ao filho o início de uma vida econômica, auxiliando-o com uma economia acumulada para tal fim. Normalmente, procuram dar estudo a nível Universitário aos filhos e filhas

---

19. No sistema Jurídico Brasileiro todos os filhos são herdeiros

não sucessores, o que é considerado economia a longo prazo, sendo portanto, além da obrigação, a maior preocupação dos pais tornar os filhos independentes. Existe em muitas famílias uma clara separação social e cultural entre os irmãos, isto é, aqueles que estudam e aqueles que trabalham. Embora em algumas famílias até o filho herdeiro tenha igual tempo para os estudos.

Outro aspecto que temos a considerar é o uso comum de se aposentar o chefe de família quando este completa setenta anos, cabendo-lhe escolher o filho herdeiro para tomar conta de patrimônio familiar. A escolha geralmente recai sobre o filho mais velho se este se encontra em companhia da família, ou então ao seguinte em ordem cronológica. O pai, a partir daí, serve como conselheiro do sucessor. Porém, na Colônia Esperança, há uma tendência dos filhos abandonarem a família, de acordo com as melhores oportunidades de trabalho e estudo.

A família japonesa da Colônia estudada é numerosa, tem em média 8 filhos, há um número bastante significativo de famílias que tem mais de 14 filhos. Com relação ao casamento já não é tão comum a tradição do "miai", que consiste em arrumar um padrinho para contratar o casamento para a moça e o rapaz: O "mukoyoshi" (noivo adotado) é praticamente desconhecido na comunidade, o fato disto ocorrer pode ser justificado pelo grande número de filhos, dando probabilidade de se ter o herdeiro sucessor na própria família. Já há muitos casos de casamentos mistos, apesar de não serem bem vistos pelos chefes de família. Para que o jovem se case com um elemento de outra etnia ele enfrenta uma série de problemas, dentre eles a desobediência aos pais, que a princípio mostram bastante resistência, para posteriormente conceder. Muitas vezes, a permissão não é dada e só depois de algum tempo de casado, os filhos voltam a frequentar a casa dos pais. Normalmente os maridos japoneses são fiéis e a fidelidade da mulher é incontestável, a isto poder-se-ia atribuir a constatação de nem um caso de separação, ou desquite. Também dentro da Colônia não há nem um casal vivendo em situação ilegal. Pelo número médio de filhos pode-se deduzir que praticamente não há controle de natalidade, o que é perfeitamente explicável por ser uma comunidade rural e quantos mais filhos mais braços para a lavoura, como também por se prenderem as diretrizes católicas.

Com referência à composição familiar é comum encontrarem-se morando juntas as quatro gerações, isto é, avós, pais, filhos e netos. É interessante o respeito que se dedica aos mais velhos estes, pode-se dizer, são sempre obedecidas e jamais contrariados. O conflito de gerações está presente, principalmente quando entram em discussão as tradições japonesas. Para os jovens que convivem com os brasileiros torna-se difícil aceitar certos padrões de comportamento que os velhos pretendem lhes impor, visto que, os jovens desconhecendo o aspecto cultural da tradição japonesa, consideram-nos como superados, alegando já não ser possível inserí-los no contexto social a que estão acostumados.

O papel da mulher casada no convívio familiar prende-se a princípios de atuação, o que a deixa bastante omissa nas decisões dos problemas de interesse comum ao casal. Ela não tem palavra ativa, vive na dependência total do marido. Apesar desta colocação já não ser tão comum nos casais mais jovens, que estão a acompanhando a nova posição da mulher no mundo atual, como por exemplo o fato de algumas já trabalharem fora do lar.

O relacionamento entre as famílias da Colônia é bastante freqüente, visitam-se reciprocamente sendo que estas visitas ocorrem geralmente aos domingos.

#### 2.5.2. Estrutura alimentar e vestuário

A alimentação básica já consiste em sua maior parte de comida brasileira. Quanto à cozinha japonesa, os pratos mais comuns como se pode verificar através de entrevistas com as donas de casa, são a sopa missoshiro, feita com tempero de soja; okoko (nabo branco); sashimi (peixe) e algas. Usam largamente o soja, fabricando até mesmo o queijo. O tempero é todo japonês, produzido no Brasil<sup>20</sup>; konhaco que é feito de batata; lako que é conhecida pelos brasileiros como "cebolinha japonesa"; shoi-missô que é feito de soja. É comum em suas refeições o broto de bambu, inhamé de qualidade japonesa, combo e nori que são algas, mikisushi que é uma espécie de rocambole, arroz preparado só com água e sal. Como sobremesa só usam frutas cultivadas na própria Colônia

---

20. Nos grandes supermercados da Região encontram-se seções especiais com produtos comuns à cozinha japonesa.

a kioko que é uva de qualidade japonesa e ponkan, uma variedade de tangerina. Também se servem de bebidas como: cerveja, vinho, caipirinha, sakê, durante, antes ou após as refeições.

É hábito quase comum a todas as famílias, o fato da dona de casa passar as tardes de domingo fazendo bolinhos para o café. Eles são guardados em latas e se conservam por toda a semana.

Nos dias frios, acendem o kokatzu, que é um fogareiro, em torno do qual se protegem da temperatura fria e fazem refeições próprias para essa época do ano, como o sukiaki, que se come durante todo o dia, pois à medida que acaba, se faz novamente, enquanto conversam. Usam o "hashi", um par de pauzinhos, como talher para as comidas japonesas e para pegar qualquer tipo de frituras. Quando recebem visitas estas podem optar pelo uso do garfo ou do hashi.

Nas festas predomina o sukiaki, por ser um prato apreciado pelos brasileiros, bebe-se o sakê, cerveja, aguardente. Cada convidado prepara o prato a seu gosto, cozinhando ou fritando o que escolhe, pois pequenos fogareiros são postos à mesa. Os doces também são comuns nessas festas, observa-se uma mistura indiscriminada de doces japoneses e brasileiros, como por exemplo o doce de feijão, abóbora, bolachas e balas.

As compras dos alimentos são efetuadas no armazém na Colônia ou em Arapongas e Apucarana.

O vestuário apresenta-se bem ocidentalizado. Observa-se que as mulheres mais idosas se vestem com roupas simples, normalmente mais compridas que o usual e não se preocupam com a moda. Muitas vezes, mulheres e homens usam o quimono para estar em casa. Quanto aos jovens não se pode notar nenhuma característica japonesa através de seus trajes, muitos deles procuram ainda seguir os modelos da época. Em festas tradicionais japonesas, observa-se o uso do quimono e das sombrinhas, como também os penteados são feitos à semelhança das queichas. Dançam e cantam músicas japonesas, tendo como cenário uma cerejeira florida e quando podem apresentam como pano de fundo um palácio japonês ou o Fujiyama.

### 2.5.3. Estrutura religiosa

Apesar dos japoneses serem de uma cultura totalmente diversa da nossa, o fato de possuírem a mesma ideologia religiosa torna-os mais próximos dos brasileiros. Interessante observar no entanto que a mesma cultura religiosa oferecida a japoneses e brasileiros se apresenta de maneira diferente nos comportamentos. O japonês, devido aos seus princípios de obediência e lealdade aos superiores transmitidos pela cultura, encara a religião como doutrinadora de seu comportamento ético individual e profissional, pois podemos constatar que devido a isto notamos nessa sociedade, a assiduidade às atividades religiosas, o não controle da natalidade, bom relacionamento com o outro, evitando desavenças.

Na Colônia Esperança, a missa é realizada em língua Portuguesa e Japonesa. Através de entrevistas com os chefes de família e da observação, podemos constatar que: há missas todos os dias, às sete horas. Aos domingos são realizadas duas missas: a das sete horas, em Língua Japonesa, que é denominada pelos moradores de missa dos velhos; e a das dez, em português, ou missa dos jovens, sendo também freqüentada pelos empregados da Colônia. É bastante comum o casal de velhos irem à missa juntos quando isso não é possível, o velho vai à segunda missa e a esposa, à primeira, porque tem que voltar e fazer o almoço, que é por volta das onze horas.

Os casamentos são realizados na sua maioria aos sábados à tarde, seguido de uma festa após a cerimônia. Esta é realizada em Língua Portuguesa ou Japonesa, de acordo com a preferência da família do casal. Os noivos costumam se vestir à moda brasileira sendo a igreja enfeitada também à moda brasileira.

O batismo, outro cerimonial do catolicismo, não tem características diferentes dos realizados pelos brasileiros, a única diferença é a opção da língua.

A igreja da Colônia Esperança tem estilo alemão. Foi construída pelo Padre Emílio Krüger, com o auxílio dos moradores. Tem amplo pátio gramado e árvores a circundam. No seu interior, a única característica que demonstra o povo que a freqüenta são os

anjos com olhos orientais. A igreja fica localizada no Centro da Colônia, perto da escola e do armazém. É o único templo religioso.

#### 2.5.4. A Estrutura Pedagógica.

A escola é estadual. A construção é de alvenaria, com amplas salas de aula, com repartições para o sistema administrativo em dois períodos e o ensino ministrado é de primeiro grau. No período matutino funciona da primeira à quarta série e no vespertino da quinta à oitava. O segundo grau já é cursado pelos estudantes em Arapongas ou Apucarana. A formação dos professores em sua maioria é de ensino superior, havendo também algumas normalistas que ministram aulas somente da primeira à quarta série. Nem todas as professoras residem na Colônia, algumas vêm todos os dias de Arapongas.

A atitude dos pais com relação à educação dos filhos é bastante positiva, pois se constitui na preocupação máxima. Esse é um fenômeno muito comum aos imigrantes japoneses, bem como, tem sido observado, com maior ou menor intensidade, entre os colonos europeus no sul do Brasil. Frequentemente, na falta de um grupo escolar, os pais se veem obrigados a mandar seus filhos à escola da cidade. Essa medida não é necessária na Colônia Esperança, pois desde o início houve preocupação com a educação das crianças, e ali, no meio dos cafezais, encontra-se um estabelecimento de ensino de 1º grau comparável ao das cidades vizinhas.

O Grupo Escolar "19 de abril", é frequentado por filhos de japoneses e de brasileiros. A frequência é alta, não há problemas quanto ao material escolar, os alunos sempre trazem seus deveres feitos e, dizem os professores, que não há problemas de disciplina e há um alto nível de aprovação. Não há escola de Língua Japonesa na Colônia e o ensino ministrado na escola pública segue o currículo das demais escolas da região.

Como forma de relacionamento existe ainda na Colônia uma Associação dos jovens e uma dos velhos. Essas associações têm como objetivo a discussão dos problemas internos da comunidade, bem como dos seus participantes. A Língua Portuguesa e Japonesa são utilizadas por jovens e velhos respectivamente.

Como recreação é bastante comum nos fins de semana fazerem churrascada no salão paroquial, onde principalmente os homens se reúnem para conversas informais. São comuns as reuniões dançantes que proporcionam maior entrosamento entre os jovens, iniciando, muitas vezes, o namoro. Outra forma de lazer são as quermesses.<sup>21</sup> Também são feitas competições esportivas das mais variadas entre equipes da própria Colônia e com equipes das redondezas.

#### 2.5.5. Estrutura patrimonial e de produção

Na Colônia Esperança, que era caracteristicamente de produção cafeeira, atualmente encontramos granjas, criações de porcos, plantações de Kiri e criação do bicho da seda, tudo dentro dos padrões da técnica agrícola. Diante dessa diversidade de culturas, os japoneses, que eram especificamente lavradores, passaram a ter outras atividades como: avicultura, suinocultura, sericultura. A paisagem da propriedade rural também sofreu modificações. Ao redor das residências encontramos uma série de galpões especiais para abrigar o bicho da seda, como também mangueirões mais sofisticados, além de depósitos de cereais e café, garagens, oficinas, secadores.

Com referência às habitações existem somente dois tipos: as construídas de madeira e as de alvenaria. Localizam-se na parte fronteira do lote, perto da estrada principal que corta a Colônia ou das estradas secundárias. É uma colocação bem diferente das demais zonas rurais do Norte do Paraná, onde são comuns imensos carreadores que dão acesso às residências.

As habitações de madeira são as mais frequentes, construídas na época da fixação do imigrante, melhoradas e ampliadas posteriormente. Possuem varandões, que funcionam como vestíbulo para os visitantes. As casas são assoalhadas, possuem água encanada, apresentam cobertura de telhas de duas águas. As dependências possuem geralmente dois ou três quartos, conforme o tamanho da família; uma sala onde se encontram a televisão, jogo de sofá de napa, ou mesa com cadeiras; cozinha ampla, com fogão a gás e

---

21. Não era costume oriental.

de lenha, dispensa (lugar onde armazenam os mantimentos de consumo diário). O banheiro, está geralmente situado dentro da casa, seu piso é cimentado, possuindo sempre o "furô" que é uma banheira retangular, protegida por chapa de cobre, em baixo da qual acendem o fogo, para manter a água quente. Algumas residências possuem o "furô" mais sofisticado e aperfeiçoado aquecido a gás.

O segundo tipo de habitação é o de alvenaria. Construídas nos últimos anos; são construções amplas, com todo o conforto de residência de zona urbana. Possuem televisores, telefones e são acortinadas. Essas casas possuem também cobertura de telhas ou lajes. O "furô" nessas residências é substituído por aquecedores a gás que fornecem água quente diretamente à banheira os cômodos são taqueados e sintecados. Essas residências pertencem aos chefes de família de melhor situação financeira, advinda de maior sucesso na lavoura.

As flores diversificadas fazem parte do quadro habitacional. No interior das residências encontramos vasos de xaxim com flores das mais diversas; os kezans,<sup>22</sup> demonstrando a arte ikebana. Também é comum em todas as residências, aquários, calendários, frases escritas com caracteres japoneses e a foto do Imperador.

#### 2.5.6. Estrutura viária

Os meios de transporte e locomoção utilizados pelos moradores da Colônia Esperança são: automóvel, trator tração carretas, não se observando a existência de bicicletas ou motocicletas; o cavalo ou carrinhos com burros são vistos, mas usados apenas pelos empregados dos sítios. Como meio de transporte coletivo, duas linhas servem indiretamente a Colônia, porque passam pela rodovia federal, e param em um "ponto de ônibus", em frente à estrada da Colônia. O fluxo dos ônibus é de hora em hora. Essas linhas são as que servem de Apucarana a Londrina e vice-versa.

Dentro da Colônia não há nenhum meio de locomoção coletivo. Os moradores servem-se da condução própria para ir à Igreja; levar as crianças à escola, ou a outros lugares. Aqueles que

---

22. Kezans são arranjos de flores

não possuem condução, fazem o trajeto a pé. Os jovens que cursam o 2º grau ou Faculdade vão para Arapongas de condução própria servindo-se de um sistema de rodízio entre os carros.

A Colônia Esperança é servida de energia elétrica, fornecida pela COPEL. Em todas as residências as instalações elétricas foram feitas a fim de proporcionar o conforto e usufruir dos meios de comunicação de massa como: o rádio, a televisão, que são bastante comuns nessa localidade rural. Em um dos canais de televisão, existe um programa aos domingos, que se intitula "Imagens do Japão", transmitido em língua portuguesa, cujo índice de audiência é elevado. Assistem também a outras programações dominicais.

Devido a inexistência de Agência de Correio na localidade, o armazém serve como ponto coletor e distribuidor de correspondência, sendo o local de encontro dos moradores da comunidade e utilizado para a transmissão de avisos e recados.

Em muitas residências encontramos jornais, em português e japonês, em algumas delas constatamos a presença de uma biblioteca com livros didáticos, dicionários, livros japoneses e periódicos.

#### 2.5.7. Estrutura Político-Administrativa

A estrutura político-administrativa da Colônia Esperança assemelha-se à comunidade "mura"<sup>23</sup> existente no Japão. Existe um chefe-responsável pela Colônia que é obedecido e respeitado pelos moradores. Seu papel é manter o grupo coeso e velar pela moral da comunidade. Todos os anos, as associações dos velhos e jovens reúnem-se para a eleição da nova diretoria, sendo que o presidente da Associação dos Velhos é, simultaneamente, chefe da Colônia. Essa eleição processa-se por votação secreta e todos os membros são possíveis candidatos, pela inexistência de indicação ou de campanhas. O Presidente escolhido apresenta justificativa

23. mure é uma comunidade rural com características próprias.

Hall, J. Whitney - El Império Japonés, Madrid, Ediciones Castilla S.A. - 1970. pp. 163.

no caso de não querer ocupar o cargo, no entanto, a mesma será ou não aceita pelos associados.

Cabe à associação dos velhos a discussão dos problemas morais no sentido de solucioná-los; aprovação de verbas para festas, torneios esportivos e outros, para ambas as Associações. O regime de associações resulta numa unidade de pensamento, alcançada pelas incansáveis discussões ocorridas nas reuniões periódicas, que são efetuadas em cada secção e que, por sua vez, também têm uma diretoria composta, que toma decisões a nível de secção, para posterior aprovação na reunião geral. (Ver gráfico 1).

Quanto aos problemas religiosos há uma outra Associação de velhos, que se preocupa com a participação efetiva dos elementos da comunidade nas atividades desse caráter, bem como o vivenciamento dos ensinamentos da Igreja.

O local das reuniões varia entre o Salão Paroquial e as residências dos Associados. Em decisões mais urgentes a reunião pode ser feita com os chefes de cada secção e a diretoria da Associação dos Velhos, os jovens não tomam parte nessas reuniões.

Na época das eleições da estrutura governamental brasileira, os candidatos necessitam usar uma estratégia especial para penetração na comunidade. Fazem um "comício" nas associações, apresentando planos de trabalho e dispendo-se a debates até esclarecer dúvidas dos velhos, que são bastante criteriosos na seleção do candidato a ser apoiado. Isto porque a responsabilidade deles é grande, pois uma vez tomada a decisão de apoio a um candidato toda a Colônia acata, não por coerção, mas por acreditar no discernimento dos anciões.

No pleito de 1976 ocorreu uma mudança no comportamento da Comunidade. Pela primeira vez a Colônia possuía um candidato a vereança para a Câmara de Arapongas. Apesar de residente na Colônia o mesmo não foi eleito e presume-se que a causa tenha sido a omissão de apoio da Associação dos Velhos, que não se pronunciou a favor de qualquer candidato. Talvez essa mudança de atitude da Associação se deva a composição dos cargos de sua Diretoria, já se encontrar em posse de nisseis, cuja maneira de agir e pensar diverge dos isseis.

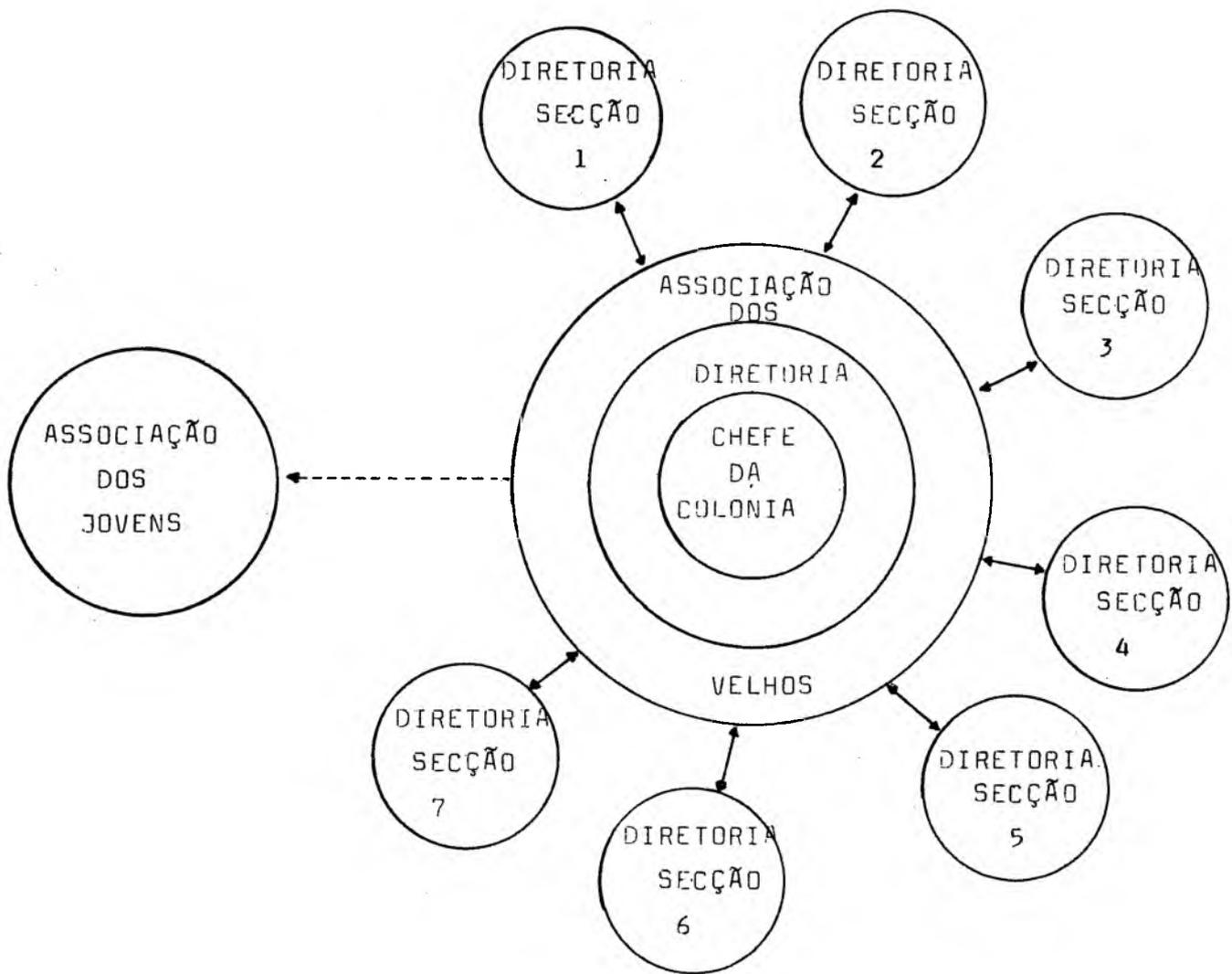


GRÁFICO 1 - Estrutura Administrativa

### CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

## CAPÍTULO 3

### 3.0. METODOLOGIA

#### 3.1. Introdução Metodológica

São vários os procedimentos que se pode utilizar para levar a efeito uma pesquisa de campo. O primeiro problema que se apresenta é como selecionar a amostra, para que o trabalho seja científico, adequado aos fins propostos e faça render o tempo do pesquisador.

Amostragem não é outra coisa senão a técnica de escolher amostras representativas dos universos. E para sua determinação pode-se usar métodos como amostragem aleatória ou método de quotas. No presente trabalho, antes de se decidir qual o método a utilizar, efetuou-se uma busca nos métodos aplicados pelos autores: Rona, Rubin (1970), Heye (1971), Lenard (1975), Hensey, (1972).

Rubin (1970) no estudo sobre lealdade lingüística (guarani/espanhol) na cidade de Luque e na comunidade rural de Itapuami, usou três métodos: a) na vila rural de Itapuami, a autora efetuou, pessoalmente, um recenseamento completo, casa por casa; na cidade de Luque, um recenseamento por amostragem aleatória; b) aplicou um questionário lingüístico a um membro de cada família; c) efetuou entrevistas e observações em todas as escolas das duas áreas (urbana e rural).

Sabe-se que o método de amostragem aleatória requer conhecimento prévio da população, por esse motivo para a atual pesquisa não foi possível utilizá-lo pois os dados sobre a Colônia Esperança não dão margem à aplicação de sorteio, visto que a comunidade não foi dividida em unidades amostrais.

Heye (1971), na pesquisa sobre o bilingüismo e atitude em Merano, Itália, não utilizou a amostragem aleatória da população e afirma: " Nesta pesquisa piloto, levada a efeito durante o

verão de 1971, não se tentou alcançar uma amostragem aleatória, da população, por mais desejável que isso tivesse sido de um ponto de vista teórico.

Quanto aos procedimentos utilizados para seleção da amostra, o autor limitou-se a dois grupos específicos da população. São eles: a) pais cujos filhos são falantes de alemão e menores de 14 (quatorze) anos. b) grupo de falantes de italianos estudantes de segundo grau (high school). A coleta de dados, foi executada através de questionários enviados pelo correio. Seu método de seleção da amostra não forneceu subsídios para a presente pesquisa.

Sobre a metodologia utilizada na pesquisa sociolinguística efetuada em Rio dos Cedros e Pomerode (1973), afirmou o autor que a amostragem aleatória não seria viável para aquele estudo. A coleta de dados foi efetuada ao acaso, sem sorteio.

No trabalho "The Sociolinguistics of the Brazilian -Uruguayan Border" (1972), os procedimentos utilizados por Hensey foram as seguintes: três levantamentos foram realizados: o 1º, através de entrevistas e objetivou descrever a situação de contato, as características sócio-econômicas de cada comunidade, relacionamento entre os grupos étnicos e a situação da linguagem em termos de bilingüismo e uso lingüístico; o 2º, através de questionários escritos, tomados das quatro comunidades objetivando entre outras coisas, ampliar os dados coletados do 1º levantamento e confrontá-los. No 3º levantamento, coletado através de questionários aplicados a professores de Ensino Primário das quatro comunidades, buscava identificar o comportamento lingüístico dos alunos e verificar a reação dos professores, para a situação lingüística reinante. Uma 4ª abordagem se realizou a fim de selecionar um grupo de informantes para fornecer uma amostragem controlada para a coleta de material gravado para estudo da interferência.

Os procedimentos utilizados por Hensey, poderiam servir de base para a presente pesquisa, se o autor tivesse descrito a

técnica usada para a seleção da amostra. Devido à dúvida existente, não se pode afirmar que as mesmas normas do autor foram seguidas.

Lenard (1975), no estudo sobre "Lealdade Lingüística", em Rodeio, utilizou amostras ao acaso e para corrigir possíveis "deformações e distorções" que esse tipo de amostra apresenta, recorreu à observação intensiva utilizando entrevistas, observação participante e questionário aplicado a 150 informantes, entre a área rural e urbana. São palavras da autora: "a nossa observação intensiva" demonstra que a estatística feita sobre as respostas ao questionário é útil e digna de ser relatada, embora o processo de amostragem não tenha obedecido aos princípios científicos em uso para as grandes pesquisas sociológicas".

Quanto às amostras por quotas, apontadas na página 34, exigem classificação da população, obedecendo certos critérios, para, determinação da porcentagem de elementos a recolher de cada classe amostral. Para usar esse método no presente trabalho, dever-se-ia respeitar a mesma proporção por sexo, profissão, escolaridade, grupo etário e geração. Para se obter essa proporcionalidade na nossa pesquisa, um prévio levantamento estatístico da comunidade seria necessário, pois esses dados pormenorizados não existem.

Não foi possível aplicar esse tipo de amostra no estudo sociolingüístico na Colônia Esperança. A população não estava dividida em classe amostral e para tanto seria necessário um recenseamento da população.

Dada a dificuldade em se usar a amostragem por quotas e a aleatória, o presente trabalho utilizou-se do procedimento descrito no item que segue.

### 3.2. Crítérios para Seleção da Amostra

Baseado no estudo prévio para a descrição sócio-cultural da comunidade realizado através de entrevistas, observações e pesquisa, foram identificados os elementos para a seleção da amostra e se constituem os critérios. São eles:

- a) os informantes seriam japoneses, maiores de 13 anos,

(isseis, nisseis e sanseis);

b) a amostra seria composta por elementos das 7 secções da Colônia;

c) o nº de elementos por família, não poderia ultrapassar a 3 pessoas;

d) a seleção da amostra, prender-se-ia a uma percentagem em torno de 30% da população da Colônia;

e) a composição da amostra teria um certo equilíbrio percentual, quanto ao sexo feminino e masculino;

f) os informantes distribuir-se-iam ao acaso, dos 13 aos 60 anos;

g) seleção de 20% das 56 famílias;

h) Para as gravações, efetuadas após a aplicação dos questionários, selecionou-se 3 elementos de 1ª geração, 2 da segunda e 2 da terceira geração, em famílias diferentes.

### 3.3. Técnicas Usadas

Este trabalho baseia-se no material coletado na Colônia Esperança, através de observações simples e participante, gravações e questionários aplicados aos chefes de família e a elementos da Comunidade.

A observação objetivou um estudo preliminar, como também a descrição, e caracterização da Comunidade (cap. 2), que se apoiou ainda em pesquisa bibliográfica. A sondagem inicial, oportunizou: a elaboração do planejamento do presente estudo e a elaboração dos questionários e das entrevistas. Foi adotado esse procedimento inicial tendo em vista que a maior parte do conhecimento que as pessoas têm sobre as relações sociais deriva da observação. Utilizou-se a observação simples não controlada e, quando havia interesse por parte do pesquisador, era usada a observação participante, a fim de registrar o comportamento natural do grupo e ter acesso às informações pertinentes ao presente estudo.<sup>24</sup> As anotações foram feitas quando um fato in-

---

24 - Para maiores detalhes sobre a técnica de observação, ver: a obra de Goode, William Jonah, 1968.

interessante ao trabalho ocorria.

Empregou-se a entrevista para situações em que a simples observação não era o suficiente. A observação culminou com a aplicação de questionários e gravações.

#### 3.4. Primeiros Contactos

O primeiro contacto com a comunidade deu-se em julho de 1973. Na oportunidade, o pesquisador esteve na Colônia como convidado de uma família e visitou várias residências, acompanhado de um de seus elementos, onde participou de conversas, teve conhecimento do espaço físico e das origens da Colônia como comunidade japonesa. Nas conversas de que participou obteve dados necessários para decidir-se a efetuar o trabalho com a população daquela comunidade.

Outras visitas foram feitas, com a participação nas missas dos jovens e dos velhos, festas religiosas e de casamento<sup>25</sup>. As visitas prolongaram-se por vários domingos e feriados. Efetuaram-se entrevistas com as donas de casa sobre alimentação, temperos originários do Japão; e com os chefes de família sobre a cultura agrícola, religião, e formação da Colônia. Também foi feita uma entrevista com o padre, a qual versou sobre as atividades religiosas desenvolvidas, também sobre a participação do nipônico nessas atividades. Entrevistou-se, ainda, a diretora da escola e as professoras, sobre a assiduidade, aplicação e os problemas apresentados pelos descendentes de japônês no aprendizado do Português e outras disciplinas.

Através desses contactos foi possível planejar o trabalho. Novas visitas foram feitas a fim de colher os dados necessários para a descrição do ambiente sócio-cultural. Outros contactos se deram quando foram aplicados os questionários.

---

25. Descritos no capítulo II.

### 3.4.1. Elaboração e aplicação dos questionários

#### a) Pré-Teste.

Com base nos contactos com a comunidade foram adaptados dois questionários e aplicados a um número restrito da população, antes da elaboração do definitivo. Os questionários adaptados ao nível sócio-cultural, foram os seguintes:

1) utilizado para o levantamento do bilingüismo e atitudes em Merano, Itália. (Heye, 1972)\*;

2) utilizado na pesquisa de campo em Rio dos Cedros e Pomerode, Santa Catarina, 1973.<sup>26</sup>

A aplicação desses questionários serviu para esclarecer alguns pontos, como: os imigrantes não ficavam à vontade em responder às questões a uma brasileira, apesar de terem boa vontade em fazê-lo; as perguntas abertas deixavam-nos bastante indecisos, ficando a maioria delas sem respostas ou com um vago "não sei"; as perguntas sobre as gerações deveriam ser feitas de forma indireta, dada a dúvida que informantes tinham em responder se eram da segunda, ou terceira geração; os membros menores de treze anos não tinham condições de responder. Em vista disso, tomou-se as seguintes atitudes: treinar duas pessoas de ascendência japonesa para efetuar a pesquisa; formular perguntas fechadas; retirar as que dificultavam a compreensão dos informantes e as que estavam fora da realidade da população; entrevistar somente as pessoas de idade acima dos treze anos.

#### b) O Definitivo.

Após a aplicação dos primeiros questionários, elaborou-se o definitivo (anexo), constando de três secções, que indagavam sobre:

1. informações pessoais;
2. função das línguas em contacto;
3. atitudes lingüísticas;

---

26. O relatório dessa pesquisa, não foi consultado. O conhecimento que temos do mesmo foi pelo fato de ter participado na coleta da dados, quando frequentamos um curso de socio-lingüística dada pelo autor em janeiro de 1973.

A partir das observações feitas, sentiu-se necessidade de elaborar um questionário que colhesse dados sobre o perfil lingüístico da família japonesa, daquela comunidade, visto que, as crianças e adolescentes apresentavam-se como falantes monolíngües do Português, em oposição aos mais velhos que mostravam conhecimento só da Língua Japonesa. Outro fator determinante para a elaboração desse questionário foi o fato de se ter estabelecido um número máximo de 3 pessoas, maiores de treze anos, por família, que não oportunizou uma amostragem representativa do complexo lingüístico familiar.

Esse questionário constou de perguntas sobre as quatro habilidades lingüísticas: falar, ler, entender, escrever, e foi aplicado aos chefes de família, perquirindo sobre os ascendentes e descendentes de domicílio comum.

A redação final do questionário definitivo foi baseada nos seguintes autores: Mackey, (1953); Rubin, (1970); Heye, (1972) e Lewis Balkan, (1970). Não visava estabelecer o grau de competência lingüística dos entrevistados, mas somente colher dados para a descrição do bilingüismo, através das funções e atitudes, para uma e outra língua, pelas respostas dos informantes.

A descrição e a crítica serão desenvolvidas junto à análise do questionário.

### 3.5. Análise do Questionário Individual

Passa-se à análise das três partes que compõem o questionário: 1. dados pessoais; 2. funções; 3. atitudes.

#### 1. Dados pessoais

As informações pessoais sobre os informantes encontram-se nas perguntas de 1 a 9. Pergunta nº 1 - faixa etária - são cinco as faixas, compreendendo de menos de 15 a mais de 60 anos. Essa questão visou controlar a idade dos informantes, como também mostrar a faixa em que se encontravam as gerações. Isto porque os usos e atitudes poderiam variar de acordo com a idade e com a geração do informante, devido aos fatores de experiências que são peculiares a cada idade. Porém, pode-se adiantar que nem sempre a faixa etária determina a geração (Ver qua-

dro 2).

Tomou-se cuidado para que os questionários não fossem aplicados a somente um sexo, visto que existia a intenção de generalizar os resultados à população da comunidade e não somente à masculina ou feminina, (pergunta nº 2).

Ainda para controle do grupo pesquisado, perguntou-se o estado civil (questão nº 3).

Cabe aqui uma observação sobre a pergunta nº 5, que versava sobre o status econômico. Inicialmente, levou-se em conta para se determinar o nível sócio-econômico, a posse dos seguintes bens: carro, propriedade rural; casa de alvenaria, para o nível alto. Para o nível médio: ter propriedade rural e casa de madeira. Para o nível baixo: a ausência desses bens, sem perguntar ao informante. Aconteceu que a questão deixou de ser significativa porque todos os moradores de descendência japonesa são proprietários de lotes, de veículos e de casas e estas na maioria, são de madeira; e tanto nas casas de madeira quanto nas de alvenaria encontra-se rádio, televisão, geladeira, jogos de sofá. Não havia relação entre os bens especificados e o nível sócio-econômico. A casa de madeira é mais humilde que a de alvenaria. O aspecto externo não demonstra o status do morador.

Na pergunta sobre a profissão do informante, obteve-se as seguintes variáveis: lavrador, do lar, estudante; através da observação, constatou-se atividades outras além do cultivo da terra, como: criação do bicho da seda, criação de porcos. Foi também inserida uma questão para se verificar o nível de escolarização dos informantes. (Ver quadro 6).

Como interessava à pesquisa somente os moradores com vínculo de permanência na colônia, registrando aqueles aí nascidos, colocou-se uma questão sobre o movimento migratório: lugar de nascimento, tempo em que vive na colônia, lugares em que residiu e quanto tempo residiu no último lugar antes de vir para a colônia.

Em vez de questões sobre a origem do informante e seus descendentes, foi colocada uma sobre proveniência familiar, (questão 7), isto porque a palavra, "origem" é ambígua e poderia tra-

zer falsa interpretação", Lenard (1975). Esta questão trouxe subsídios para detectar a geração dos informantes, porque aos nascidos no Japão considerou-se, primeira geração; os seus filhos nascidos no Brasil, segunda e os filhos destes, considerou-se terceira geração.

### 3.5.1. Funções (perguntas 10 a 13)

Para a pergunta nº 10, sobre habilidades lingüísticas, considerou-se como verdadeiras as respostas dos informantes, visto que, não foi aplicado teste para verificar suas habilidades. Quanto às questões de nº 11 e 12 que verificavam os hábitos de leitura e escrita, foram interpretadas de duas formas: 1. apenas a resposta a um dos itens foi considerada como conhecimento de leitura, ou escrita; 2. para determinar o hábito de leitura deu-se peso 3 para as respostas ao sub-ítem "sempre", 2 para "às vezes" e 1 para o sub-ítem "nunca".

A questão nº 13 versava sobre a expressão oral no ambiente familiar e extra-familiar. Para o ambiente extra-familiar, dois itens poderiam ter sido retirados do questionário: os que solicitam do informante a língua falada com o patrão e com desconhecidos - o primeiro item porque eles não tem patrões e o segundo porque com desconhecidos, estaria na dependência da característica racial, visto que são raros os brasileiros que falam a Língua Japonesa. Quanto à expressão oral em ambiente familiar, deveria ter sido inserido o item - filhos - porque aos pais faltou essa opção no relacionamento lingüístico.

### 3.5.2. Atitudes (perguntas 14 a 19)

As questões visavam apresentar as atitudes em uma ou outra língua, sobre:

- 1) utilidade;
- 2) anseios;
- 3) preferência;

- 4) previsões;
- 5) relacionamento lingüístico;
- 6) alternância;
- 7) vantagens.

A questão nº 18 que versava sobre o relacionamento lingüístico ou tradução e interpretação foi analisada como função lingüística, visto ter-se considerado essa atuação melhor forma de se averiguar o desempenho lingüístico do informante.

A questão sobre previsões foi dividida quanto à permanência e quanto à utilidade da Língua Japonesa, por parecer mais significativo do que analisar as previsões englobadas com um só resultado. A dos anseios, foi analisada separadamente com relação à Língua Portuguesa e Japonesa.

### 3.6. Descrição do questionário por família.

O questionário por família constou de perguntas sobre informações pessoais, como: idade, escolaridade, nacionalidade, naturalidade, época de chegada na Colônia Esperança, profissão; quatro questões versaram sobre as habilidades lingüísticas: ler, falar, escrever, entender, dando margem a respostas com referência a todos os membros de domicílio comum, desde os avós até aos netos. Para a aplicação deste questionário, efetuou-se um sorteio de 13 das 56 famílias existentes na Colônia. Só foram estudados, deste questionário, os dados referentes "às habilidades lingüísticas.

### 3.7. Gravações

Gravamos tanto conversas informais, como respostas ao questionário individual. Estas gravações, de pessoas da primeira, segunda e terceira geração falando Português objetivavam a análise dos erros fonológicos (Ver capítulo 5).

### 3.8. Descrição da população

A população da Colônia Esperança é constituída por imi-

grantes japoneses, seus descendentes, "nisseis" e "sanseis" e brasileiros, sendo os japoneses, proprietários rurais e os brasileiros, empregados. Interessam para efeito deste trabalho os japoneses e seus descendentes. Os brasileiros não interessam ao nosso estudo que visa tão somente a detectar os erros de Português decorrentes da interferência do sistema lingüístico japonês ou do contacto de falantes.

A população pesquisada é formada por 538 pessoas, agrupadas em 56 famílias. Cada família tem em média 8,56 filhos; incluindo os pais, a média por família de 9,6 pessoas.<sup>27</sup> Eliminou-se para este trabalho, 26% do total de pessoas, significando crianças menores de treze anos, sem condições de responder aos questionários. Deduzindo-se 139 crianças, restaram 399 pessoas das quais selecionamos o percentual de 30%, equivalente a 120 pessoas

### 3.9. Caracterização da amostra.

A composição da amostra obedeceu aos seguintes critérios:

- a) somente pessoas com característica racial japonesa;
- b) maiores de treze anos;
- c) controle por faixa etária; (quadro 1);
- d) moradores rurais.

---

27. CORREIA, de Andrade João - A Colônia Esperança - O japonês na Frente Pioneira Norte Paranaense, Curitiba, 1975.

Quadro 1

Faixas etária ou grupos	SEXO				Total	
	Masculino		Feminino		f	%
	f	%	f	%		
até 15 anos (grupo 1)	7	36,8	12	63,1	19	15,8
16-30 (grupo 2)	16	45,7	19	54,2	35	29,2
31-44 (grupo 3)	17	53,1	15	46,8	32	26,7
45-59 (grupo 4)	5	26,3	14	73,6	19	15,8
+ de 60 (grupo 5)	12	80	3	20	15	12,5
total	57	47,5	63	52,5	120	100

Distribuição das Variáveis sexo e idade.

O item (a) foi conservado, devido à facilidade que há em distinguir a raça amarela da branca, não tendo sido inutilizado nenhum questionário. Todos os informantes são maiores de treze anos como mostrou o quadro 1.

O controle por faixa etária não discriminou as gerações que existem hoje na colônia. Considerando-se a proveniência, estabelecemos grupos geracionais, a fim de verificar cada geração, visto que a hipótese principal, afirmava existir decréscimo do bilingüismo da primeira para a segunda e esta para a terceira (Quadro 2).

A primeira vista, parece que o desequilíbrio entre as gerações, torna os resultados da pesquisa não-significativos. Porém os motivos que determinaram números diferentes de elementos em cada geração foram os seguintes:

- não só os maiores de 50 anos pertencem à primeira geração;
- a faixa da terceira geração foi praticamente eliminada entre os 26% retirados;
- a primeira geração encontra-se em extinção;
- a terceira geração é composta por jovens e crianças, sendo que os primeiros, em sua maioria, estudam nas cidades vizinhas ou em centros maiores.

Levando-se em conta o exposto acima, verificamos um reduzido número de elementos nas gerações de extremo, primeira e terceira, o mesmo não ocorreu com a segunda geração, o que evidencia a existência de uma proporção entre os 79, 31 e 10 elementos da segunda, primeira e terceira geração, respectivamente.

Quadro 2

gerações Grupos	1ª		2ª		3ª		total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
grupo - 1 (menos de 15 anos)	-	-	16	20,2	3	30	19	15,8
grupo - 2 (16-30)	-	-	30	37,9	5	50	35	29,2
grupo - 3 (31-44)	1	3,2	30	37,9	1	10	32	26,7
grupo - 4 (45-59)	15	48,3	3	3,7	1	10	19	15,8
grupo - 5 (mais de 60 anos)	15	48,3	-	-	-	-	15	12,5
t o t a l	31	25,8	79	65,8	10	8,3	120	100,0

Nº de Elementos pertencentes às Gerações de acordo com a faixa etária e percentual correspondente.

No quadro 2, a primeira geração representa 31 indivíduos, 25,8% da população (120 indivíduos), sendo que abrange indivíduos da 3ª, 4ª e 5ª faixa etária. A segunda geração representa 79 indivíduos, 65,0% da população (120 indivíduos), sendo que abrange as 1ª, 2ª, 3ª e 4ª faixa etária. A terceira geração representa 10 indivíduos, 8,3% da população (120 pessoas) e abrange as 1ª, 2ª, 3ª e 4ª faixa etária.

Um dos cuidados foi no sentido de não restringir a amostra a um dos sexos.

SEXO	Nº ABSOLUTO	%
MASCULINO	57	47,5
FEMININO	63	52,5
TOTAL	120	100

Quadro 3 - Distribuição dos elementos da amostra por sexo.

Como se trata de uma área rural, a maioria das profissões dos informantes estão ligadas a esse meio. Constatou-se as seguintes variações: (quadro 4).

Variação das profissões na amostra

profissões	nº absoluto
1. lavrador	38
2. do lar	36
3. estudante	20
4. apicultor	2
5. sericultor	2
6. avicultor	1
7. suinocultor	2
8. professor	10
9. costureira	1
10. nenhuma	8
total	120

Verificou-se um baixo percentual de analfabetismo, o que é digno de nota, visto não ser muito comum em comunidades rurais brasileiras. Quadro 5.

Quadro 5

Escolaridade	f	%
analfabeto	3	2,5
Prim. incompleto	9	7,5
Prim. completo	28	23,3
gin. incompleto	17	14,2
gin. completo	18	15
Col. incompleto	13	10,8
Col. completo	14	11,7
Sup. incompleto	10	8,4
Sup. completo	8	6,6
t o t a l	120	100

## Demonstração da Escolaridade

Quanto ao movimento migratório os resultados estão demonstrados no quadro 6.

## Cidade do Japão

Cidades	freqüência
Fukuoka	10
Nagasaki	8
Tóquio	4
Kukamoto	1
Tibaken	1
Nŭgata	1
Takametsu	1
Nakayama	1
Kobe	1
Koti	1
não sabe	2
total	31

Quadro 6 - Demonstração da proveniência da primeira geração.

Constatar a proveniência familiar, foi importante porque mostrou as diversas regiões do Japão, de onde os imigrantes são oriundos. Sabendo-se que em cada região há um dialeto diferente, havendo assim preocupação em se saber se ensinaram aos filhos o dialeto de sua região ou o de Tóquio que é considerado padrão. Essa preocupação foi solucionada através de entrevistas informais que serviram para constatar que ensinam, principalmente, o dialeto padrão.

Quadro 7

Localidade	nº absoluto
Colônia Esperança	53
Promissão	8
Birigui	5
Arapongas	5
São Paulo	1
Mauá	1
Cambará	2
Marília	1
Cafelândia	1
Cornélio Procópio	1
Mandaguari	1
Rolândia	1
Apucarana	1
Assaí	1
Uraí	1
Lins	1
Maringá	1
Lorena	1
Guaimbé	1
Novos Cravinhos	1
Londrina	1
Total	89

Demonstração da proveniência da 2ª e 3ª geração

E o quadro 7 mostrou que os nisseis e sanseis, em sua maioria, são nascidos na Colônia Esperança.

### 3.1.0. Tempo da Pesquisa

A pesquisa de campo foi efetuada em domingos alternados de julho de 1973 a julho de 1976.

O material recolhido foi o seguinte:

- a) 120 questionários preenchidos individualmente;
- b) 13 questionários preenchidos por família, que não constituem o corpus da pesquisa, serviram somente para checar os resultados.
- c) 25 entrevistas sobre alimentação, produtos agrícolas, religião e vestuário que serviram de base para o perfil sócio-cultural.
- d) 5 formulários, preenchidos sobre costumes, meios de transporte e comunicação;
- e) 5 questionários sobre a habitação;
- f) 8 gravações total de 6 horas de gravação.

As gravações foram coletadas de:

- a) 3 chefes de família (1ª geração); 2 h e 30 min.
- b) 2 indivíduos (2ª geração); 1 h e 30 min.
- c) 2 indivíduos (3ª geração). 2 horas.

## CAPÍTULO 4 - RESULTADOS

## CAPÍTULO 4

## 4.0 RESULTADOS

4.1. Análise e Discussão dos Dados

Em uma comunidade linguística que já se encontra na terceira geração e onde duas línguas são faladas há aproximadamente quarenta anos, torna-se difícil saber qual delas foi aprendida primeiro. Para desfazer esta dúvida, indagou-se dos informantes, através de questionário, em que língua começaram a falar, tendo-se obtido o seguinte resultado:

Primeira geração, 100% em língua japonesa.

Segunda geração, 60,7 em língua japonesa.

Terceira geração, 60% em língua japonesa. (ver tabela 1).

Para detectar a segunda língua do informante, procurou-se também saber:

- Com que idade aprendeu a Língua Portuguesa e/ou a língua japonesa, segunda língua? (ver quadro 8).

- Aprendeu a segunda língua na escola? (quadro 9).

- Aprendeu a segunda língua na comunidade? (quadro 9).

gerações	1ª	2ª		3ª		
Línguas	Portugue- sa	Portu- guesa	Japone- sa	Portu- guesa	Japone- sa	Total
faixa etária						
antes dos 7	2	16	2	2	0	22
7 a 15	7	23	2	3	0	35
15 a 20	8	2	0	0	0	10
+ 20	4	0	1	0	0	5
Não sabe	10	7	4	1	0	22
Total	31/100%	48/60,7	9/11,4%	6/60%	0	94/100%

Quadro 8 - Quadro demonstrativo das idades em que as gerações aprenderam a L2, verificada em 94 respostas.

gerações	1ª	2ª		3ª	
Línguas	Português	Português	Japonês	ambas	Total
Situações					
Família	0	9	2	0	11
Escola	3	29	0	4	36
Comunidade	17	5	2	1	25
Escola e Com.	5	10	0	1	16
Não sabe	6		4		10
total	31	53	8	6	98

Quadro 9 - Demonstrativo das situações em que as gerações aprenderam a L2, em 98 respostas

Como se nota, a primeira geração mostra um alto percentual de bilingüismo. Pode-se fazer tal afirmativa, observando-se a diferença existente nos percentuais encontrados, isto porque, entre aqueles que declararam ter como primeira língua, a japonesa (100%), comparados com os que declararam ter como segunda língua, a portuguesa (80,6%), há uma diferença de 19,4%, o que corresponde, exatamente, ao índice encontrado nas ausências de respostas. (ver tabela 1).

O fato de ter-se usado perguntas indiretas para a constatação da segunda língua, leva a um resultado subjetivo, pois sabe-se que 100% da primeira geração tem a língua portuguesa como L2 e não 80,6% como pode parecer inicialmente. A segunda geração é composta de 79 elementos, dos quais somente 61 responderam à questão formulada, ficando assim uma dúvida: será que es-

sas 18 (22,7%) pessoas são monolíngües? Talvez sejam mais cuidadosos quanto ao conhecimento, e, pelo fato de não terem um bom domínio do segundo idioma, deixaram de responder.

Quanto à primeira língua, a segunda geração apresenta um percentual favorável à língua portuguesa muito alto, indo além da expectativa. Este fato gerou dúvidas, e para elucidá-las efetuou-se uma nova busca nos questionários, a fim de verificar o total de respostas desses informantes, pois poderia ter havido erro por parte do inquiridor na marcação das respostas, ou ainda, ter o informante respondido erradamente, devido ao seu estado emocional frente às primeiras perguntas. O retorno ao questionário demonstrou: todos que acusaram conhecimento da língua japonesa, a nível fonológico<sup>28</sup> e alguns, a nível gráfico<sup>29</sup>, eram os filhos mais jovens do casal.

Devem ter-se iniciado em língua japonesa e portuguesa, porém, a maior frequência dos contactos lingüísticos deu-se em língua portuguesa, com os irmãos mais velhos. Essa alegação é fundamentada nas palavras de Halliday e outros, 1974.

"poder-se-ia dizer arbitrariamente que qualquer língua aprendida pela criança antes da idade de instrução, com os pais, com outras pessoas que cuidam dela, como uma ama, ou com outras crianças, é uma L1".

Verificou-se que somente dois desses informantes acusam ter aprendido a língua japonesa em idade escolar, isto é, de 7 a 15 anos. Todos conhecem a língua japonesa, logo 16 aprenderam-na em idade pré-escolar. Se realmente, isso ocorreu ter-se-ia uma redução bastante significativa de língua japonesa como L2. De 22,8% diminuiria para 2,5%, e a iniciação em ambas as línguas aumentaria para 30,4%, enquanto que a língua portuguesa como L2, ficaria reduzida para 69,6%.

---

28. O nível fonológico corresponde às habilidades "falar e entender".

29. O nível gráfico corresponde às habilidades - "escrever e ler".

Tendo-se conhecimento de que na segunda geração somente 2,5% tem como língua materna a portuguesa, e que todos conhecem a Língua Japonesa, e ainda na terceira geração 60% aprenderam de início a Língua Japonesa, passar-se-á à discussão e análise das funções da L1 e L2.

#### 4.1.1. Função das línguas em contacto.

Segundo Mackey, 1970 "a primeira atitude que se deve tomar ao descrever o bilingüismo, é determinar o quanto o indivíduo é bilingüe". Para tanto deve-se testar suas habilidades no uso de cada língua. No levantamento do bilingüismo, na Colônia Esperança, não houve tal procedimento. Partiu-se da pressuposição de que é uma comunidade bilíngüe. Contou-se somente com as respostas do informante, na questão número 8. (Quadro 10).

Línguas habilidades	japonesa	Portuguesa	Ambas
entender	-	6,7%	93,5%
falar	1,5%	19,2%	74,2%
ler	7,2%	46,5%	42,9%
escrever	6,8%	43,2%	40,5%

Quadro 10 - Demonstração das habilidades em Língua Portuguesa, Japonesa e em ambas, nas três gerações.

Verificando-se a tabela 2, pode-se observar a variação das habilidades por geração. Na primeira, todos entendem ambas as línguas, alguns não falam a portuguesa e outros não lêem nem escrevem nessa língua. Para as habilidades "Falar e entender" usar-se-á a denominação habilidade em nível fonológico e para

"Ler e Escrever" a denominação será habilidade em nível gráfico.

Na segunda geração, o nível fonológico diverge bastante do nível gráfico; é compreensível, porque o nível fonológico independe de escolaridade. Os informantes da segunda geração (na qual há muitos jovens) tiveram poucas oportunidades de manter contacto com o nível gráfico em língua japonesa. Nenhuma escola de 1º ou 2º graus, no Brasil tem a língua japonesa no seu currículo, o que seria talvez, viável dado ao número de imigrantes japoneses e descendentes, principalmente, nos Estados do Paraná e São Paulo. Segundo Andrietta Lenard, em Blumenau, Santa Catarina, foi comum o ensino da língua alemã nas escolas <sup>30</sup>

Os informantes da segunda e terceira geração que lêem e escrevem em Língua Japonesa, ou aprenderam-na com os pais (escolarizados no Japão, gráfico 2) ou na escola particular japonesa, que havia na Colônia e extinta na época da segunda Guerra Mundial.

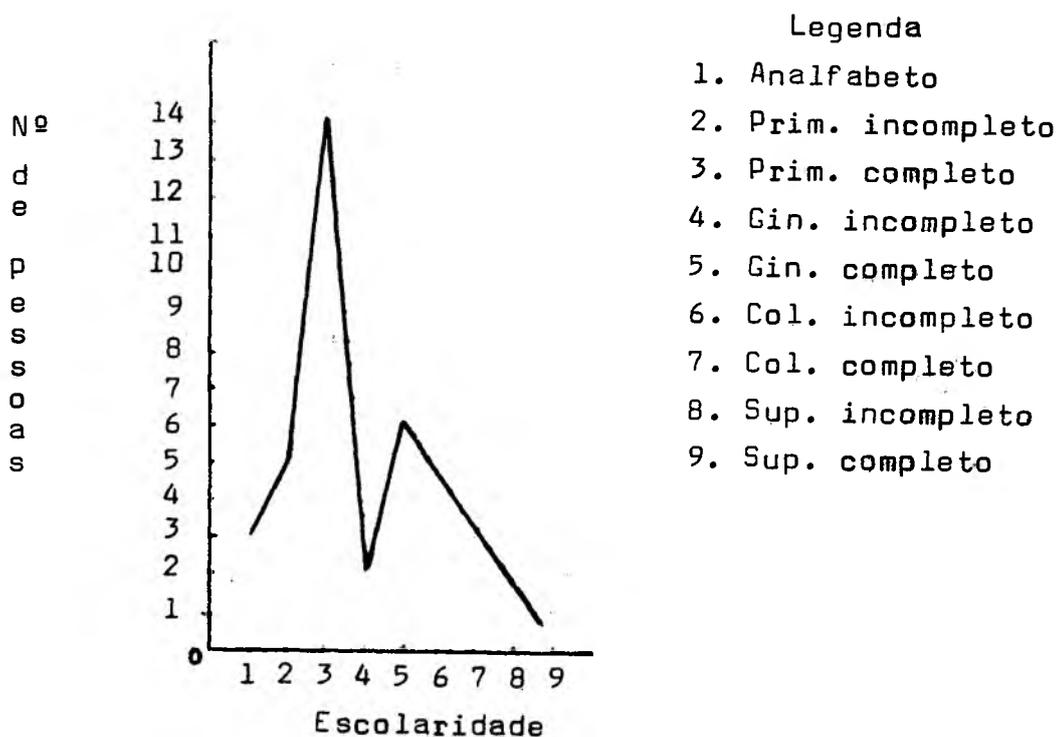


GRÁFICO 2

Demonstração da escolaridade da 1ª geração (no Japão).

Na primeira geração ocorreu o inverso da segunda e terceira; sua escolaridade varia do 1º grau até o nível superior. (gráfico 2).

Em seus contactos com a comunidade aprenderam a Língua Portuguesa, porém não frequentaram escolas brasileiras. Pode ter sido pela crença inicial que atingiu a todos os japoneses que imigraram do Japão: de acumular riquezas e voltar à Pátria de origem, ou pelas dificuldades que a escolarização apresentava no meio rural, na época que aqui chegaram, ou ainda pela falta de interesse em aperfeiçoar-se na língua do país a que acabavam de chegar, já que sua temporada no Brasil era a curto prazo. São esses os motivos alegados para o baixo índice percentual a nível gráfico, em Língua Portuguesa. (tabela 2).

A habilidade que se tem em determinado nível lingüístico depende do uso que o indivíduo dela faz. Se um indivíduo aprende uma língua, ele deverá estar em contacto com ela para melhorar e manter seu conhecimento. O mesmo ocorre com as habilidades, para que permaneçam e melhorem, é necessário que o indivíduo continue a exercitá-las. Mackey, (1970) esclarece que o grau de proficiência na língua varia de acordo com a sua função e que esta é o uso que o indivíduo faz de uma língua, dependendo das condições sob as quais ele a tem. São poderosos meios para manter o bilingüismo, e, conseqüentemente, as habilidades; os meios de comunicação de massa como: rádio, televisão, cinema, discos, jornais, livros, revistas.

Sabe-se que a população pesquisada está em contacto com esses meios de comunicação em Língua Portuguesa. Com relação à Língua Japonesa as chances diminuem; em alguns desses meios inexistem. Nos rádios, ouvem um ou outro programa; na televisão há um programa aos domingos; quanto ao cinema, sua frequência é esporádica, não constituindo hábito. A leitura de jornais, livros e revistas, é o único meio de que o bilingüe pode lançar mão para manter sua segunda língua a nível gráfico. Quanto a nível fonológico, a própria comunidade poderá suprir a falta dos meios de comunicação. Entende-se que uma pessoa lê determinada língua, quando ele pretende melhorar seu conhecimento lingüístico ou

ela faz uma opção de leitura na língua que mais conhece.

Por esse motivo incluiu-se no questionário perguntas sobre a leitura de textos nas línguas em contacto, cujos resultados estão na tabela 3.

Meios de Com. escrita	Frequência	Português	Japonês	Total
Jornal	NUNCA	24	42	66
	ÀS VEZES	188	30	218
	SEMPRE	72	45	117
Revistas	NUNCA	21	30	51
	ÀS VEZES	92	32	124
	SEMPRE	99	63	162
Livros	NUNCA	30	32	62
	ÀS VEZES	82	32	114
	SEMPRE	81	60	141
T O T A L		689	366	1055 *

Quadro 11 - Demonstração dos hábitos de leitura, em Língua Portuguesa e Japonesa.

Observou-se que nas residências dos informantes havia livros, revistas e jornais em Língua Japonesa, ou em ambas as línguas como o jornal "São Paulo Shimbo", as revistas e livros pareciam ser todos importados do Japão.

\* Para a variável nunca usou-se o peso 1; às vezes 2 e sempre peso 3.

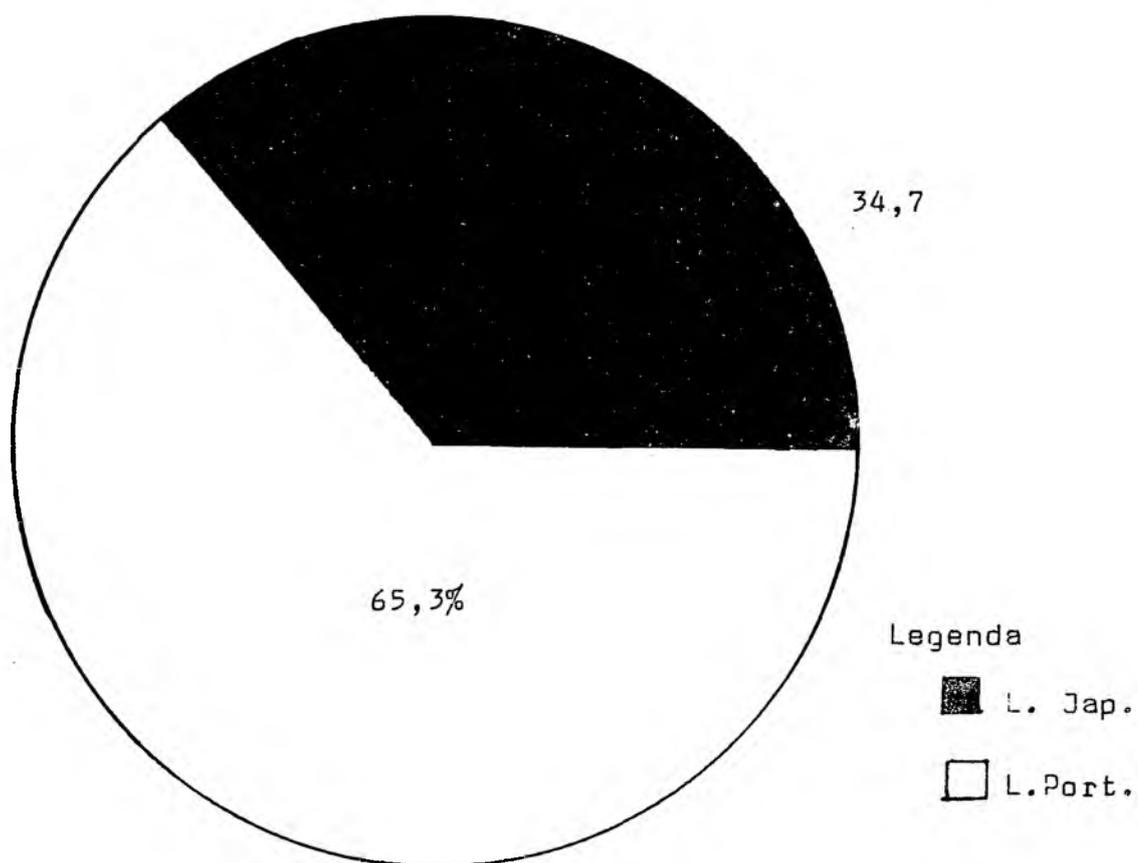


GRÁFICO 3

Demonstração do percentual dos hábitos lingüísticos em leitura, nas línguas Portuguesa e Japonesa.

Retomando as respostas em leitura, e considerando-se, a penas a sua presença e não a frequência delas elaborou-se a tabela 3, onde se apresenta a leitura por gerações. Os resultados mostraram um decréscimo, em leitura, da primeira para a segunda e terceira gerações, na Língua Japonesa e aumento da primeira para a segunda e terceira, em Língua Portuguesa. (gráfico 4).

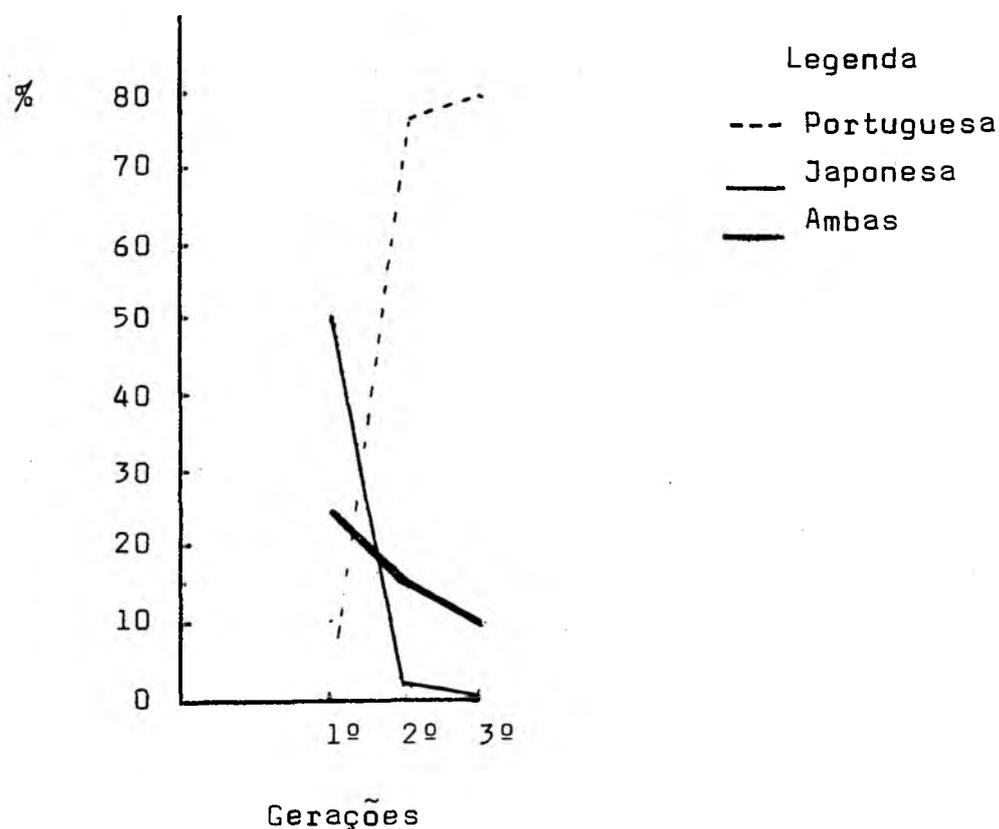


GRÁFICO 4

Demonstração do percentual em leitura, nas gerações em língua Portuguesa, Japonesa e em ambas.

O gráfico 5 dá visualização da presença de leitura, nas línguas Portuguesa e Japonesa, na população estudada. A língua predominante é a Portuguesa.

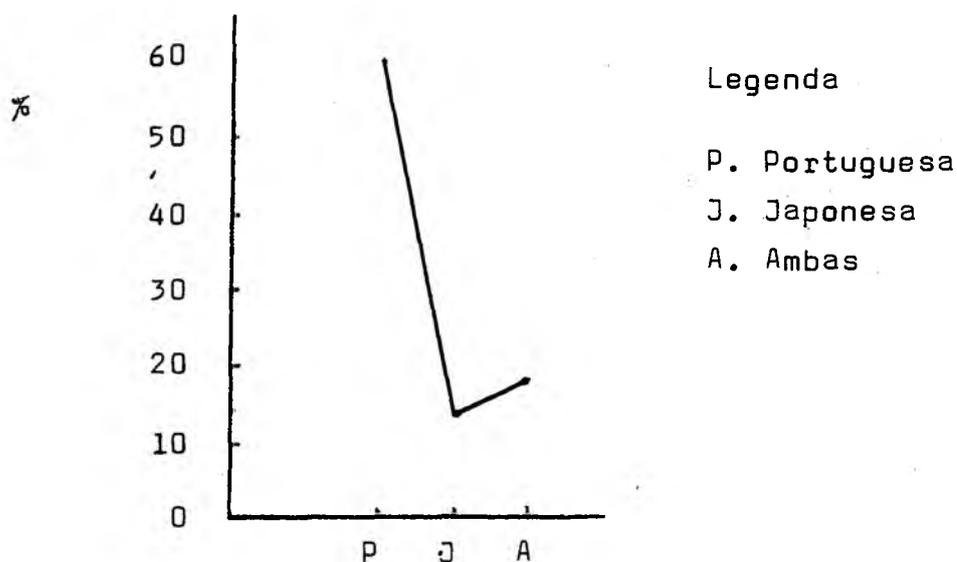


GRÁFICO 5

Demonstração da presença de leitura, nas línguas Portuguesa, Japonesa em ambas, no total da população.

A pergunta número 12, indagava em qual língua o informante mantinha sua correspondência e em qual fazia suas anotações. Esta pergunta foi colocada no questionário, porque uma das formas de manter viva a segunda língua é a correspondência regular que exercita a leitura e escrita. (Mackey, 1970) A correspondência em uma língua é o meio de manter a habilidade na língua materna ou na segunda língua. Quando o informante mantém correspondência em uma, outra ou ambas as línguas, pode-se deduzir a existência da habilidade nessa ou naquela língua, o mesmo ocorrendo com as anotações pessoais.

Para composição da tabela 4 agruparam-se as respostas em correspondência profissional, privada (íntima) e anotações. O resultado está representado no quadro 12 o qual mostra a presença de escrita, sendo que em língua japonesa o percentual é superior na primeira geração, e em língua Portuguesa é superior na segunda geração.

Línguas \ gerações	gerações		
	1ª	2ª	3ª
Portuguesa	41,9%	92,4	90
Japonesa	80,6	3,8	0

Quadro 12 - Demonstração da presença da escrita, em Língua Japonesa e Portuguesa, nas gerações.

Voltando à tabela 2, que apresenta as habilidades lingüísticas, observã-se que as respostas dadas pelos informantes, mostram claramente a escolha feita entre uma língua e outra, pois 83,8% da primeira geração, escreve em ambas as línguas e somente 41,9 usa a Portuguesa em suas correspondências e anotações. (Quadro 12). A Segunda geração, apresentou um percentual de 35,3% que escreve em língua japonesa, e somente 3,8% utiliza-a na escrita. (Quadro 12). Pelos resultados apresentados, pode-se concluir que a língua Japonesa, no aspecto gráfico, está desaparecendo na Colônia Esperança. Parece que não há interesse por parte dos informantes em exercitar e manter esse nível. Ou talvez pela diferença das estruturas das línguas, torna-se muito difícil mantê-las a nível gráfico.

Comparando os resultados em leitura e escrita nas tabelas:2,3,4, elaborou-se os gráficos 6 e 7, para visualizar as habilidades gráficas dos informantes. Estes evidenciaram um desequilíbrio entre o conhecimento e uso das línguas. Parece que o uso lingüístico, a nível gráfico, na primeira e segunda gerações, não constitui hábito, devido à profissão, esta é constituída de trabalhos braçais, e as oportunidades para um lavrador estar em contacto com o nível gráfico são bastante ocasionais.

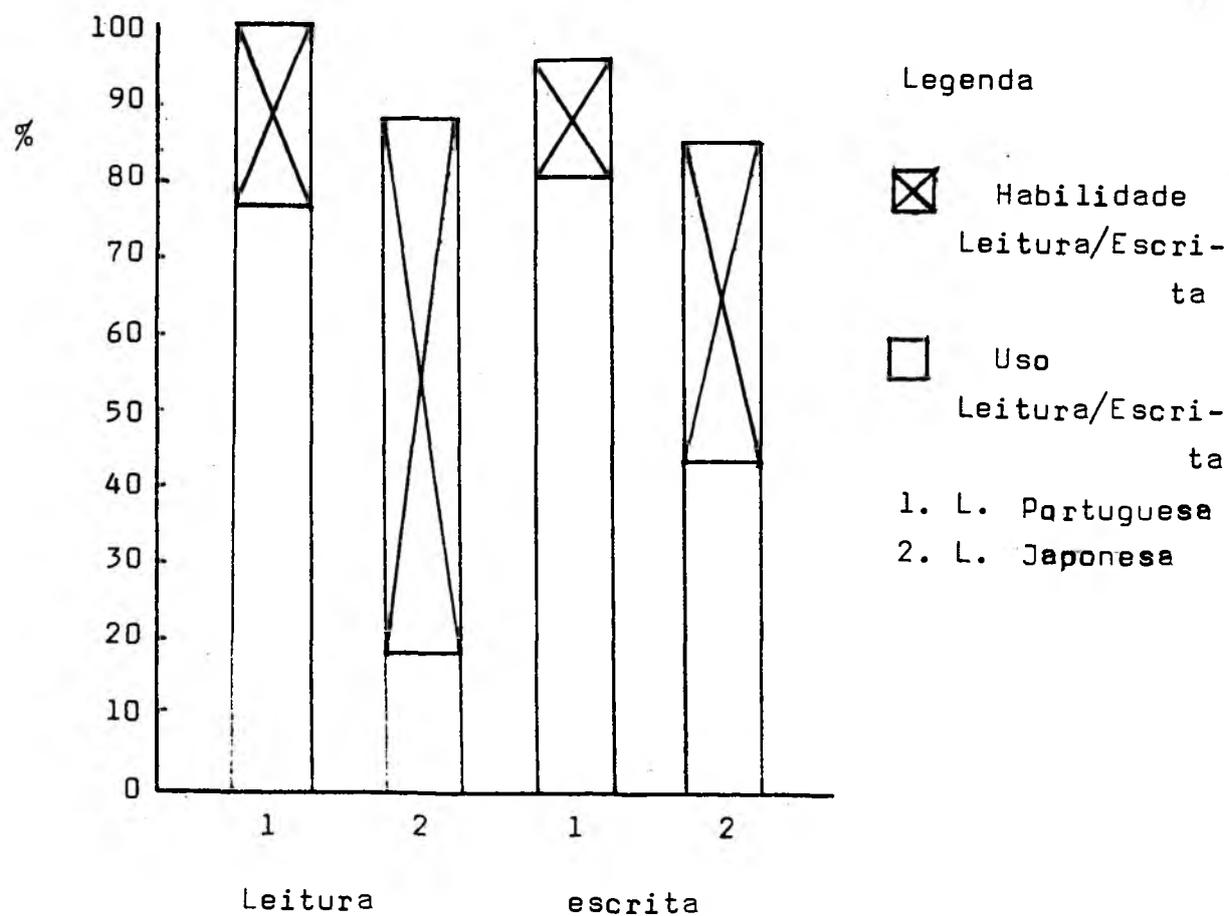


GRÁFICO 6 - Comparação da habilidade e uso de leitura e escrita em Língua Portuguesa e Japonesa na 1ª geração.

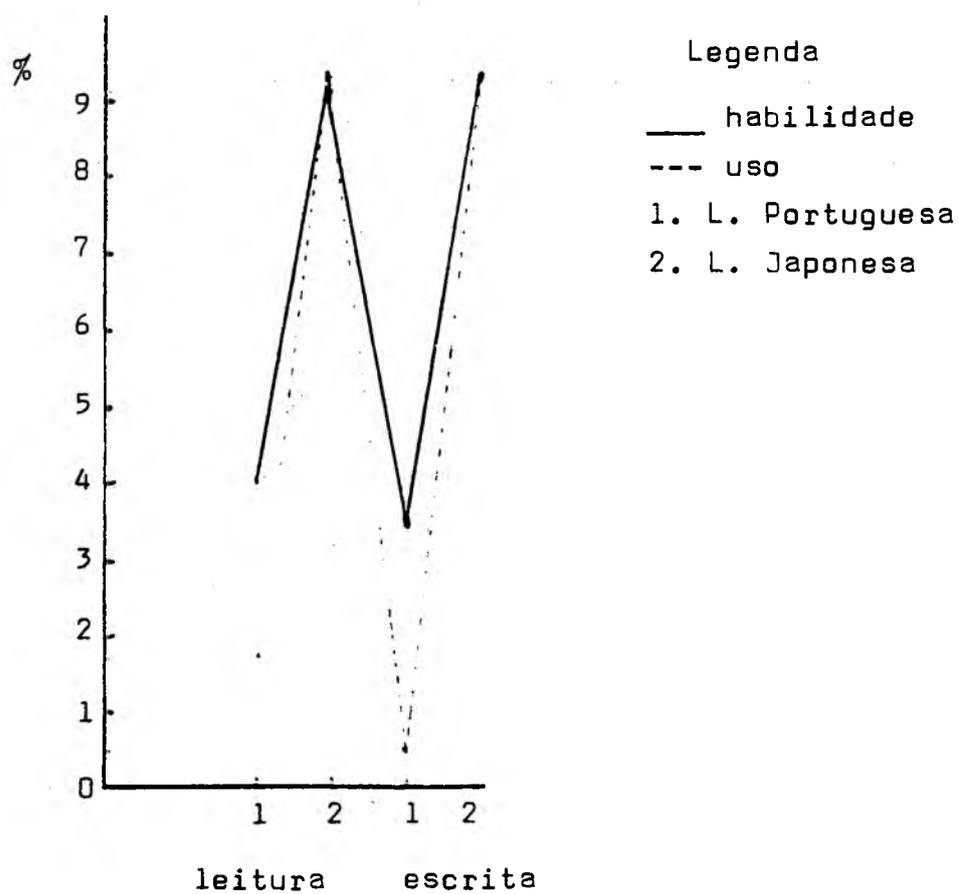


GRÁFICO 7 - Comparação da habilidade e uso da leitura e escrita em língua Portuguesa e Japonesa na 2ª geração.

Verificada a função lingüística ao nível gráfico, passa-se para o nível fonológico (expressão oral). O bilíngüe pode variar sua atuação lingüística de uma para a outra língua, dependendo do grupo social onde se insere. Outras variáveis oportunizam essa variação, tais como: sexo, idade, ocupação, educação e antecedentes lingüísticos. Além desses fatores apontados, existem outros mais generalizados como: ambiente social, conteúdo do discurso, e da pessoa com quem se fala.

Nesta pesquisa levou-se em conta a interação social para verificar o nível fonológico. Examinou-se a expressão oral, nos seguintes meios e situações: a) extra-familiar; b) familiar; c) outras situações de rotina. E como variáveis, as gerações.

Para o meio familiar, duas alternativas foram apresentadas ao informante: relacionamento com ascendentes e descendentes ou colaterais. No relacionamento extra-familiar, além das alternativas constantes no questionário, os informantes ainda colocaram como 1º índice de escolha de uma língua ou outra, a presença da característica racial.

Evidenciando os dados por geração, temos para a 1ª, 26% de uso em Língua Portuguesa para 74% em língua Japonesa. Já na 2ª e 3ª gerações, observa-se um decréscimo em língua Japonesa, sendo respectivamente 24,6% e 21,6%, para 75,4% e 78,4%, em língua Portuguesa.

Gerações		1ª		2ª		3ª	
Integração-Social	Línguas	Portu- guês	Japo- nês	Portu- guês	Japo- nês	Portu- guês	Japo- nês
		Colegas de Trabalho	8	13	51	6	8
	Patrão	3	5	26	5	5	1
	Empregado	20	1	50	3	7	1
	Autoridades	6	13	47	13	7	2
	Descorhecidos	13	6	52	0	8	2
	Padre	2	21	45	17	6	2
	Avô	0	20	10	42	2	3
	Avó	0	20	12	42	1	3
	Pai	1	22	25	32	5	5
	Mãe	1	24	36	38	5	5
	Irmão	5	28	50	18	5	4
	Refeições	4	18	39	18	6	3
	Orações	3	26	37	31	9	0
	Piadas	5	23	62	2	8	1
	Brigas	6	21	62	2	8	0
	Cálculos	8	17	69	4	8	1
	Emoção	8	20	66	8	8	1
	Sorho	6	21	62	8	8	1
	Compras	12	10	59	9	9	0
	Conselhos	9	16	62	4	8	1
	Total	120	345	922	302	131	36

Quadro 13 - Demonstração das respostas em expressão oral nas três gerações, considerando meios e situações.

Juntando-se todos os dados da pesquisa que se referiam ao nível fonológico, no quadro 13, obteve-se o total de 1856 respostas, sendo 1173, para a língua Portuguesa e 683, para a língua Japonesa, que correspondem respectivamente a 63,3% e 36,7 representados no gráfico 8.

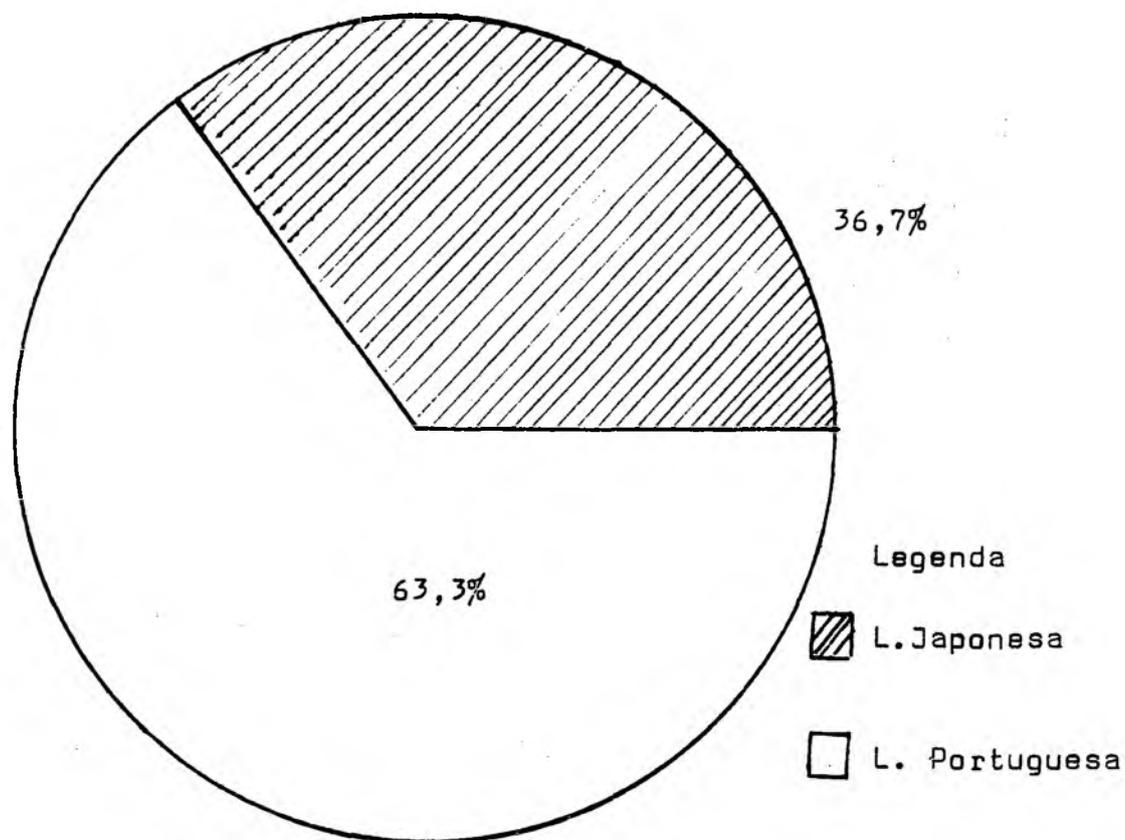


GRÁFICO 8 - Representação da expressão oral.

Pode-se, portanto afirmar que é a língua Portuguesa a mais usada a nível fonológico, no extra-familiar e familiar.

A fim de verificar em que situações o uso de uma língua e outra predomina, separou-se os dados do quadro 13 somente nas situações familiares e extra-familiares, para a composição do quadro 14.

Situação Língua gerações	Extra-Familiar				Familiar			
	Português		Japonês		Português		Japonês	
	f	%	f	%	f	%	f	%
1ª	52	22,4	59	25,4	7	3,0	114	49,2
2ª	271	43,7	44	7,0	133	21,4	172	27,7
3ª	41	47,1	8	9,2	18	20,7	20	23,0
Total	364	38,8	111	11,8	158	16,8	306	32,5

Quadro 14 - Demonstração da expressão oral nas línguas Portuguesa e japonesa, nas situações familiares e extra-familiares.

Como se pode visualizar no quadro acima, a língua mais usada em contactos extra-familiares é a Portuguesa e familiares a Japonesa. Sendo que 55,6% dos informantes usam a língua Portuguesa e 44,4% usam a língua Japonesa. O percentual mais significativo para a língua Japonesa, foi constatado na primeira geração.

A questão 19 trata da tradução e interpretação, esta foi incluída na parte das atitudes lingüísticas, porém o fato da pessoa traduzir e interpretar também pode ser considerado como uso, e, como tal, será abordado entre as questões que se referem à função das línguas.

Foi entendido como tradução, o fato do informante servir de tradutor de possíveis bilhetes, cartas e outros. E interpretação, servir como intermediário em conversas de pessoas cuja língua não é comum entre os falantes. A primeira, pertence ao nível gráfico; a segunda ao nível fonológico.

Essa questão é importante para a avaliação do bilinguismo, porque para o informante servir de intérprete ou tradutor, há necessidade de um certo conhecimento de ambas as línguas. As respostas a esta questão não dão condições de avaliar o grau de proficiência em uma ou outra língua.

Línguas gerações	tradução		Int.		total	
	P/J	J/P	P/J	J/P	trad.	Int.
1ª	67,7	77,4	83,9	67,7	72,5	75,8
2ª	57,0	51,9	55,7	54,4	52,4	55,0
3ª	30,0	20,0	30,0	30,0	25,0	30,0
Total	51,5	49,7	56,5	50,7	50,1	53,6

Quadro 15 - Demonstração do índice percentual em tradução e interpretação, nas gerações.

Como se pode observar no quadro 15, houve equilíbrio nos índices percentuais em tradução (português/japonês, japonês português). O índice maior apresenta-se na primeira geração, de crescendo para segunda e respectivamente para a terceira. Pode-se dizer que a conhecimento das línguas, atinge um percentual de 50,1% a 53,6% sobre o total da população pesquisada.

#### 4.1.2. Atitudes nas línguas em contacto

A terceira parte do questionário, tratou mais especificamente das atitudes. Segundo Jürgen Heye<sup>31</sup> as atitudes são sen

timentos e manifestações subjetivas do indivíduo, tanto em relação à sua língua materna como às línguas de contacto. É importante medir as atitudes na descrição do bilingüismo, porque a atitude do bilingüe com relação à sua língua materna, como em relação à sua segunda língua, influencia sobretudo seu comportamento dentro de determinadas áreas de contacto; como pode também influenciar o ouvinte (receptor). Segundo Mackey (1970) o bilingüe pode evitar uma das línguas que ele conhece, em determinadas situações, porque se envergonha do sotaque. Ainda, pode preferir sua segunda língua, pelo fato da primeira não ser popular na comunidade. Os valores subjetivos atribuídos a uma língua, influenciarão a extensão e direção da outra língua. (Jürgen, 1974) por exemplo, a língua Guarani desempenha um importante papel como elemento no patriotismo paraguaio (Garvin e Mathiot 1970). Ainda, no Paraguai, a língua Espanhola é usada para fins educacionais e administrativos, é a língua da elite, mas não diminui o sentimento de orgulho que os paraguaios manifestam sobre a língua Guarani, e a denominam "língua do coração", pelo fato de expressar suas emoções e sentimentos através dela e não da Espanhola. São vários os fatores que levam o falante a ter atitudes negativas com relação a uma determinada língua. No Paraguai, os falantes apreciam e lutam pela urbanização da língua Guarani, embora alguns a menosprezem por ser língua indígena.

No que segue, procurou-se demonstrar as atitudes dos falantes da Colônia Esperança com relação à língua Portuguesa e Japonesa. Pelo que já foi visto, verificou-se uma certa dominância da língua Portuguesa sobre a japonesa, no que concerne às funções.

" as atitudes e os interesses são conceitos intimamente relacionados. O termo mais lato é atitude, que inclui o interesse. Os interesses são atitudes que fazem com que a pessoa procure mais atividades em certa área;

- 
31. HEYE, Jürgen - Bilingualism and Language Attitudes in Merano, Italy. Revista Brasileira de Lingüística, 1/1974 p.40-57. Vozes.

são atitudes positivas sobre aspectos selecionados do ambiente. São ambas descrições de uma preparação ou inclinação de um indivíduo para reagir de certo modo em direção a algo".<sup>32</sup>

Segundo Piaget (1970) "o interesse é a relação entre um objeto e a necessidade, pois o objeto torna-se interessante na medida em que corresponde a uma necessidade".

Considerando aqui, a língua como objeto, descrito por Piaget, acredita-se que o uso de uma e outra esteja vinculado ao interesse e à necessidade.

A primeira geração, mostrou a função da língua Japonesa enquanto que a segunda e a terceira, determinam uma função bem mais acentuada à língua Portuguesa. Se a atitude é influenciada pelo uso que os falantes fazem de determinada língua, pode-se antecipar maior índice em atitudes positivas em língua Portuguesa. O interesse leva a atitudes positivas, e depende da utilidade e da necessidade. Sabe-se que a língua Portuguesa é para a população da Colônia Esperança necessária para a ascensão social, para a escolarização e para a religião, como também para a integração na comunidade brasileira. Porém, não se sabe até que ponto os japoneses da primeira, segunda e terceira gerações estão ligados ao Japão, e até que ponto se veem pressionados a usar a Língua Portuguesa. São muitos fatores que levam o bilingüe a optar por uma ou outra língua.

Através do questionário perguntou-se aos informantes quais línguas eles consideravam ser mais úteis em suas atividades profissionais. Chegou-se aos resultados do gráfico 9.

---

32. MOULY, George J. Psicologia Educacional, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1971.

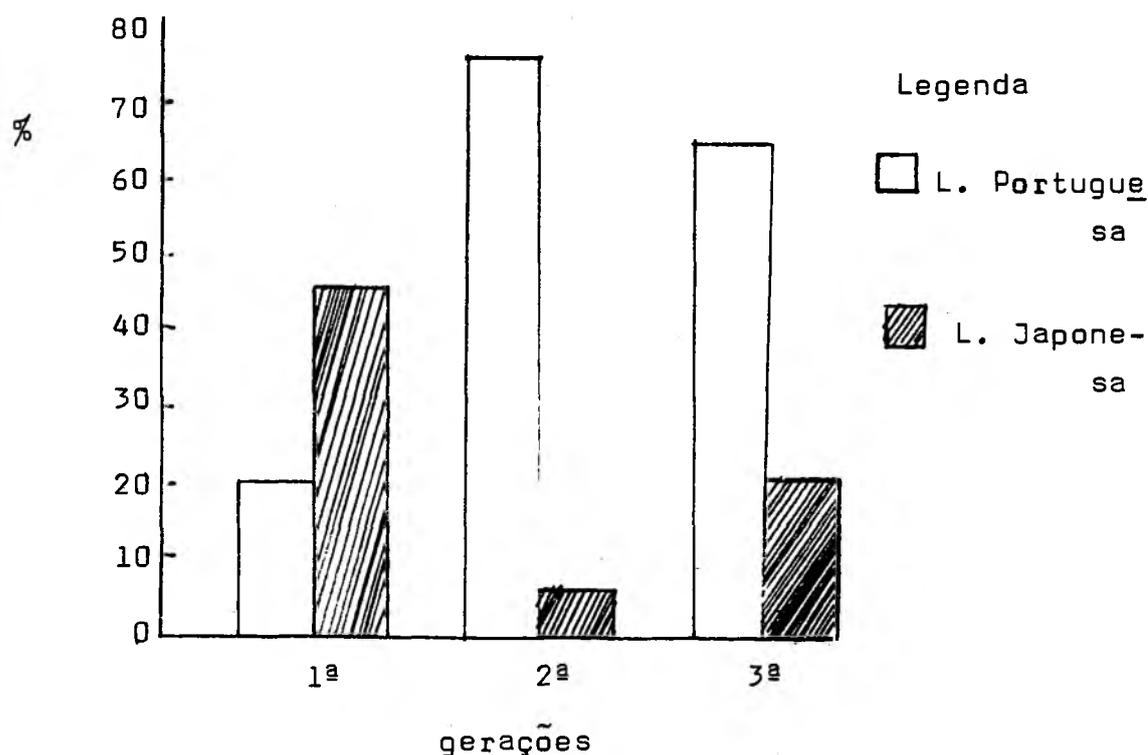


GRÁFICO 9 - Representação do percentual de atitudes com relação à utilidade das línguas Portuguesa e Japonesa.

O alto índice à Língua Portuguesa parece ser devido ao fato da escolarização dos japoneses de segunda e terceira gerações ter sido nessa língua. E ainda pela facilidade na aquisição de revistas, jornais, livros em língua Portuguesa. O mesmo não ocorreu com a primeira geração que foi escolarizada em Língua Japonesa.

Para os japoneses, o conhecimento da Língua Portuguesa está vinculado às necessidades de interação social. Eles se deparam com inúmeras situações onde necessitam usar a Língua Portuguesa. Vejamos algumas: a) no relacionamento profissional, com empregados brasileiros e nas transações comerciais; b) na garantia da continuidade aos estudos; c) para conseguir empregos e status social; d) para engajamento na sociedade brasileira.

ra. Pode-se ainda argumentar que existe uma necessidade criada quando da visita do imperador japonês ao Brasil. Nessa ocasião, segundo informações na própria Colônia, pediu-lhes que ajudassem a desenvolver o Brasil. Talvez seja este um dos fatores para aceitação da Língua Portuguesa, obediência ao Imperador, que é visivelmente respeitado e amado pelo povo da Colônia (Conservam ainda hoje sua fotografia na sala principal).

Para averiguar a atitude lingüística, ainda foi solicitado que os informantes apontassem qual a língua preferida. Do total das respostas 61,6% apontaram a Língua Portuguesa, e 22,5 a Língua Japonesa, ao contrário do que era esperado, embora a maioria da primeira geração tivesse apontado a Língua Japonesa como a preferida. A fim de verificar a constância das respostas nesta mesma questão, foram colocados os seguintes itens: preferir falar, ouvir, ler, estudar. Computando-se os resultados, obteve-se os dados que se encontram nos quadros 16 e 17, e nos gráficos 10,11,12,13.

gerações	Preferência														
	falar			ouvir			ler			estudar			total		
	P	J	A	P	J	A	P	J	A	P	J	A	P	J	A
1ª	5	23	3	3	22	6	5	23	2	8	20	1	21	88	12
2ª	60	16	2	58	10	7	67	3	3	64	6	5	249	35	17
3ª	8	1	0	8	1	7	0	0	0	7	1	0	236	3	7
Total	73	40	5	69	33	20	72	26	5	79	27	6	293	126	36

Quadro 16 - Distribuição de respostas nos sub-itens de preferência nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações.

Língua gerações	Língua			Total
	Portuguesa	Japonesa	Ambas	
1ª	40,5	54,8	8,9	34,7
2ª	58,5	9,2	3,8	23,9
3ª	45,0	5,0	0,0	16,7
Total	48,0	23,0	4,3	75,3

Quadro 17 - Demonstração do percentual de preferência nas línguas Portuguesas e Japonesa, nas três gerações.

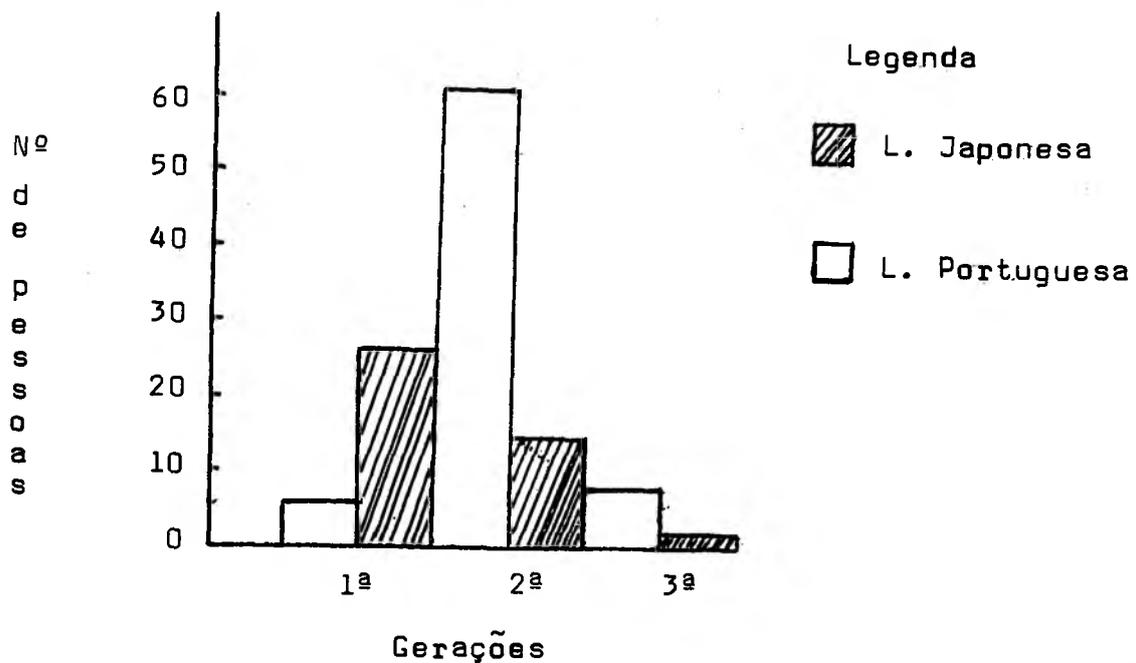


GRÁFICO 10 - Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações Variável - FALAR.

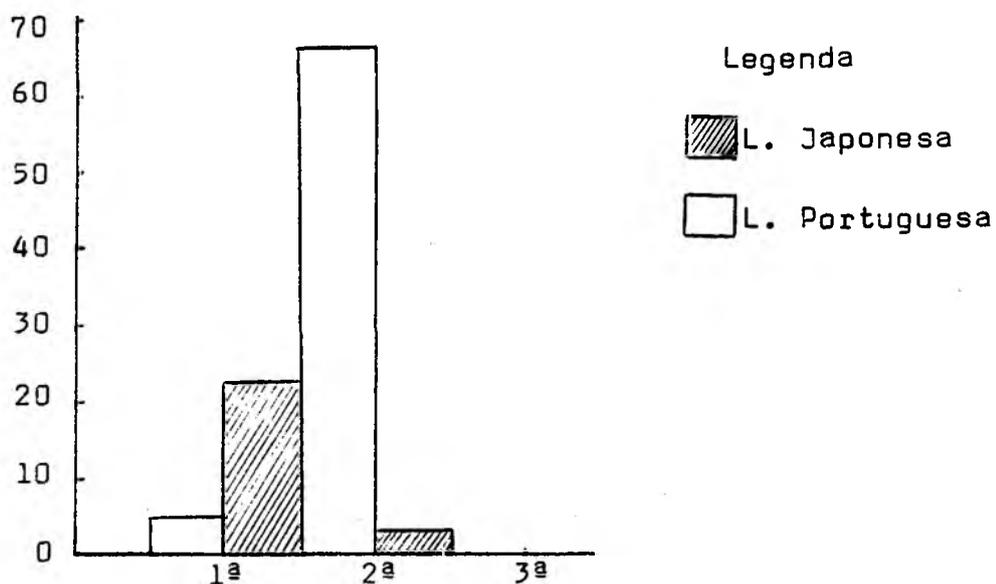


GRÁFICO 11 - Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações Variável - LER

A terceira geração não demonstrou preferência, tanto pela Língua Portuguesa, quanto pela Japonesa.

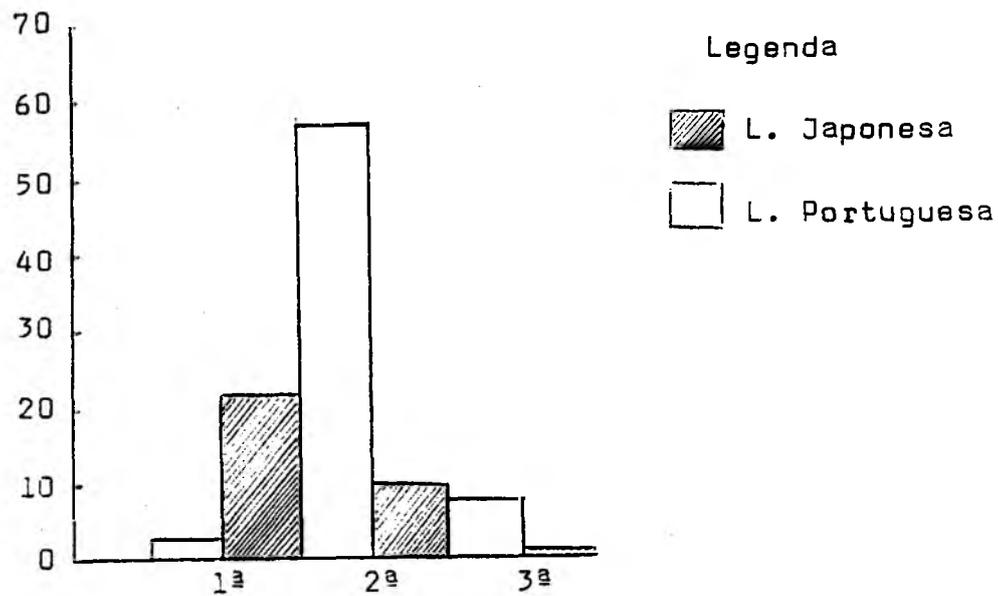


GRÁFICO 12 - Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações Variável - OUVIR

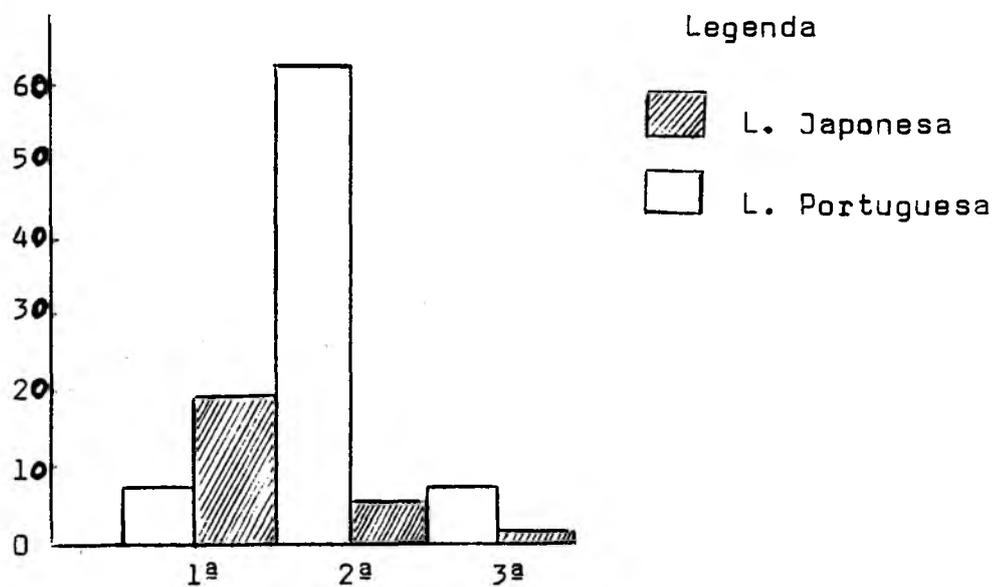


GRÁFICO 13 - Comparação das respostas de preferência, nas línguas Portuguesa e Japonesa, nas três gerações Variável - ESTUDAR

Para o estudo da atitude, achamos interessante colocar questões como:

Gostaria de arrumar emprego dependente da língua japonesa?

Gostaria de freqüentar escola japonesa?

Trocaria o Inglês pelo japonês, como materia escolar?

Ensinaria a língua Japonesa para brasileiros?

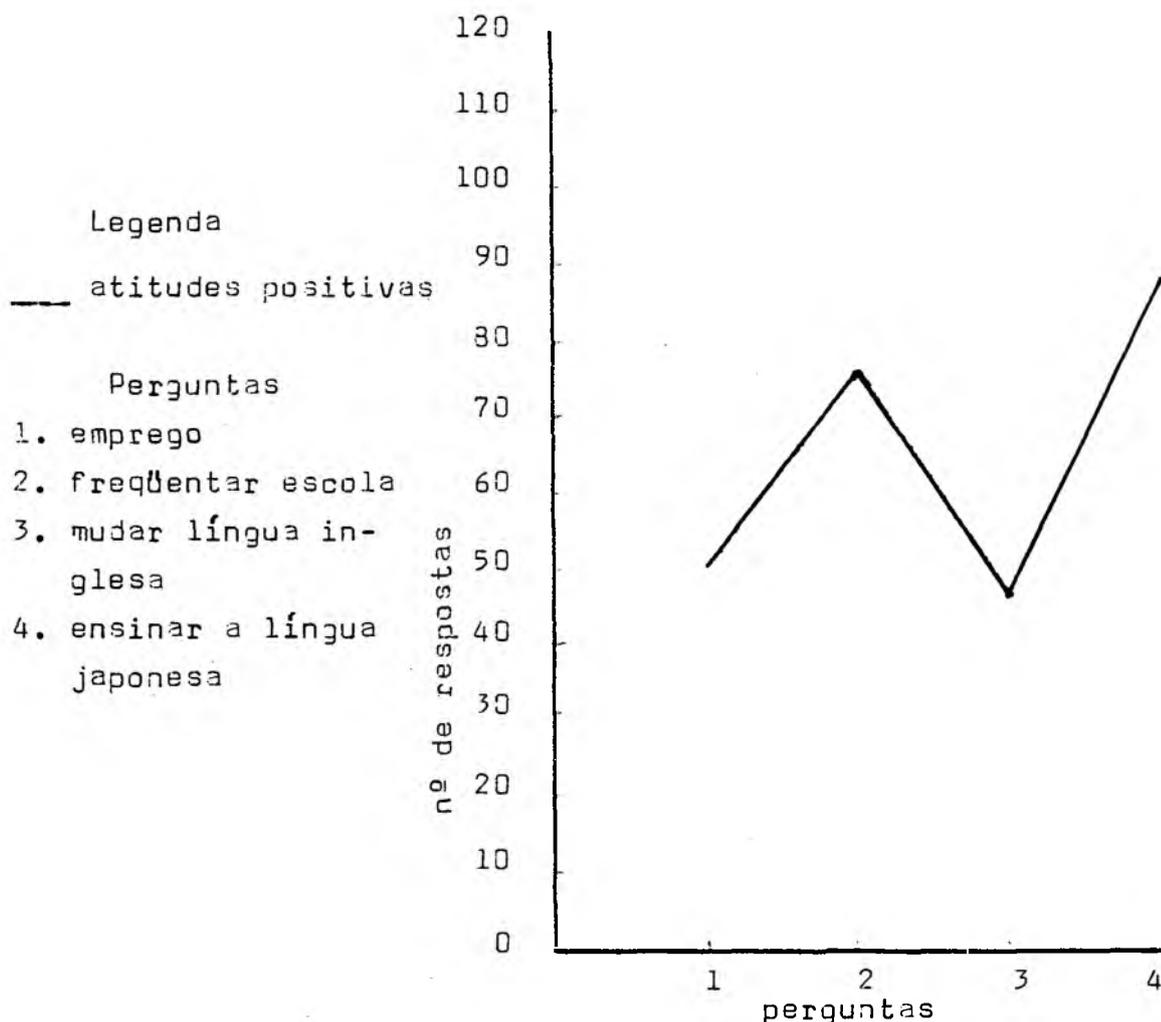


GRÁFICO 14 - Representação das atitudes com relação à Língua Japonesa.

Não há possibilidade de arrumar emprego que só dependa da Língua Japonesa em pequenos centros urbanos. Aquêles empregos que dão essa oportunidade exigem conhecimento gráfico, além do fonológico. (As firmas exigem que os empregados escrevam e falam em Língua Japonesa. Alegando a facilitação da comunicação a clientela nipônica). Os informantes, como se teve oportunidade de cons-

tatar, pouco conhecem da Língua Japonesa, principalmente, a nível gráfico, os que teriam condições para esse tipo de emprego estão com a situação financeira estabilizada.

A questão que se refere a frequentar escola japonesa, a apresentou atitudes favoráveis, apesar de não haver escolas japonesas na colônia. Somente há escolas no município de Arapongas e Apucarana, e não são frequentadas pelos moradores da Colônia Esperança.

A escola da comunidade, objeto desta pesquisa, é pública. A segunda língua que faz parte do currículo é a Inglesa, pensou-se que os japoneses tivessem vontade de que essa língua fosse trocada pela Japonesa, mas pelo número de respostas dadas a maioria prefere que continue o Inglês. Segundo Andrietta Lenard (1975) "o Francês ou o Inglês aprendidos na escola" (de uma comunidade rural como a estudada, onde a disciplina é estudada durante dois anos, 2 horas semanais) "não servem para comunicação". O ensino da Língua Japonesa nessa escola, levaria a bom aproveitamento, já que os estudantes a conhecem e são motivados no lar.

Quanto a ensinar a Língua Japonesa para brasileiros estão dispostos, desde que esses queiram aprendê-la. Não será uma vontade inconsciente em estar bem com essa população? Ou para que haja maior entrosamento? Querer, realmente, pertencer à comunidade brasileira? Deixar de constituir um grupo isolado?

A questão 18 inclui ainda quesitos, cujas respostas determinariam atitudes com relação à Língua Portuguesa, tais como  
Gostaria de falar o português sem sotaque?

Gostaria que os descendentes de japoneses falassem a língua portuguesa?

Observou-se o seguinte resultado: para a primeira, 94 respostas positivas e 11 negativas; para a segunda pergunta, 97 positivas e 15 negativas.

Nas tabelas 12 e 13, apresentamos os resultados sobre previsões futuras quanto à utilidade e permanência da língua Japonesa na Colônia Esperança. As perguntas que as compuseram foram: Qual a língua que...

Será sempre falada na Colônia?

Só será falada? (ver gráfico 15).

Essas duas perguntas compuseram a tabela 12. A tabela 13 foi elaborada através das respostas às seguintes perguntas:

Dará maiores chances profissionais?

Dará maiores salários?

Dará maiores chances para o aperfeiçoamento profissional? (ver gráfico 15).

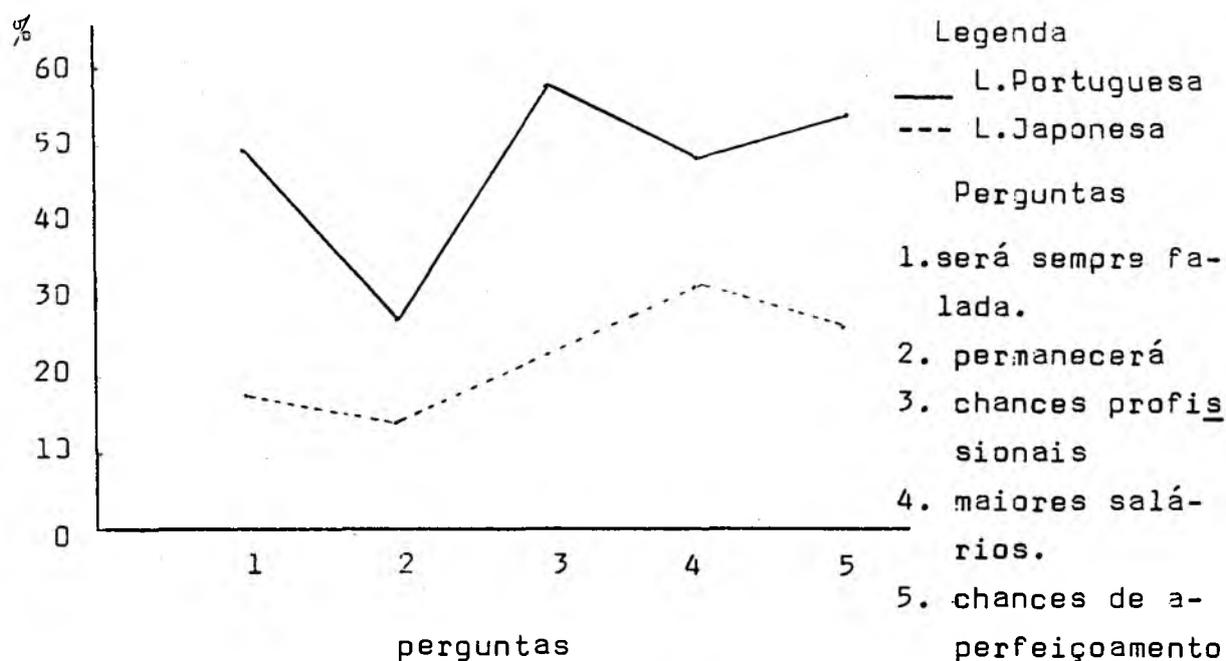


GRÁFICO 15 - Representação das previsões quanto a permanência e utilidade da Língua Japonesa e Portuguesa.

Como se pode observar a língua Portuguesa apresenta maior índice percentual de respostas em todas as perguntas formuladas ao informante, quanto à permanência e utilidade.

Ainda foram incluídas perguntas como:

Qual a língua que nunca mais será falada?

Quanto tempo a língua japonesa será falada?

Os resultados a estas questões apresentaram-se da seguinte forma: a língua Japonesa, apresentou um índice percentual de 87,6% para a primeira pergunta; e para a segunda uma variação de 5 a 100 anos. Gráfico 16.

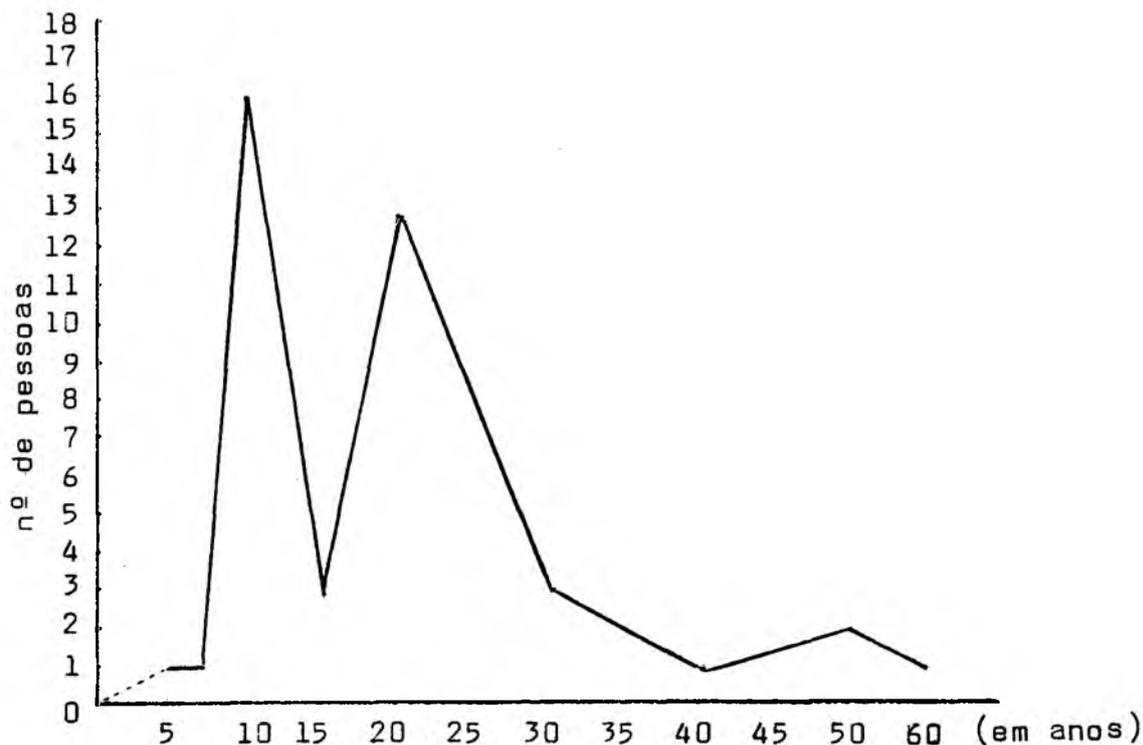


GRÁFICO 16 - Representação da variação das respostas numéricas, em anos, com relação à extinção da Língua Japonesa na C.E...

Pelas atitudes apresentadas, parece que o nipônico não tem motivação para manter a língua Japonesa. Aqueles que deixaram de fazer as previsões quanto ao tempo, apresentaram-se bastante pessimistas. Vejamos algumas respostas.

- a) A língua Japonesa não será mais falada quando os mais velhos morrerem;
- b) Somente perdurará por mais três gerações;
- c) somente será falada por mais uma geração.

Segundo Mackey 1970, a alternância de uma língua para outra envolve três fatores importantes: o assunto, as tensões, as pessoas, em situações de linguagem oral e escrita. O bilingüe devido a fatores externos tem maior ou menor desempenho em uma língua para determinados assuntos. A proficiência de uma

língua ou outra varia de acordo com o meio que ele a utiliza e o meio no qual a aprendeu. Se uma língua é usada na escola e a outra não, todos os assuntos referentes à educação podem ser discutidos naquela língua. Se aprendida na comunidade os assuntos comuns a esta, provavelmente aparecerão nesta língua.

Também a língua poderá variar de acordo com o receptor, se este tiver maior conhecimento de uma língua, o bilingüe procurará dirigir o diálogo na mesma língua da pessoa com a qual ele está falando ou mantendo a conversa. As tensões são fatores que também levam o indivíduo a usar uma ou outra língua. Acontece que dependendo da fluência de sua língua, facilita-lhe a mudança de uma para outra, e isto depende das funções externas e internas de uma ou de outra língua. Essa alternância pode ser medida em um trecho de um texto examinado, obtido através de gravações ou escritos por sujeitos bilingües. Para efeito da atual pesquisa foram elaboradas questões sobre alternância na linguagem oral sob algumas condições psicológicas. (ver tabela 8)

O informante foi solicitado a responder afirmativamente ou negativamente, se quando cansado, emocionado, nervoso (irritado), desanimado, trocava uma língua por outra. O percentual de respostas afirmativas na primeira geração foi de 64,3%, somente 0,8% deixaram de responder. Na segunda geração, verificou-se um certo equilíbrio no percentual de respostas positivas e negativas, sendo respectivamente, 47,5% e 45,9%. Na terceira geração, 40% de ambas as respostas. Os informantes apontaram a maior alternância quando se encontram cansados e emocionados.

A primeira geração é a que acusa o maior índice de alternância em todas as condições psicológicas, e, todas as gerações apontam a troca de uma língua para outra em todos os itens.

Parece existir entre eles uma certa conscientização das trocas que eles fazem. Pode-se notar em algumas situações. O inquiridor diversas vezes presenciou essas trocas da Língua Portuguesa para a Japonesa e vice-versa, nos diálogos que uns mantinham com os outros.

Após verificar a alternância, procurou-se saber qual a

língua que interfere (cuja manifestação é mais freqüente) nessas ocasiões. (tabela 9) Nessa tabela constatou-se que na primeira geração, a língua que interfere mais é a Japonesa; na segunda, a Portuguesa e na terceira, também a Língua Portuguesa. Qualquer afirmação sobre alternância seria bastante arriscada, visto que as respostas mostram o aspecto subjetivo para uma e outra língua. Acredita-se que a alternância exista no percentual apresentado nas tabelas 8 e 9, mas deveria ser testada através da linguagem escrita e oral. Tal estudo não foi feito, por não fazer parte das pretensões do investigador na presente etapa de pesquisa.

Procuramos ainda verificar se o uso de L1 implica em conceituar as pessoas:

a) as pessoas que falam a língua japonesa são:  
mais conceituadas ou menos conceituadas (ver gráfico 17);

b) os brasileiros consideram o falante de língua japonesa:

mais conceituados

menos conceituados (ver gráfico 17)

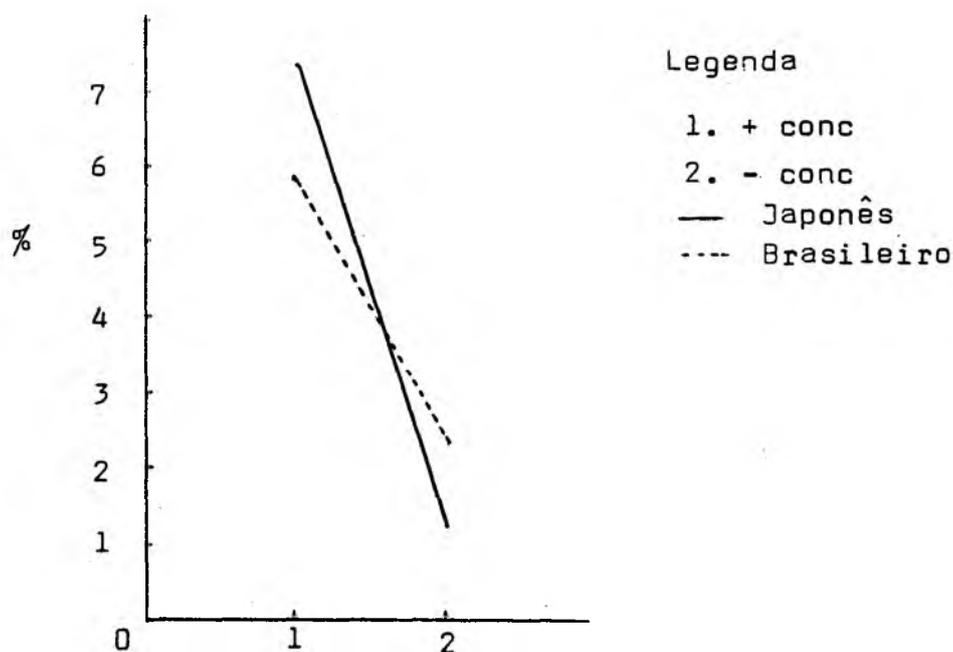


GRÁFICO 17 - Representação do índice percentual às respostas: as pessoas mais e menos conceituadas segundo língua que falam.

Apresenta-se um alto índice percentual no que se refere àqueles que falam a língua Japonesa como mais conceituados. Parece não existir um sentimento negativo ou de inferiorização entre eles. Talvez não haja pressão, ou não se sintam pressionados pela população brasileira, pelo fato de usarem outra língua diferente da nacional. Consideram-se conceituados por falarem duas línguas. Quanto às respostas dadas muitos fizeram comentários. Tais como:

a) o fato dos brasileiros considerarem o Japonês mais ou menos conceituados, varia muito de um brasileiro para outro. Aqueles que tiveram ou tem mais contactos com os japoneses, consideram-nos mais conceituados;

b) depende da sociedade em que vivem, no norte do Paraná são bem aceitos;

c) depende do ambiente de trabalho, em algumas empresas, os imigrantes são mais conceituados;

d) depende do nível cultural da pessoa, as mais educadas valorizam aqueles que falam mais de uma língua.

#### 4.1.3. Análise Comparativa dos Resultados.

Examinou-se os dados de outra maneira, isto é, reagrupando-os com o objetivo de comparar os resultados.

A primeira atitude foi no sentido de comparar as respostas dadas com relação às habilidades de leitura e escrita, com os hábitos de leitura e escrita. (tabelas 2,3 e 4) Para melhor visualização elaborou-se o gráfico 18.

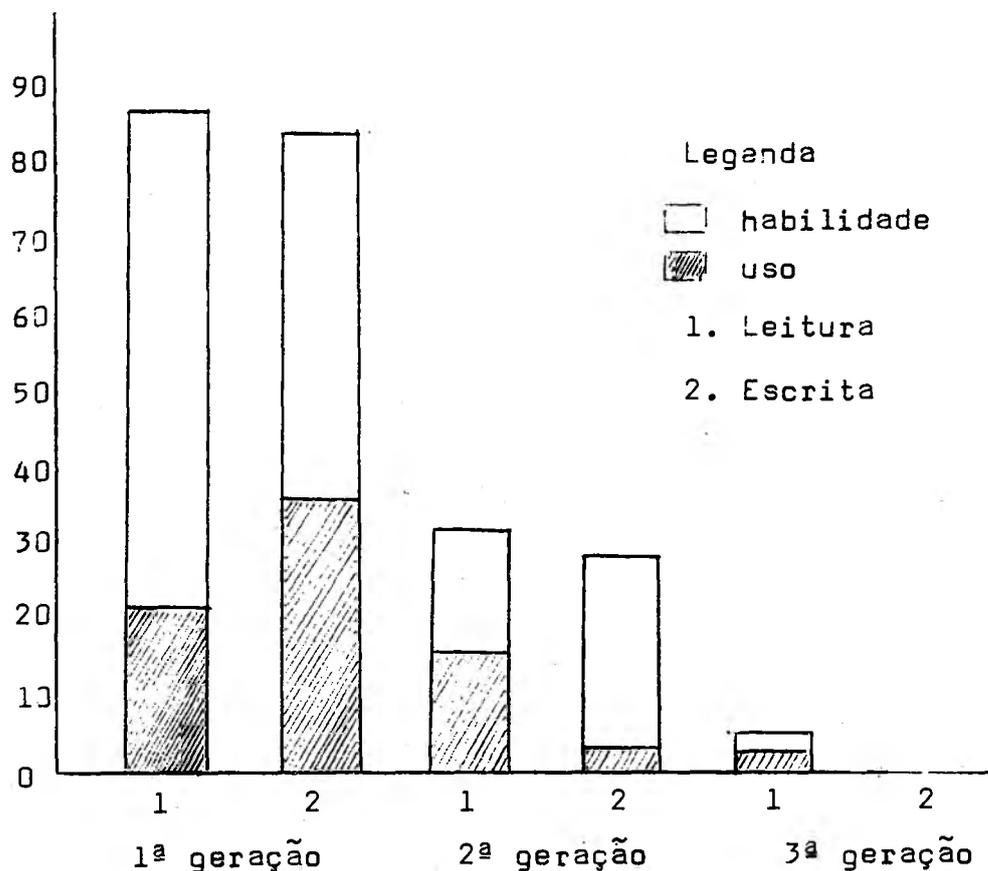


GRÁFICO 18 - Representação das habilidades de leitura e escrita, comparados com os hábitos de leitura e escrita, em ambas as línguas.

Outra comparação foi feita, agrupando-se os resultados dos hábitos de leitura e escrita com tradução. (quadro 18)

geração	1ª	2ª	3ª	Total
Nível gráfico				
Leitura	25,8%	15,2	10	17
Escrita	35,5	2,5	0	12,7
Tradução	72,6	54,5	25	50,7
Média	44,6	24,1	11,5	26,7

Quadro 18 - Demonstração do nível gráfico, por gerações, em ambas as línguas.

No Quadro 18, a primeira geração apresenta uma média percentual, em leitura, escrita e tradução, de 44,6%. Mas, se observarmos somente o item tradução, teremos um percentual de 72,6% pois a habilidade nessa última, necessita das outras duas habilidades (leitura e escrita). Qual o índice percentual que devemos considerar para concluir à respeito das habilidades em nível gráfico, 44,6% ou 72,6%? Parece que o mais lógico seria considerar uma variação no nível gráfico de 44,6% a 72,6%. Talvez a variação possa ser atribuída à subjetividade do questionário. O mesmo ocorre com a segunda e terceira gerações cujas variações na segunda seria de 24% a 54,5% e na terceira de 25% a 11,5%.

O segundo procedimento foi com relação à expressão oral nas tabelas 6a e 6b, que trataram do uso da língua Japonesa em situações familiares. Para a tabela 6a, calculou-se o percentual sobre o número de respostas dadas e não pelos informantes que as responderam, porque o número de respostas para cada informante poderia chegar até 10. (questão 13). O número diverso de respostas para cada informante variou, porque um ou outro parente estava ausente do país ou não existia.

Pelas respostas dadas pode-se deduzir o seguinte: a) é bastante reduzido o relacionamento familiar na primeira geração em língua portuguesa; b) o diálogo em língua Portuguesa ocorre com os irmãos e com os conjuges e nunca com os ascendentes.

O gráfico abaixo apresenta os resultados da tabela 6a.

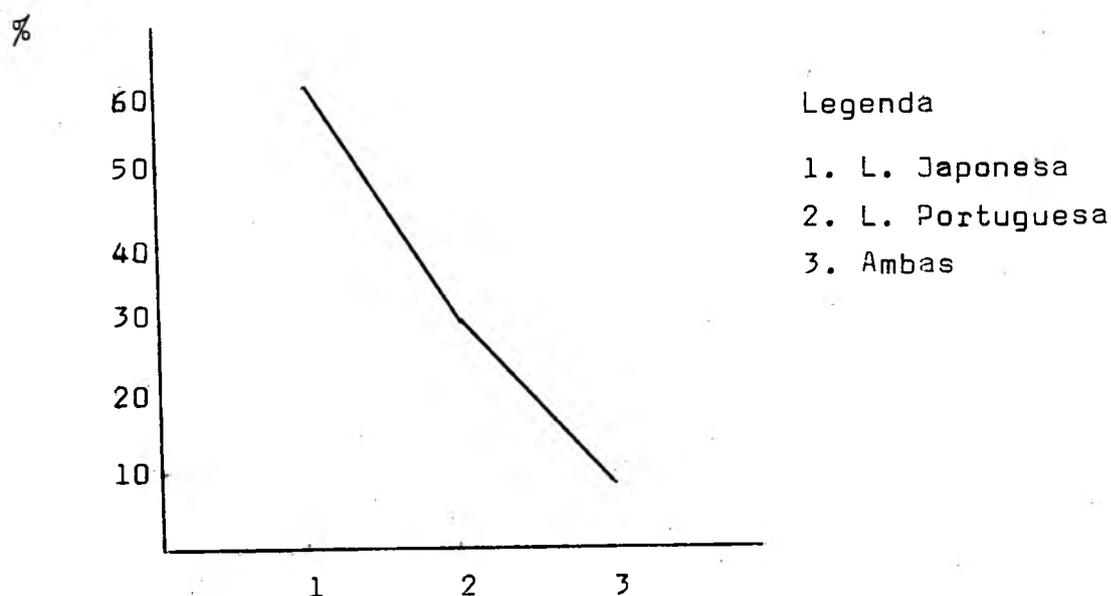


GRÁFICO 19 - Representação do percentual da linguagem oral no relacionamento familiar.

A fim de verificar o relacionamento lingüístico entre as gerações, tomou-se em separado as respostas dadas pela segunda geração com relação aos pais, e as respostas dadas pela terceira geração em relação aos pais e avós.

Para demonstrar-se o uso da expressão oral familiar da segunda geração, elaborou-se o gráfico 20.

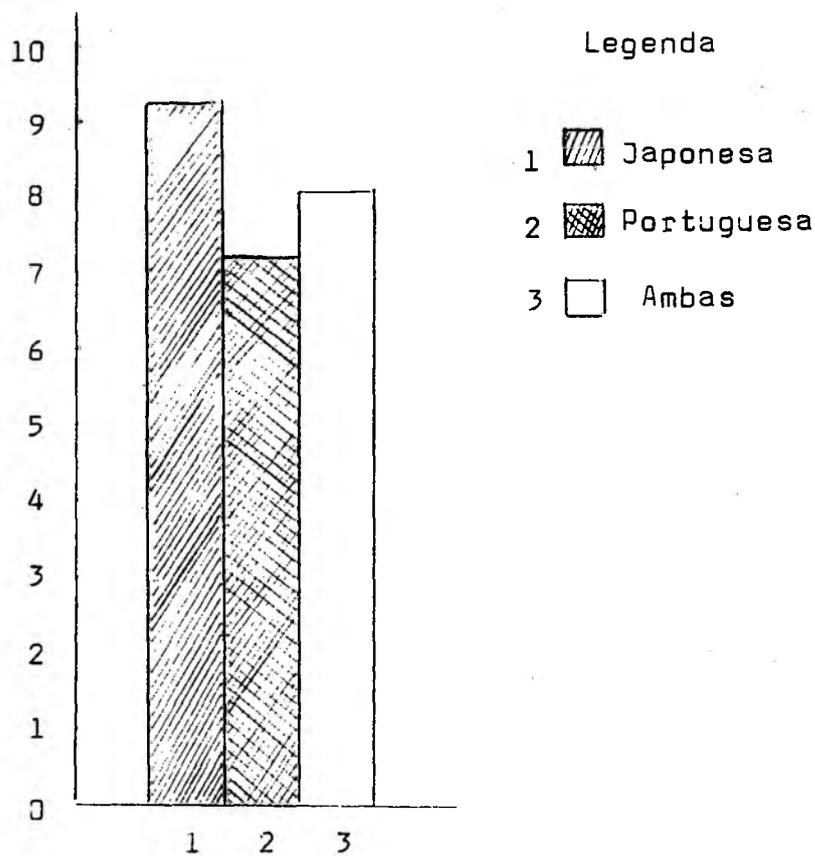


GRÁFICO 20 - Representação da expressão oral na segunda geração.

Para demonstrar-se o uso da expressão oral familiar na terceira geração elaborou-se o gráfico 21.

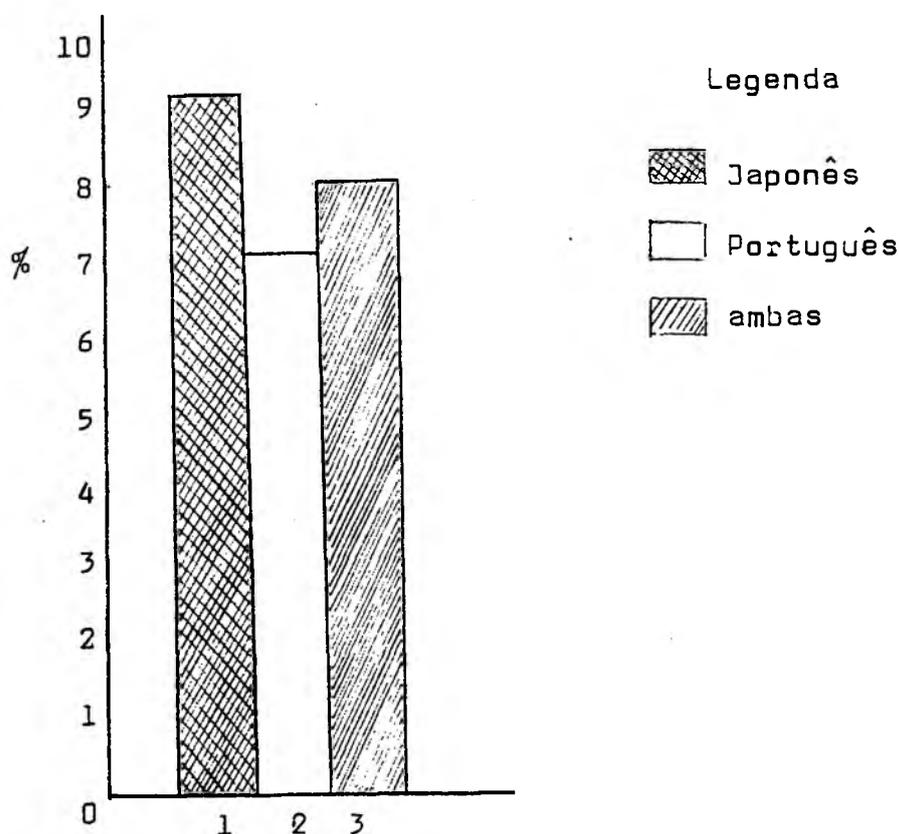


GRÁFICO 21 - Representação da expressão oral na terceira geração.

"Alguns bilíngües usam uma língua e a mesma para a expressão interna" (Mackey, 1970). E a língua usada pelo bilíngüe tem sido frequentemente a língua dominante, embora a interpretação dada como dominante não possa ser generalizada para todo o bilíngüe, isto porque outro bilíngüe pode usar línguas diferentes para diferentes espécies de expressões internas.

No questionário, foram colocados para medir expressões internas, itens sobre rezar, calcular e sonhar. A esses itens poderiam ocorrer respostas de uma ou de outra língua. Isto porque a língua usada para orações depende da língua em que o informante foi condicionado pela religião. Se o informante aprendeu a rezar em determinada língua, ele terá, provavelmente, prefe-

rência pelas atividades religiosas praticadas nessa língua. Quanto à língua usada para calcular, dependerá do condicionamento da língua em que ele aprendeu a efetuar seus cálculos. A escola exerce um fator preponderante neste aspecto. Em se tratando de sonhar dependerá com quem a pessoa estará sonhando e a língua comum àquela pessoa.

Devido ao que foi acima exposto, os resultados apresentados na tabela nº 7, mostram que a língua dominante da 1ª geração é a japonesa, Compreende-se, perfeitamente esse resultado, pois, quando vieram do Japão já oravam em língua Japonesa.

Na 2ª geração a predominância nas expressões internas é na língua Portuguesa. As orações foram aprendidas nessa língua, como também os cálculos. O mesmo ocorreu com a terceira geração.

Para as situações de rotina, agrupou-se os itens a,c,d, da questão 15, e b,d,e, da questão 16. (ver quadro 19).

Língua Situação de contacto	Portuguesa	Japonesa	Ambas	Total
Refeições	40	15	17	72
Piadas	67	6	6	79
Brigas	62	10	4	76
Emoção	66	13	3	82
Compras	61	12	7	80
Conselhos	63	7	6	76
Total	359/77,2%	63/13,5%	43/9,2%	465/100

Quadro 19 - Demonstração das situações de rotina nas línguas Portuguesa e Japonesa.

Em todas as situações predomina a língua Portuguesa. Verificando as respostas dadas à língua japonesa, constatou-se que pertencem à primeira geração, em sua maioria.

Considerando-se a segunda geração como contacto entre a primeira e a terceira, evidenciou-se o percentual da resposta do uso lingüístico em leitura, escrita, expressão interna e expressão oral. Essa geração, talvez seja a que tenha condições de oportunizar à primeira geração e à terceira maior contacto entre uma língua e outra, partindo do uso que ela faz dessas línguas nas diversas situações. Sabendo a segunda geração escrever ou ler em ambas as línguas, além de falar, poderá eventualmente suprir a falta de escolas em língua japonesa, ensinando seus filhos pelo menos rudimentos gráficos ou orais, visto que em língua Portuguesa, a escola, o contacto com falantes de língua nacional, suprem a possível ausência do contacto lingüístico entre a população japonesa da Colônia.

As variações do uso lingüístico da segunda geração, estão baseados em vários itens do questionário aplicado na comunidade. São eles: tipo de leitura; expressão escrita, expressão oral; expressão interna.

habilidades Línguas	Leitura	Escrita	Expressão Interna	Expressão Oral	total	
					N	%
Portuguesa	61	71	64	35	58	73,42
Japonesa	2	1	7	19	7	8,86
Ambas	12	2	4	9	7	8,86
Prejudicado	4	5	4	16	7	8,86
Total	79	79	79	79	79	100%

Quadro 20 - Demonstração das habilidades lingüísticas da segunda geração nas línguas Portuguesa e Japonesa.

Os resultados mostraram que a segunda geração usa a língua Portuguesa num índice percentual de 73,4% e a Japonesa 8,86 por cento e ambas 8,86%.

Por esses resultados pode-se afirmar que a segunda geração tem mais habilidade em Língua Portuguesa, visto que o bilíngüe usa mais a língua na qual tem mais fluência, como também aquela que sua vida comunitária lhe proporciona mais.

A segunda geração apresentou um índice percentual de 97,5%, em língua Japonesa como L1. (ver página 54). Quanto à terceira geração não será estudada da mesma forma, por ter uma amostra bastante reduzida. Apesar de que, a amostra da 3ª geração (maiores de 13 anos) está na mesma proporção da amostra da 2ª e 1ª, tendo-se como base a população da comunidade.

## CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE ERROS

## CAPÍTULO 5

5.0 ANÁLISE DE ERROS

A maioria dos erros cometidos por uma pessoa que fala duas línguas é atribuída à influência do meio e ao processo de aprendizagem. O aprendizado de uma segunda língua, assistematicamente, leva a muitos erros de interferência; o aprendiz adquire a variedade ou dialeto do grupo em contacto e é comum transferir estruturas da língua materna para a segunda língua. Naban<sup>33</sup> explica que essa transferência é devida à habilidade linguística ser um conjunto de hábitos e que o aprendizado da nova língua é uma aquisição de novos conjuntos de hábitos. Stockwell (1965) admite duas maneiras para se estudar os erros do bilíngüe: a primeira maneira seria coletando listas de erros feitos pelos estudantes e então tentar descobrir o conflito entre os sistemas que deram base para tais erros; ou pelo conjunto de uma comparação sistemática que apresenta as diferenças em estruturas, e predizer que tais erros ocorrerão nestes e naqueles conflitos. Enquanto Lado<sup>34</sup> afirma que, ao comparar dois sistemas de sons, temos três tarefas: determinar os fonemas similares; determinar as variantes dos fonemas similares em ambas as línguas, para comprovar se elas são idênticas; estabelecer a distribuição dos fonemas.

Após constatar os erros do falante bilíngüe, em Língua Portuguesa, investigou-se a origem desses erros. Para tanto foi necessário estudar o sistema fonológico das línguas em contacto. Inicialmente, apresentamos uma análise dos fonemas segmentais da Língua Japonesa<sup>35</sup>, feito por Bernard Bloch e sistematizado de acordo com o objetivo do trabalho e em seguida da Língua Portuguesa.<sup>36</sup> Confrontando ambos os sistemas, foi possível determinar

- 
33. NABABAN, P.W.J. - A Note on Transfer and Interference in Foreign Learning - Indonésia.
34. LADO, Robert - Introdução à Linguística Aplicada, Editora Vozes, Petrópolis, 1971.
35. Para o estudo dos fonemas segmentais da Língua Japonesa, utilizou o de Bernard Bloch - Studies in Colloquial Japanese - IV Phonemics (329-348) - Language, 1950.
36. Para a análise fonológica da L. Portuguesa, fundamentou-se teoricamente, em David Reed e Yolanda Leite, Mattoso Câmara Jr. e Eunice Pontes.

as diferenças e semelhanças entre eles. Dessa comparação procurou-se explicar a causa dos erros dos falantes bilíngües, apresentados nos textos gravados, em Língua Portuguesa; procuramos determinar quais erros eram devidos ao sistema fonológico da Língua Japonesa e quais ao dialeto caipira, aprendido pelos japoneses da Colônia Esperança. Também foram feitas algumas observações de erros morfossintáticos, porém se a preocupação de descobrir suas causas. Os erros foram analisados do material gravado, recolhido da 1ª geração (isseis), e verificou-se sua permanência na segunda e terceira gerações. Tomou-se para a análise o material gravado da primeira geração, porque partiu-se da hipótese de que elementos desta geração apresentariam mais problemas de interferência do que a segunda e esta mais do que a terceira.

A descrição foi feita dentro dos princípios da Linguística Descritiva.

### 5.1. Dialetos Descritos

Dialeto é o termo que indica uma maneira de falar que apresenta pronúncias, palavras, expressões e construções gramaticais usadas mais ou menos uniformemente em toda uma área ou por um grupo de falantes, maneira essa que difere dos falares de outras pessoas da mesma língua. Lado,<sup>37</sup> o define como sendo as variações decorrentes de línguas que são faladas por grande número de pessoas. Os dialetos distribuem-se entre classes sociais diferentes, por áreas geográficas diferentes e também em épocas diferentes na história de uma língua. A Língua Japonesa possui vários dialetos, o considerado padrão no Japão é o de Tóquio. Na Língua Portuguesa há dois dialetos: o brasileiro e o europeu. As próprias análises fonológicas consultadas indicam diferenças dentro do domínio geográfico da Língua Portuguesa falada no Brasil: no Rio de Janeiro e São Paulo por exemplo, as pessoas não falam da mesma maneira, existe uma variação de um lugar para outro. Essas

---

37. LADO, Robert - Introdução à Linguística Aplicada, Editora Vozes, Petrópolis, 1971. pp. 197.

diferenças, são devidas há muitos outros fatores, além do aspecto geográfico, porém o fator que interessa a presente pesquisa é aquele devido a ausência da escolarização, que é denominado por Amadeu Amaral de dialeto caipira.<sup>38</sup> Dialeto Caipira é uma variedade na fala das pessoas incultas que se caracteriza por omissão, trocas ou aumento de fonemas.

O dialeto da Língua Japonesa descrito neste trabalho é o Coloquial Standard, definido como a fala das pessoas educadas nascidas em Tóquio. A variedade da Língua Portuguesa descrita é o Português do Brasil, mais precisamente, o Português falado por pessoas cultas do Norte do Paraná. Para esta análise seguiu-se os princípios teóricos de David Reed e Yolanda Leite, Mattoso Câmara e Eunice Pontes. O fato de se ter seguido autores que descreveram variedades lingüísticas diferentes e com princípios teóricos divergentes, deveu-se à necessidade de sistematizar a análise da Língua Portuguesa aos moldes da análise da Língua Japonesa descrita por Bernard Bloch. Isto porque facilitaria a comparação entre os dois sistemas lingüísticos.

Escolheu-se o dialeto de Tóquio, porque além de ser conhecido por toda a primeira geração da Colônia Esperança, que foi escolarizada no Japão, nesse dialeto, como também pelo fato da descrição feita por Bernard Bloch vir de encontro com as necessidades do presente estudo. Escolheu-se a variedade norte paranaense porque é a que mais se assemelha com a variedade paulista aprendida pelos japoneses, quando chegaram no Brasil, como também porque é a variedade com que eles têm tido contato nos últimos anos.

---

38. AMARAL, Amadeu - O Dialeto Caipira, Editora Anhembi Ltda, São Paulo, 1955. pp. 41.

## 5.2. Erros de Pronúncia

São os seguintes os erros apresentados nos diálogos da primeira geração, isto é, pessoas cuja língua materna é a Japonesa e tem a Língua Portuguesa como segunda língua.

trocam:

1. [ñ] por [ny]

exemplos: [a're'mēnya]          alemanha  
                  [akōmpa'nyēndu]          acompanhando

2. [si] por [și]

exemplos: [šĩ'kwēnta]          cinquenta  
                  ['eși]          esse

[se] por [še]

exemplos: [še'šēnta]          sessenta  
                  [šeis]          seis

3. [r] por [r̃] ou [h]

exemplos: ['karu] e ['kahu]          carro  
                  ['hatu]          rato  
                  ['tara]          terra

4. [zi] por [zĩ]

exemplo: [bra'ziw]

5. [za] por [zya]

exemplo: [zya'pōŋ]          japão  
                  ['zya]          já

[z̃] por [z]

exemplo: ['zēntși]          gente

## 6. [l] por [r]

exemplo: ['rɛstʃi] leste

['ɛri] ele

[i] por [r]

exemplo: ['firɥu] filho

## 7. [ẽw] por [õŋ]

exemplo: [ʒya'põŋ] japão

['nõŋ] não

[wẽ] por [wõn] ou [õn]

exemplo: ['kwõndu] quando

['kõndu] quando

## 8. [pl] por [pʁ]

exemplo: [mutipʁi'ka] multiplicar

## 9. Eliminam-se os grupos consonânticos.

exemplo: [buʁaziũ] brasil

[lõndurĩna] londrina

## 10. [gl] por [gr]

exemplo: [iŋ'grɛis] inglês

## 11. omissão de sons.

exemplos:

['tá] está

[mu'dẽmu] mudamos

[dʒi'ze] dizer

['mẽmu] mesmo

['pʁõpiu] próprio

['otʁu] outro

## 12. troca de sons.

exemplos:

['ẽnsĩn] assim

[ar'keŕi ]	alqueires
[fi'ruzi ]	ferrugem
['kũmu ]	como
[koy'erũ ]	colheram

13. Acréscimo de sons.

exemplos:

[ 'nəyzi ]	nós
[ 'meyzi ]	mês

14. a entonação das palavras e das frases apresentam interferências da Língua Japonesa.

Neste ítem objetivou-se somente a listagem dos erros. A análise dos mesmos foi desenvolvida no item 5.6.3.

### 5.3. Erros de Morfossintaxe

Morfossintaxe é o estudo dos fatos da linguagem considerados sob os aspectos simultâneos da forma e função. O indivíduo que adquire uma segunda língua apresenta diversas transferências morfêmicas e funcionais, da sua língua materna para a última. O issei bilíngüe, além de apresentar esse tipo de transferência, ainda somou-o, com os desvios da norma padrão, da variedade em contacto. Esses erros referem-se, principalmente, às flexões nominais e verbais, ordem das palavras, aplicação das regras de concordância, omissão de instrumentos gramaticais, entre outros. Nesta unidade simplesmente alistamos esses erros, não procuramos suas causas, isto é, não as identificamos como erros de transferência ou devidas à variedade em contacto. Objetivamos citá-las, visto que nos chamou a atenção a quantificação desses erros. Gostaríamos ainda, de acrescentar que os erros aqui apresentados, dificultam o entendimento do diálogo se não forem corrigidos da forma como os apresentamos.

a. omissão de:

I - conjunções:

Exemplos:

1. a) cinqüenta seis  
b) Cinqüenta e seis
2. a) Cento vinte dividido por quatro  
b) Cento e vinte dividido por quatro.
3. a) Sistema japonês tem de multiplicar assim, né?  
b) No sistema japonês tem que se multiplicar assim, não é?
4. a)... como escola ensina inglês, francês...  
b)... como a escola ensina inglês e francês...
5. Tem segurar...  
b) Tem que se segurar...

## II - preposições:

## Exemplos:

1. a) Ih! Eu mudei muito lugar.  
b) Ih! Eu mudei para muitos lugares.
2. a) Agora, parti do avô...  
b) Agora, da parte do avô...
3. a) Ih! maior parte tem que ser português, né?  
b) Ih! A maior parte tem que ser em português, não é?
4. a) rezar?... maior parte português, maior parte em japonês.  
b) Rezar?... Ora em português, ora em japonês.
5. a) Ah! esse contar piada só japonês.  
b) Ah! isso de contar piadas é só em japonês.
6. a) É português, né?  
b) É em português, não é?
7. a) ... mas eu gosta sempre fazê esse, né?  
b) ... mas eu gosto sempre de fazer este, (sistema) não é?
8. a) Em língua Bélgica até hoji disque...  
b) Na língua da Bélgica dizem que até hoje...
9. a) Mas depois que formô ginásio, então científico e mais aca  
demia...  
b) Mas depois que se formou no ginásio, no científico e na  
academia...
10. a)... porque coreita japoneis aqui...  
b)... porque na colheita os japoneses daqui...
11. a) Eri deu cada cova...  
b) Ele deu para cada cova...
12. a) Época café, também tem ano que dá bem...  
b) A época do café, há anos que dá bem...
13. a) Tem que sê o portugueisi, né?  
b) Tem que ser em português, não é?
14. a) Porque maió parti negociante é brasirero.  
b) Porque a maior parte dos negociantes são brasileiros.

15. a) Esse, se quem tem vontade aprendê, a genti ensina, né?  
 b) Para aquele que tem vontade de aprender nós ensinamos.
- 16) a) Esse ponto...  
 b) Agora neste ponto
17. a) Eri cori trechu, não só aqui Paraná, não.  
 b) Ele corre o trecho não só aqui no Paraná.

### III - Artigos:

1. a) Lá não, eu veio de Japão  
 b) Lá não, eu vim do Japão
2. a) Veio di Japão, i rá du Miazaki.  
 b) Vim do Japão de Miazaki.
3. a) Ih! maió parti tem qui sê portugueis, né?  
 b) Ih! a maior parti tem que ser em português.
4. a) Porque morecada...portugueis.  
 b) Porque a molecada... português.
5. a) Porque Bégica é com terra di França e Aremania.  
 b) Porque a Bélgica é formada com as terras da França e Alemanha.
6. a) Até ginásio, como escora ensina ingrais, franceis.  
 b) Até o ginásio, como a escola ensina inglês e francês.
7. a) Tombô canoa? não sei!  
 b) Tombou a canoa? não sei!
8. a) Canoa não gñenta a coisa.  
 b) A canoa não agñenta a coisa.
9. a) Somá é igual, dividi e soma ansim é igual, né?  
 b) A soma é igual, a dividir e somar, não é?
- 10.a) Porque maió parti negociante é brasireru.  
 b) Porque a maior parte dos negociantes são brasileiros.
- 11.a) Tem que sê portugueisi, porque coreita... japoneis aqui, não compra nada, né?  
 b) Tem que ser português, porque na colheita os japoneses da qui não compram nada, não é?

12. a) Agora, já eu não. Eu quero mais agora fíriu tem qui estuda e japoneis, né?  
b) Agora, eu não. Eu quero, mas agora os filhos tem que estudar o japonês.
13. a) Maisi eu prefiro acho que é jiaponeis...  
b) Mas eu acho que preferi o japonês...
14. a) Tem que sê brasiretu.  
b) Tem que ser o brasileiro.
15. a) ...como disse coretor...  
b) ...como disse o corretor...
16. a) Qué dizê que ia puxiandu famíria ansim, né?  
b) Quer dizer que ia puxandu a família assim, não é?
17. a) ... i eri contava mēmu verdadi.  
b) ... e ele contava mesmo a verdade.
18. a) ... com tio dere,...  
b) ... com o tio dele,...
19. a) ... depois irmão começô.  
b) ... depois o irmão começou.
20. a) agora diz que cada um seu, né?  
b) agora dizem que cada um tem o seu, não é?
21. a) Quando tava unido catru tava indo bem.  
b) Quando estavam unidos os quatro, estavam indo bem.
22. a) Eri cori trecho,...  
b) Ele corre o trecho...

#### IV - pronomes

1. a) Sistema Japoneis tem di murtipricá ansim, né?  
b) No sistema japonês tem que se multiplicar assim, não é?
2. a) Brasir conta catru veis treis, doze, né?  
b) No Brasil conta-se quatro vezes três, doze, não é?
3. a) Porque aqui no Brasiru tem que fará tudo, né?  
b) Porque, aqui no Brasil tem que se falar tudu, não é?
4. a) qué dizè que diz oitu mutiprica...  
a) quer dizer que se multiplica dezoito...

5. a) Mais depois que formô zinásiu,...
- b) Mas depois que se formou no ginásio...
6. a) Só a uma palavra não chama língua.
- b) Só uma palavra, não se chama língua.
7. a) Tem sigurá canoa não gñenta a coisa.
- b) Tem que se segurar. A canoa não aguenta a coisa.
8. a) Patrão chamava...
- b) O patrão chamava-se...
- 9) a) , encaminhava pensamento
- b) , encaminhava-se o pensamento.

#### V - Verbos:

1. a) com esse padre aí tem que sê japoneis.
- b) Com esse padre tem que se falar japonês.
2. a) ... porque molecada português.
- b) ... porque a molecada reza em português.
3. a) Ah! esse contá piada só japoneis.
- b) Ah! Isso de contar piada é só em japonês.
4. a) agora, dividi, mutipricá também mais faci, né?
- b) agora, dividir, multiplicar também é mais fácil, não é?
5. a) Porque Bégica é com terra di França e Aremania.
- b) Porque a Bégica é formada com terras da França e da Ale  
manha.
6. a) ... tem que siguranu.
- b) ... tem que ir se segurando.
7. a) Este no dia do casamento, quando vinti cinco ano despoi  
di casadu.
- b) Está é no dia do casamento, quando fizemos vinte e cinco  
anos de casado.
8. a) Vinti cinco ano, bota di prata.
- b) Vinte e cinco anos é boda de prata.
9. a) Bom, ingreis também prichija, né?
- b) Bom, inglês também é preciso, não é?

10. a) ... Então rogu já faru, né?  
b) ... Então logo comecei a falar, não é?
11. a) Prá mim dois, né?  
b) Para mim são dois, não é?
12. Todo japonês não é, né?  
b) Todos os japoneses fazem o mesmo, não é?
13. a) ...meio nervoso ansim... pior, né?  
b) ...meio nervoso, assim é pior, não é?
14. a) ... a zenti avisado pela família...  
b) ...a gente sendo avisado pela família...
15. a) ...acho que Sorocaba, sim.  
b) ...acho que é Sorocaba.
16. a) agora diz que cada seu, né?  
b) agora dizem que cada um tem o seu, não é?
17. a) porque meu irmão mascate, né?  
b) porque meu irmão é mascate, não é?
18. a) agora se negócio di roçação, seisi ano.  
b) agora para a roçação deram seis anos.

#### VI - advérbios:

1. a) ... acho que morei treisi ano, ...  
b) ... acho que lá morei três anos...

#### VII - palavras ou substantivos:

1. a) ... que não feizi como era rogu o seguinte, né?  
b) ... como não foi feito logo, atrasou a safra seguinte.

#### b. Indiscriminação

#### I - Confusão entre advérbio e pronome:

- i. a) Agora meu vizinho aí ... daqui do coisa, foi bom.  
b) Agora para aquele meu vizinho...

c.

## I - Uso de verbos por substantivos:

1. a) agora esse parti di brigá...
- b) agora essa parti de brigas (com referência a brigas).

## I - Redundância no uso de advérbios.

1. a) E eri não veio porque já morreu rá memu.
- b) E ele não veio porque morreu lá mesmo.
2. a) ...então roqu já faru, né?
- b) ... então logo comecei a falar.

## e. Trocas de:

## I - advérbios:

1. a) E eu que tava esperando prá ano que vem, aí não deu nada, né?
- b) e eu que estava esperando para o ano que vem, agora não deu nada...

## II - Verbos:

1. a) Então, esse agora torna um país independenti...
- b) ... Então esse (país) se tornou um país independente.
2. a) Aqui no Brasiru memu tudo mundo tava farando...
- b) Aqui no Brasil mesmo, todos falavam ou estavam falando...
3. a) Então tava ruim naquere tempo...
- b) então era ruim (péssimo) naquele tempo.
4. a) Eri cori Paraná, Mato Grosso, Goiás, Bahia, ere core muito...
- b) Ele viaja pelo Paraná..., ele viaja muito...
5. a) ... esse negócio di purivização di ferruge que abraçô...
- b) ... a pulverização da ferrugem que empraquejou...
6. a) E aquera ficô um ano prá da carga, né?
- b) E aquele ( o café) demorou um ano para dar carga, não é?
7. a) Nós não tivemo, eu ponhei um ano antes.
- b) Nós não a tivemos, e eu fiz (ou pulverizei) um ano antes.

## III - 3ª do singular pela 1ª pessoa.

1. a) é e veio aqui...  
b) é eu vim para cá...
2. a) depois eu foi pá Sao Paro...  
b) depois, eu fui para São Paulo...
3. a) ... depois veio prá cá...  
b) ... depois eu vim para cá...
4. a) Ah! Quando veio?  
b) Ah! quando eu vim?
5. a) é fara japonês.  
b) é falo japonês
6. a) ... mais eu gosta sempre faizê esse...  
b) ... mas eu gosto de sempre fazer este...
7. a) então em casa nós faiz assim...  
b) então em casa, nós fazemos assim...
8. a) Eu veio cinco anos depois...  
b) eu vim cinco anos depois...
9. a) ...entrô aqui...  
b) ...entrei aqui...
10. a) lá? vai fazê o que lá  
b) lá? Vou fazer o que...
11. a) ...porque eu memu, intendê, intendi, mai tem...  
b) ...porque eu mesmo, entender, eu entendo, mas...
12. a) café vende prá Araponga...  
b) o café eu vendo para Arapongas...

IV - presente pelo infinitivo, subjuntivo e gerúndio.

1. a) porque o japonês, é nossa língua só...  
b) O Japonês ser a nossa única língua...
2. a) Eu quero aprende Português  
b) Eu quero aprender Português...

3. a) ... Se vem japonês  
b) ...se vier japonês...
4. a) qué dizê qui ponha qui oito...  
b) quer dizer que põe...
5. a) porque o japonês, é nossa língua só não pode.  
b) ...sendo só nossa língua, não pode

V - ESSE por ISSO:

1. a) Oh! esse todo mundo...  
b) Oh! isso todo o mundo...
2. a) Esse já é problema do japonês...  
b) Isso já é problema do japonês...
3. a) Ah! esse em japonês...  
b) Ah! isso é em japonês.

VI - gênero:

1. a) Tem muito relação.  
b) Tem muita relação.
2. a) fica meio estranha  
b) fica meio estranho
3. a) Naquere época eu tava no Bauro.  
b) Naquela época eu estava em Bauru.
4. a) meu mãe...  
b) minha mãe...
5. a) Qué dizê dá na mema...  
b) Quer dizer que dá no mesmo...
6. a) O informação do Bégica.  
b) A informação da Bélgica.
7. a) ... não aprendeu seu próprio paravra...  
b) ... não aprendeu sua própria palavra (língua)...
8. a) Hoje em dia só uma paravra, o seu próprio paravra, o único paravra.

- b) Hoje em dia só uma palavra, a sua própria palavra, a única...
9. a) O canoa não gũenta a coisa.  
b) A canoa não agũenta a coisa.
10. a) Entãõ fui dizê qui já tirava aquere famíria...  
b)... já tirava aquela família...
11. a) Eu tô tentiano com esse carga...  
b) eu estou tenteando com essa carga...
12. a) E aquera ficô um ano prá dá carga...  
b) e aquele (o café) demorou um ano para dar carga.
13. a) Nom pode, os dois, estraga um, estraga do otro.  
b) não pode, as duas (línguas) uma estraga a outra.

## VII - número:

1. a) Só meu pai e meu mãe que veio.  
b) Só meu pai e minha mãe que vieram.
2. a) Porque Bégica é com terra de França e Aremania.  
b) Porque a Bélgica é formada com as terras da França e da...
3. a) ...não tá acompanhando com otros país.  
b) ...não está acompanhando com outros países.
4. a) Nosso estudo era todo dia cincü ara...  
b) ...nosso estudo era todos os dias cinco aulas.
5. a) Entãõ eu já tinha vinte um ano...  
b) Entãõ eu já tinha vinte e um anos.
6. a) vinte e cinco ano...  
b) vinte e cinco anos...
7. a) dividi e somá... é igual...  
b) dividir e somar são iquais...
8. a) ...porque maió parte negociante é brasirero...  
b) ...porque a maioria dos neqociantes são brasileiros...
9. a) ...noisi aprende portugueisi...  
b) ... nós aprendemos portuquês

10. a) maisi eis não entende...  
b) mas eles não entendem...
11. a) Quando papai morreu acho que eu tava com quarenta e cinco ano.  
b) quando papai morreu e... eu estava com quarenta e cinco anos.
12. a) Eu no Bauru, eu morava, maisi noisi moremu de empregado...  
b) Nós morávamos em Bauru, mas moramos como empregados...
13. a) Japonês não viajava...  
b) Japoneses não viajavam...
14. a)...foi proibido nem faize compra...  
b)... foi proibido até fazer compras...
15. a) Eri comprô cem arqueire com tio dere, comprô duzentos ar quere.  
b) Ele comprou cem alqueires. Com o tio dele comprou duzentos alqueires.
16. a) Agora diz que cada um seu...  
b) Agora dizem que cada um tem o seu...
17. a) Quando tava unido catro, tava indo bem...  
b) Quando os quatro estavam unidos, estava indo bem...
18. a)... diz que agora tá bom...  
b)... dizem que agora esta bom...
19. a) ...acho que seisi cruzero...  
b) ... acho que seis cruzeiros...
20. a) o pagamento fizeram seisi ano sem juro...  
b) o pagamento fizeram por seis anos sem juros...
21. a) ... e tem ano otro, que não dá...  
b) ... e tem outros anos que não dá...
22. a) foi bom porque eisi coieram dois miru saco...  
b) foi bom porque eles colheram dois mil sacos (de café)...
23. a) us fiu tá estudando em Londrina.  
b) os filhos estão estudando em Londrina.

f.

I - Expressões comuns -

1. a) na maió parte...  
b) em sua maioria...
2. a) Em cada quar meia-meia...  
b) na mesma proporção...
3. a) Maió parti português, maió parti japonês...  
b) ora português ora japonês...
4. a) Esse parte de brigá...  
b) com referência a brigas...
5. a) Tem que sê Japonês, né? É, então  
b) Tem que ser japonês, não é? pois é. Então. (para dar realce à afirmação)

#### 5.4. Descrição Dos Fonemas da Língua Japonesa

A fim de elucidar os pontos de divergência entre um sistema e outro, sistematizamos a análise dos fonemas da Língua Japonesa de Bernard Bloch, que leva em conta suas características distintivas, seus alofones e sua distribuição. Baseado nesse estudo, determinou-se as áreas que constituíam problemas, possibilitando a descoberta dos condicionadores dos erros apresentados pelo informante, em Língua Portuguesa.

##### 5.4.1. As consoantes

A língua Japonesa possui sete (7) consoantes oclusivas. São elas:

/p/ Oclusiva, bilabial surda. Ocorre em palavras como:

[pẽn•]	/peÑ/	que quer dizer	(caneta)
[põm•pu]	/põÑpu/		(bomba)
[ip•puku]	/ippuku/		(um gole)

/b/ Oclusiva, bilabial, sonora. Ocorre em palavras como:

[buta]	/buta/	que quer dizer	(porco)
[kabe]	/kabe/		(parede)
[hebi]	/hebi/		(cobra)

/t/ Oclusiva, dental, surda. Ocorre em palavras como:

[te]	/te/	que quer dizer	(mão)
[geta]	/geta/		(tamanco de madeira)
[s•ta]	/s ta/		(língua)

/d/ Oclusiva, dental, sonora. Ocorre em palavras como:

[fude]	/fude/	que quer dizer	(escova)
[dóko]	/dóko/		(onde?)
[hidari]	/hidari/		(lado esquerdo)

/ʔ/ Oclusiva, glotal, surda. Ocorre em palavras como:

[toʔ]	/toʔ/	que quer dizer	(como?)
[kóraʔ]	/kóraʔ/		(ei?)

/k/ Oclusiva, médio ou prévelar, surda. Ocorre em palavras como:

[ík·ko]	/íkko/	que quer dizer	(um pedaço)
[kek·koo]	/kekko/		(esplêndido)
[ki]	/ki/		(árvore)

/g/ Oclusiva, médio ou prévelar, sonora. Ocorre em palavras como:

[agaru]	/agaru/	que quer dizer	(acender)
[mago]	/mago/		(neto)
[gohãñ·]	/gohañ/		(arroz cozido)

Existem quatro consoantes nasais. São elas:

/m/ Nasal, bilabial. Ocorre em palavras como:

[momo]	/momo/	que quer dizer	(pêssego)
[gímu]	/gímu/		(dever)
[m·ma]	/Ñ ma/		(cavalo)

/n/ Nasal, dental. Ocorre em palavras como:

[hana]	/hana/	que quer dizer	(nariz)
[óno]	/óno/		(machado)
[neru]	/neru/		(ir para a cama)

/ŋ/ Nasal, velar. Ocorre em palavras como:

[íp·pũŋ·]	/íppuÑ/	que quer dizer	(um minuto)
[sãñ·ŋẽŋ]	/saÑŋeŋ/		(terceiro andar)

/Ñ/ Nasal, silábica. Ocorre em palavras como:

[bĩŋ·]	/biÑ/	que quer dizer	(garrafa)
[sẽñ·sũu]	/seÑsũu/		(semana passada)
[sẽñ·soo]	/seÑsoo/		(guerra)

Existem três (3) consoantes africadas. São elas:

/ts/ Africada, dental, surda. Ocorre em palavras como:

[tsuri]	/tsuri/	que quer dizer	pescando
---------	---------	----------------	----------

[kutsu]	/kutsu/	que quer dizer	sapato
[ts·tsúmu]	/tstsúmu/		agasalho
[hats·ka]	/hatska/		vinte dias

/t̂s/ Africada, palatal, surda. Ocorre em palavras como:

[t̂se?]	/t̂se?/	que quer dizer	ugh!
[t̂sisei]	/t̂sisei/		topografia
[t̂s·t̂si]	/t̂st̂si/		pai

/d̂z/ Africada, palatal, sonora. Ocorre em palavras como:

[d̂zari]	/d̂zari/	que quer dizer	areia grossa
[kád̂zi]	/kád̂zi/		conflagração
[d̂zúu]	/d̂zúu/		dez

Existem seis (6) consoantes fricativas em Língua Japonesa. São elas:

/s/ Fricativa, alveolar, surda. Ocorre em palavras como:

[susumu]	/susumu/	que quer dizer	adiantar
[steru]	/steru/		desperdiçar
[arimas·]	/arimas/		há
[kis·soo]	/kissoo/		boas notícias

/z/ Fricativa, alveolar, sonora. Ocorre em palavras como:

[kázoku]	/kázoku/	que quer dizer	família
[zâs·ŝi]	/zâssi/		revista
[mizu]	/mizu/		água

/ŝ/ Fricativa, palatal, surda. Ocorre em palavras como:

[ŝaŝin·]	/ŝaŝiñ/	que quer dizer	fotógrafo
[ãñ·ŝin]	/añ̂sin/		pedaço de cérebro
[ŝ·t̂si]	/st̂si/		sete
[kîsa]	/kîsa/		trem

/ʒ/ Fricativa, palatal, sonora. Ocorre em palavras que:

[miʒikái]	/miʒikái/	que quer dizer	curto
[níʒuu]	/níʒuu/		vinte
[sãñʒuu]	/sañʒuu/		trinta

/x/ Fricativa, velar, surda. Ocorre em palavras como:

[xaku]	/xaku/	que quer dizer	cem
[xifu]	/xihu/		pele
[koóxíi]	/koóxíi/		café
[níxki]	/níxki/		dois (animais)

/h/ Fricativa, glotal, surda. Ocorre em palavras como:

[hébi]	/hébi/	que quer dizer	vaca
[góhãñ]	/góhan/		arroz cozido
[hyaku]	/hyaku/		cem

A Língua Japonesa possui somente uma vibrante.

/r/ Vibrante, alveolar, sonora. Ocorre em palavras como:

[riku]	/riku/	que quer dizer	terra
[kíri]	/kíri/		verruma, trado
[kore]	/kore/		este
[iru]	/iru/		ele é

Existem duas (2) semiconsoantes. São elas:

/y/ Semiconsoante prévelar ou anterior. Ocorre em palavras como:

[kyaku]	/kyaku/	que quer dizer	convidado
[yáni]	/yáni/		bode
[heya]	/heya/		sala
[kyóo]	/kyóo/		hoje
[yoko]	/yoko/		lado

/w/ Semiconsoante, médiovelar ou posterior. Ocorre em palavras como:

[warúi]	/warúi/	que quer dizer	mau
[iwanai]	/iwanai/		não diga
[kawa]	/kawa/		rio

#### 5.4.2. As Vogais

São cinco as vogais em Língua Japonesa. São elas:

/i/ Vogal, alta, anterior, sonora. Ocorre em palavras como:

[sit·ta]	/sitta/	que quer dizer	conheceu
[sio]	/sio/		sal
[háí]	/háí/		sim

/e/ Vogal, média, anterior, sonora. Ocorre em palavras como:

[teeburu]	/teeburu/	que quer dizer	mesa
[máe]	/máe/		frente
[kóe]	/kóe/		voz

/a/ Vogal, aberta, posterior, sonora, baixa. Ocorre em palavras como:

[háí]	/háí/	que quer dizer	sim
[máe]	/máe/		frente
[kao]	/kao/		face

/o/ Vogal, média, posterior, sonora. Ocorre em palavras como:

[kói]	/kói/	que quer dizer	venha
[kóe]	/koe/		voz
[sio]	/sio/		sal

/u/ Vogal, alta, fechada, posterior, sonora. Ocorre em palavras como:

[núide]	/núide/	que quer dizer	tirar (roupas)
[meuma]	/meuma/		égua
[uo]	/uo/		peixe

5.4.3. Os Alofones5.4.3. Alofones das Oclusivas

As oclusivas /b/, /d/, /g/, /p/, /t/, /k/ e /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/ possuem os alofones a saber.

/b/ [b] oclusiva, bilabial, sonora, curta.

[b'] oclusiva, bilabial, sonora, palatizada.

[b] ocorre antecedido de [e, a, o, u] e seguido de pausa, [i, e, a, o, u, m.]

[b'] ocorre antecedido de [i, y] e seguido de pausa, [i, e, a, o, u, m.]

Estão em distribuição complementar.

/d/ tem o alofone [d] oclusiva, dental, sonora.

ocorre em qualquer contexto.

/p/ [p] oclusiva, bilabial, surda, curta.

[p'] oclusiva, bilabial, surda, longa.

[p'] oclusiva, bilabial, surda, curta, palatizada.

[p''] oclusiva, bilabial, surda, longa, palatizada.

[p] ocorre antecedido de [e, a, o, u, A, O, U ]

seguido por pausa, [i, e, a, o, u, I, A, O, , p, m.]

[p'] antecedido de [p ]

seguido de [i, e, a, o, u, I, A, O, U ]

[p'] antecedido de [i, I, y ]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, A, O, U, p', m' ]

[p''] antecedido de [p' ]

seguido de [i, e, a, o, u, I, A, O, U ]

Estão em distribuição complementar.

/g/ têm os alofones [g] oclusiva, médiovelar, sonora, curta

[g] oclusiva, prevelar, sonora, curta.

[g] antecedido de [e, a, o, u]  
seguido de pausa [i, e, a, o, u, η']

[g] antecedido de [i, y]  
seguido de pausa [i, e, a, o, u, η']

Estão em distribuição complementar.

/t/ tem os alofones [t] oclusiva, dental, surda, curta

[t'] " " " longa

[t'] " " " curta, palatizada

[t''] oclusiva, dental, surda, longa palatizada

[t] ocorre antecedido de [e, a, o, A, O]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, A, O, U, t', ts, t̂s', s', ŝ', f',  
x', η']

[t'] antecedido de [t, ts, s]

seguido de [i, e, a, o, u, I, A, O, U]

[t'] antecedido de [y] e seguido de pausa

[t''] antecedido de [t̂s] e seguido de [i, e, a, o, u, I, A, O, U]

Estão em distribuição complementar.

/k/ tem os alofones [k] oclusiva, prevelar, surda, curta.

[k'] oclusiva, prevelar, surda, longa.

[K] oclusiva, médiovelar, surda, curta.

[K'] oclusiva, médiovelar, surda, longa.

[k] ocorre antecedido de [e, a, o, u, A, O, U]

seguido de pausa, [i, e, a, o, u, I, A, O, U, k', ts', ŝ', f',  
x', η']

[k'] antecedido de [k] e seguido de [i, e, a, o, u, I, A, O, U]

[k] antecedido de [i, I, y]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, A, O, u, k, ts', tš', s', š',  
f', x; ŋ']

[k'] antecedido de [k] e seguido de [i, e, a, o, u, I, A, O, u]

Estão em distribuição complementar.

/ʔ/ não tem alofone em distribuição complementar

Ocorre somente antes de pausa, em interjeições, antecedido por vogais.

#### Alofones das Nasais

/m/ tem os alofones [m] nasal, curta, bilabial

[m'] nasal, curta, palatizada, bilabial

[m] ocorre antecedido de [e, a, o, u]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, m']

[m''] ocorre antecedido de [i, y]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, m'']

Estão em distribuição complementar.

/n/ tem os alofones [n] nasal, dental, curta

[n'] nasal, dental, curta, palatizada

[n] ocorre antecedido de [e, a, o, u]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, n']

[n'] antecedido de [i, y] e seguido de pausa [i, e, a, o, u, n'']

Estão em distribuição complementar.

/ŋ/ tem os alofones [ŋ] nasal prevelar, curta

[ŋ'] nasal, médiovelar, curta, palatizada

[ŋ] ocorre antecedido de [e, a, o, u]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, ŋ']

[ŋ'] antecedido de [i, y] e seguido de [i, e, a, o, u, ŋ']

Estão em distribuição complementar

/Ñ/ tem os seguintes alofones [m̃] nasal, bilabial, longa

[m̃'] nasal, bilabial, longa, palatizada

[ñ] nasal, dental, longa.

[ñ'] nasal, dental, longa, palatizada

[ɲ̃] nasal, prevelar, longa

[ɲ̃'] nasal, mediovelar, longa

[m̃' e m̃] ocorrem antecedido de [p, b, m]

seguido de pausa [ĩ, ê, ã, õ, ũ]

[ñ] antecedido de pausa [ẽ, ã, õ, ũ, t, ts, s, h, d, z, r, n]

seguido de pausa [ĩ, ê, ã, õ, ũ]

[ñ'] antecedido de pausa, [ĩ, y, t̂s, ŝ, h, d̂z, ẑ, r̂, n̂']

seguido de [ĩ, ê, ã, õ, ũ]

[ɲ̃] antecedido de pausa [ẽ, ã, õ, ũ, k, h, ɣ, ŋ, w]

seguido de [ĩ, ê, ã, õ, ũ]

[ɲ̃'] antecedido de pausa [ĩ, y, k, h, x, x', ɣ, ŋ']

seguido de [ĩ, ê, ã, õ, ũ]

Estão em distribuição complementar

#### Alofones Africadas

/ts/ tem como alofone [ts] africada, dental, surda, curta

[ts'] africada, dental, surda, longa

[ts] ocorre antecedido de [u, ʊ]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, u, t', ts', s', ŝ', f', x', n̂']

[ts'] ocorre antecedido de a pausa [t,k,ts, t̂s ]  
seguido de pausa [i,e,a,o,u]

Estão em distribuição complementar

/t̂s/ tem como alofone [t̂s] africada, palatal, surda, curta  
[t̂s'] africada, palatal, surda, longa

[t̂s] ocorre antecedido de [i,e,a,o,u,I,u]

seguido de pausa [i,e,a,o,u,I,u,t',ts',t̂s',s',f',x',n'']

[t̂s'] antecedido de pausa [t,k,ts,t̂s]

seguido de pausa [i,e,a,o,u]

Estão em distribuição complementar

/d̂z/ tem como alofone [d̂z]

Ocorre antecedido de [i,e,a,o,u] e seguido de [i,e,a,o,u,  
n'']

#### Alofones das Fricativas

/s/ tem como alofone [s] fricativa, alveolar, surda, curta  
[s'] fricativa, alveolar, surda, longa

[s] ocorre antecedido de [e,a,o,u,U]

antecedido de pausa [i,e,a,o,u,I,U,t',s',n',n'']

[s'] antecedido de pausa [t,k,ts,t̂s,s]

seguido de pausa [i,e,a,o,u,I,u]

Estão em distribuição complementar

/z/ tem como alofone [z]<sup>39</sup>

Ocorre antecedido [e,a,o,u] e seguido de [i,e,o,a,u,n']

---

39. Em muitos dialetos z não é comum, sendo substituído por dz principalmente seguido de u Exemplo [midzu] ~  
[mizu]

/s/ tem como alofone [s̃] fricativa, palatal, surda, curta  
[s̃'] fricativa, palatal, surda, longa

[s̃] ocorre antecedido de [i, a, o, u, I, U]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, U, s̃', n']

[s̃'] antecedido de pausa [t, k, K, ts, t̃s, s̃]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, U]

Estão em distribuição complementar

/x/ tem como alofones [x] fricativa, velar, surda, curta  
[x'] fricativa, velar, surda, longa

[x] ocorre antecedido de [i, a, o, u, I]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, U, n'']

[x'] antecedido de [t, k, K, ts, t̃s]

seguido de pausa, [i, e, a, o, u]

Estão em distribuição complementar

/h/ tem como alofone [f] fricativa, lábio-dental, surda, curta  
[f'] fricativa, lábio-dental, surda, longa  
[h] fricativa, glotal, surda  
[h'] fricativa, glotal, surda, aspirada

[f] ocorre antecedido de [u, U]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, I, U, n']

[f'] antecedido de [t, k, ts, t̃s, f]

seguido de pausa, [i, e, a, o, u]

[h] antecedido de [e, a, o, u, ]

seguido de pausa, [i, e, a, o, u, n', n'']

[h'] antecedido de [i, I, y]

seguido de pausa, [e, a, o, u, n'']

[f e f'] estão em distribuição complementar;

[h e h'] estão em distribuição complementar. Porém,  
 [f e h] estão em variação livre; o [f] pode ser variado  
 com [h], mas [h] em alguns casos não pode ser variado por  
 [f]. Somente o [f] se encontra em contraste com [x]

#### Alofone da Vibrante

/r/ tem como alofone [r] vibrante, alveolar, sonora, curta

[l] lateral, alveolar

[r'] vibrante, alveolar, sonora, palatizada

[r] ocorre antecedido de [e, a, o, u]

seguido de pausa [i, e, a, o, u, n']

[l] antecedido de [e, o] e seguido de pausa ou, [i, e, a, o, u]

[r'] antecedido de [i, y] e seguido de pausa ou [i, e, a, o, u, n']

Todos os ambientes em que [l] ocorre, são distribuídos por [r]

mas não ocorre o mesmo com [r], isto é, não é mudado por [l]

[l e r] estão em variação livre.

[r e r'] estão em distribuição complementar.

#### Alofones das Semiconsoantes

/y/ tem como alofone [Y] surda

[y] sonora

[Y] ocorre antecedido de [a, o, u] e seguido por [p, k]

[y] antecedido por [a, o, u]

seguido por pausa, [i, e, a, o, u, t, h, b, g, r, m, n, n', n', n']

Estão em distribuição complementar

/w/ apresenta somente um alofone [w]

[w] ocorre antecedido de [ɣ] e seguido de pausa, [i, e, ɸ, o, u, n']

Alofones das Vogais

/i/ tem os seguintes alofones

[I] vogal, fechada, prevelar, anterior, alta, surda

[i] vogal " " " " , sonora

[ĩ] " " " " , nasal

[I] ocorre antecedido por consoantes surdas e [t̂, ŝ, x̂, ĥ]  
seguido por consoante longa e [s, ŝ, f] ou [p, k]

[i] ocorre antecedido por pausa, vogais sonoras, todas as consoantes exceto nasais longas, [t, y]

seguido de pausa, todas as vogais e [p, k, t̂, ŝ, x̂, ĥ, b, θ, d̂, ẑ,  
r, m, n, n']

[ĩ] ocorre antes de consoantes longas [m', n', n']

seguido de vogais longas e [n', n, n']

[I e i] estão em variação livre

[i e ĩ] estão em distribuição complementar

/e/ tem os seguintes alofones:

[e] vogal, média, prevelar, anterior, sonora

[ẽ] vogal, média, prevelar, anterior, nasal.

[e] ocorre antecedido por todos os sons as nasais longas e  
t, y

seguido por todos os sons exceto [tŝ, ŝ, f̂, ẑ, y, w]

[ẽ] ocorre antecedido por [e, m', m'', n', n', n; n'']

seguido por [e] e todas as consoantes longas

Estão em distribuição complementar.

/a/ tem os seguintes alofones:

[A] vogal, aberta, médiovelar, posterior, surda.

[a] vogal, aberta, médiovelar, posterior, sonora

[ã] vogal, aberta, médiovelar, posterior, nasal.

[A] ocorre antecedido por [p,t,k]

seguido por oclusiva surda

[a] ocorre antecedido por todos os sons exceto vogal nasal,  
[t,y]

seguido de todos os sons exceto [ts, f]

[ã] antecedido por vogais longas, [a]

seguido por [a], nasais longas e vogais longas

[A e a] estão em variação livre

[ã e a] estão em distribuição complementar

/o/ tem os seguintes alofones:

[O] vogal, média, médiovelar, posterior, surda.

[o] vogal, média, médiovelar, posterior, sonora.

[õ] vogal, média, médiovelar, posterior, nasal.

[O] antecedido por [p,t,k] e seguida por consoante oclusiva  
surda

[o] antecedido por todos os sons exceto nasais, [t,y]

seguido por todos os sons exceto [ts,f,w]

[õ] ocorre antecedido por nasais longas, [o]

seguido por nasais longas, [o]

[O e o] estão em variação livre.

[o e õ] estão em distribuição complementar

/u/ tem os seguintes alofones:

[U] vogal, fechada, médiovelar, posterior, alta, surda

[u] vogal, fechada, médiovelar, posterior, alta, sonora

[ũ] vogal, fechada, médiovelar, posterior, alta, nasal.

[U] ocorre antecedido por [ts,t<sup>h</sup>,s,ŝ,f,h]

seguido por [s, ŝ,f,x,h]

[u] ocorre antecedido por todos os sons exceto, [t, y]

seguido por todos os sons exceto [t, d, w]

[ũ] ocorre antes de nasais longas e [u]

seguido por [n̄, n'̄, ŋ̄, ŋ'̄].

[U e u] estão em variação livre

[u e ũ] estão em distribuição complementar.

#### 5.4.4. As sílabas da Língua Japonesa

Cada língua tem um mínimo limitado de seqüências características de vogais e consoantes que constituem o padrão estrutural das sílabas e dos vocábulos dessa língua. Os falantes de uma determinada língua encontram problemas no aprendizado da segunda língua, no que se refere a produção satisfatória dos fonemas, como também no domínio das seqüências deles. Por esse motivo estabeleceu-se as posições, nas quais os fonemas podem ocorrer e os grupos que eles podem formar.

Construção das sílabas - Língua Japonesa.

O sistema silábico da Língua Japonesa apresenta um segmento consonantal simples e uma vogal. Exemplo [te] (mão)

Outros tipos silábicos que se apresentam são:

a) dois segmentos consonânticos e uma vogal.

Exemplos: [ma-t̂si] (cidade)

[kya-ku] (convidado)

b) de uma ou duas consoantes e uma vogal surda

Exemplos: [sU-sU-mu] (adiantar)

[ha-tsU-ŝi-mo] (a primeira geada do ano)

c) uma consoante nasal longa.

Exemplos: [hõ-n] (livro)

[kõ-m̄-bã-n̄] (esta noite)

d) uma vogal.

Exemplos: [o-mo-u] (pensar)  
[ó-no] (machado)

e) algumas consistem de uma ou duas consoantes surdas longas.

Exemplos: [s'-te-ru] (joga fora)  
[kõ-m'-bã-n'] (esta noite)

Todas as sílabas são ouvidas como tendo o mesmo tempo. As sílabas da Língua Japonesa são uma unidade de duração

#### Padrão Silábico

- |        |         |                    |             |
|--------|---------|--------------------|-------------|
| 1. V   | (vogal) | Exemplos: [o-mo-u] | (pensar)    |
| 2. C   | (longa) | [s'-te-ru]         | (joga fora) |
| 3. CV  |         | [ma-tsi]           | (cidade)    |
| 4. CCV |         | [kya-ku]           | (convidado) |

Cada um dos fonemas simples e seqüência de fonemas constituem uma sílaba fonética.

Grupo 1. /i,e,a,o,u,Ñ/ quando precedido por um membro do mesmo grupo ou pausa.

Grupo 2. /p,t,k,ts,tê,s,ê,x,h/, quando não for seguido por um membro do grupo 1.

Grupo 3. /i,e,a,o,u/ juntos com um fonema precedendo, contanto que o último não seja pausa, ou membro do grupo 1 e não seja /y/ precedido por uma consoante.

Grupo 4. /a,o,u/ juntos com dois fonemas precedendo, imediatamente, contanto que o primeiro não seja pausa ou um membro do grupo 1, e o segundo não seja /y/.

Em qualquer sílaba que contém mais que um fonema, sua ordem é inalterável e portanto não distintivo: /ka/ e /kya/ são realmente as sílabas que ocorrem, e não /ak/, /yak/, /kay/, /aky/ /ayk/ ou /yka/.

A distribuição dos fonemas pode ser descrita, alistando as sílabas que ocorrem e pela afirmação as limitações nas suas

ocorrências em termos de sílabas que precedem e seguem.

As sílabas são agrupadas em cinco tipos:

1. a sílaba termina com vogal ou constituindo de uma vogal. É a mais comum. Exemplo: [ó-no] (machado)
2. a sílaba termina com uma glotal. Exemplo to? (como?)
3. a sílaba consiste de uma consoante surda /p/, /t/, /k/.  
Exemplo: [i-p'-pa-i] (cheio)
4. a sílaba consiste de uma consoante nasal /Ñ/.  
Exemplo - [hõ-n] (livro)
5. a sílaba consiste de uma africada ou espirante surda, /ts/, /tês/, /s/, /ê/, /x/. /h/. Exemplo: [s'-te-ru] (joga fora).

## Combinacões das consoantes com as vogais.

i	e	a	o	u	ya	yo	yu
pi	pe	pa	po	pu	pya	pyo	pyu
	te	ta	to				tyu
ki	ke	ka	ko	ku	kya	kyo	kyu
				tsu			
t̂si	t̂se	t̂sa	t̂so	t̂su			
	se	sa	so	su			
ŝi		ŝa	ŝo	ŝu			
xi		xa	xo	xu			
hi	he	ha	ho	hu	hya	hyo	hyu
bi	be	ba	bo	bu	bya	byo	byu
	de	da	do				
gi	ge	ga	go	gu	gya	gyo	gyu
d̂zi	d̂ze	d̂za	d̂zo	d̂zu			
	ze	za	zo	zu			
ẓi		ẓa	ẓo	ẓu			
ri	re	ra	ro	ru	rya	ryo	ryu
mi	me	ma	mo	mu	mya	myo	myu
ni	ne	na	no	nu	nya	nyo	nyu
ni	ne	na	no	nu	nya	nyo	nyu
		wa					

QUADRO DOS FONEMAS DA LÍNGUA JAPONESA-

	"	bil	dental	palatal	velar	glotal'
oclusivas	su so	p̄ b	t d		k g	ʔ
Nasais	na	m	n		ŋ	
africadas	su so		ts	ts d͡z		
fricativas	su so		s z	ʃ z̄	x	h
vibrante			r			
nasal silábica				ɲ		
semiconsoante				y	w	

Quadro 22 - Fonemas Consonânticos

	anteriores	centrais	posteriores
fechadas <sup>40</sup>	i		u
médias	e		o
abertas <sup>41</sup>			a

Quadro 23 - Fonemas Vocálicos

40. fechadas = pequena abertura  
41. abertas = ampla



/b/ Oclusiva, bilabial, sonora. Ocorre nas palavras:

[ˈbalɐ]	bala
[ˈbiku]	bico
[ˈbɔlɐ]	bola

/t/ Oclusiva, linguodental, surda. Ocorre nas palavras:

[ˈtapɐ]	tapa
[ˈtaku]	taco
[ˈkɔtɐ]	cota

/d/ Oclusiva, linguodental, sonora. Ocorre nas palavras:

[ˈgadu]	gado
[ˈdɛlɐ]	dela
[ˈdedu]	dedo

/k/ Oclusiva, velar, surda. Ocorre nas palavras:

[ˈkabu]	cabo
[ˈfakɐ]	faca
[ˈfalɐ]	fala

/g/ Oclusiva, velar, sonora. Ocorre nas palavras:

[ˈpagɐ]	paga
[ˈgadu]	gado
[ˈgalɐ]	gala

São Seis(6) as consoantes fricativas, três sonoras e três surdas.

/f/ Fricativa, lábiodental, surda. Ocorre nas palavras:

[ˈfalɐ]	fala
[ˈfakɐ]	faca
[ˈbafu]	bafo

/v/ Fricativa, lábiodental, sonora. Ocorre nas palavras:

[ˈvalɐ]	vala
[ˈkavɐ]	cava
[ˈlavɐ]	lava

/s/ Fricativa, alveolar, surda. Ocorre nas palavras:

[ˈsaku]	saco
[ˈkasɐ]	caça
[ˈsalɐ]	sala

/z/ Fricativa, alveolar, sonora. Ocorre nas palavras:

[ˈkazɐ]	casa
[ˈhɔzɐ]	rosa
[ˈzɛlɐ]	zela

/ʃ/ Fricativa, álveo-palatal, surda. Ocorre nas palavras:

[ʃapə]	chapa
[ʃaʃu]	acho
[ʃɔvi]	chove

/ʒ/ Fricativa, álveo-palatal, sonora. Ocorre nas palavras:

[ʒogu]	jogo
[noʒu]	nojo
[ʒake]	jaca
[ka'ʒa]	cajá

São três as nasais.

/m/ consoante, nasal, bilabial. Ocorre nas palavras:

[malə]	mala
[kẽmə]	cama
[matə]	mata

/n/ Consoante, nasal, alveolar. Ocorre nas palavras:

[natə]	nata
[kẽnə]	cana
[kẽnu]	cano

/ɲ/ Consoante, nasal, palatal. Ocorre nas palavras:

[viɲu]	vinho
[amẽ'ɲẽŋ]	amanhã
[gẽ'ɲɛɾ]	ganhar

São duas as laterais.

/l/ lateral, alveolar. Ocorre nas palavras:<sup>42</sup>

[kilu]*	quilo
[lẽmə]	lama
[malə]	mala

/ɭ/ lateral, palatal. Ocorre nas palavras:

[malɛ]	malha
[fiɭu]	filho
[miɭu]	milho

---

42. Na variedade estudada o [l] nunca ocorre em final de sílabas.

São duas as vibrantes.

/r̄/ vibrante, simples. Ocorre nas palavras:

['kaʁv]	caro
['taʁø]	tara
['paʁø]	para

/r/ vibrante múltipla, alveolar. Ocorre nas palavras:<sup>43</sup> \*

['ratv]	rato
['rikv]	rico
['karv]	carro

São duas as semiconsoantes.

/y/ Semiconsoante, anterior. Ocorre nas palavras:

['boy]	boi
['dey]	dei
['sabyø]	sábua

/w/ Semiconsoante, posterior. Ocorre nas palavras:

['hiw]	rio
[ma w'a]	mauá
['i'gwaw]	igual

#### 5.5.2. As Vogais

Para a descrição das vogais nasais levar-se-á em consideração sua posição na sílaba. Segundo Joaquim Mattoso Câmara Jr.,<sup>44</sup> há sete vogais na posição tônica. São elas:

	anteriores	centrais	posteriores
altas	/i/		/u/
médias	/e/		/o/
		/ɛ/	/ɔ/
baixa		/a/	

43 A vibrante múltipla não está presente na variedade estudada, todo o seu aparecimento é substituído por [h].

44 CÂMARA, J. Mattoso Jr - Estrutura da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Vozes, 1975, pp. 31-44.

Dentre elas, cinco ocorrem antes das consoantes nasais.<sup>45</sup>

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	<del>/ɔ/</del>
/a/	

Descrição das vogais.

São três as vogais anteriores.

/i/ Vogal, anterior, alta, fechada, não-arredondada. Ocorre nas palavras:

[i̯is̯]	isso
[i̯vi]	vi
[i̯láp̯is]	láp̯is

/e/ Média, fechada, não arredondada. Ocorre nas palavras:

[e̯es̯]	esse
[e̯vê]	vê
[e̯ver̯d̯i]	verde

/ɛ/ Média, aberta, não arredondada. Ocorre nas palavras:

[ɛ̯fɛ]	fɛ
[ɛ̯es̯ɐ]	essa
[ɛ̯hez̯ɐ]	reza

• Existe somente uma vogal central.

/a/ Baixa, não arredondada. Ocorre nas palavras:

[a̯az̯ɐ]	asa
[a̯kaz̯ɐ]	casa
[a̯agw̯ɐ]	agua

São três as vogais posteriores:

/u/ Alta, fechada, arredondada. Ocorre nas palavras:

[u̯uz̯ɐ]	usa
[u̯nu]	nú
[u̯ov̯u]	ovo

---

45. Preferimos adotar a classificação das vogais nasais, como alofones, visto que, ela simplifica o sistema, já que no sistema da Língua Japonesa, as vogais nasais são alofones das orais. Serão representadas com o til e uma consoante nasal.

/o/ Média, fechada, arredondada. Ocorre nas palavras como:

[ʔovv]	ovo
[ʔotv]	olho
[a'vo]	avô

/ɔ/ Média, aberta, arredondada. Ocorre em palavras como:

[ʔovɐ]	ova
[vo'vɔ]	vovó
[ʔɔɛ]	olha

### 5.5.3. Os Alofones

#### Alofones Oclusivas

/t/ [t] oclusiva, dental, surda

[tʂ] africada, surda

[t] ocorre antecedido de qualquer vogal  
seguido de todas as vogais

\*[tʂ] ocorre antes da vogal [i] e de [y]

Estão em distribuição complementar. Exemplo: [ʔTave] (tava)

/d/ [d] oclusiva, dental, sonora

[dʂ] africada, sonora

[d] ocorre antecedido de qualquer vogal  
seguido de todas as vogais.

\*[dʂ] ocorre antecedido de todas as vogais  
seguido de [i] e de [y]

Estão em distribuição complementar. Exemplo: [ha'dar] (radar)\*

Distribuição das oclusivas.

As oclusivas ocorrem somente em posição inicial de sílabas e em posição inicial e medial de palavras

/m/ [m] nasal bilabial

/n/ [n] nasal, alveolar

/ñ/ [ɲ] nasal, palatal

Estes fonemas se neutralizam em final de sílabas. Temos neste caso o arquifonema, /N/. Exemplo: [ʔkõnte], [Kõnga], [kẽmpu]  
/koNta/, /koNga/, /kaNpu/

\* Variação livre diante de [i]. Ex. [tʂiv] ≈ [tʂlvi]  
[dʂɐ] ≈ [dʂɛɐ]

## As fricativas

/f/	[f]	fricativa, lábio-dental, surda
/v/	[v]	fricativa, lábio-dental, sonora
/s/	[s]	fricativa, alveolar, surda
/z/	[z]	fricativa, alveolar, sonora
/ʃ/	[ʃ]	fricativa, palatal, surda
/ʒ/	[ʒ]	fricativa, palatal, sonora

Distribuição das fricativas.

- /f/ e /v/ não ocorrem em posição final de sílaba ou de palavra  
 /s/ ocorre em posição inicial e final de sílaba e em posição inicial, medial e final de palavra.  
 /z/ não ocorre em posição final de palavra.  
 /ʃ/ e /ʒ/ ocorrem somente em posição inicial de sílabas e posição inicial e medial de palavra.

## As laterais

/l/	[l]	lateral, alveolar
/ɫ/	[ɫ]	lateral, palatal

## As vibrantes

/r/	[r]	vibrante múltipla, alveolar
	[h]	fricativa, velar, surda
	[r] e [h]	ocorrem em início de sílabas e em posição inicial e medial de palavras.

Não estão em variação livre. Exemplos: [ˈkahu] ~ [ˈkaru] (carro)  
 [ˈhatu] ~ [ˈratu] (rato)  
 [aˈhoʃu] ~ [aˈrosu] (arrocho)

Cada um dos alofones representam /r/ em determinado idioleto.

Sendo que o mais comum é [h].

/r̃/	[r̃]	vibrante simples
	[ṛ]	retroflexa
	[r̃]	ocorre em início de sílabas e meio de palavras.
	[ṛ]	ocorre em final de sílabas, em posição medial e final de palavras.

## As semiconsoantes

As semiconsoantes /y/ e /w/ tem como alofones [y],[ỹ] e

e [w][ũ] , respectivamente. Ocorrem próximos as vogais, formando ditongo e tritongo. Os alofones nasais ocorrem depois de vogais

nasais<sup>46</sup> Exemplos: [ˈmũỹntu] muito  
[ˈmẽũŋ] mão

#### Alofones das vogais

A vogal anterior /i/ tem três alofones a saber:

[i] vogal, alta, anterior, fechada, tônica.

[I] vogal, alta, anterior, fechada, átona

[ĩ] vogal, alta, anterior, fechada, nasal.

[i] ocorre em sílabas tônicas, ocorre em início e meio de palavras

[I] ocorre em sílabas átonas, final de palavras.

[ĩ] ocorre quando é seguido na mesma sílaba por consoante nasal.<sup>47</sup>

A vogal /e/ tem dois alofones a saber:

/e/ [e] vogal, média, anterior, fechada.

[ẽ] vogal, média, anterior, fechada, nasal.

[e] ocorre em início, meio e fim de sílabas e início e meio de vocábulos.

[ẽ] ocorre quando é seguido por consoante nasal.

/ɛ/ tem somente o alofone [ɛ]

A vogal central /a/ tem os alofones:

/a/ [a] vogal, baixa, central, aberta.

[ã] vogal, nasal, posterior, reduzida.

[ɐ] vogal, baixa, posterior, reduzida.

[a] ocorre em início, meio e fim de sílabas e início e meio de palavras, sílabas tônicas.

[ɐ] ocorre em sílabas átonas e fim de palavras.

[ã] ocorre quando é seguido por consoante nasal.

---

46. cf. Mattoso Câmara Jr., Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa pp. 72-75

47. As vogais nasais são sempre seguidas por um arquifonema nasal, fonologicamente.

A vogal posterior /u/ tem três alofones:

- /u/ [u] vogal, alta, posterior, arredondada  
 [U] vogal, alta, posterior, arredondada, átona  
 [ũ] vogal, alta, posterior, arredondada, nasal  
 [u] ocorre em início, meio, e fim de sílabas e início e meio de palavras em sílabas tônicas.  
 [U] ocorre em sílabas átonas, em fim de palavras  
 [ũ] ocorre quando é seguida por consoante nasal.

A vogal posterior /o/ tem os alofones:

- /o/ [o] vogal, posterior, média, fechada, arredondada.  
 [õ] vogal, posterior, média, arredondada, nasal.  
 [o] ocorre no início, no meio e no final de sílabas e palavras  
 [õ] ocorre quando é seguido por uma consoante nasal.

/ɔ/ tem somente o alofone [ɔ]. Ocorre no início, no meio e no final de sílabas e palavras.

#### 5.5.4. As Sílabas da Língua Portuguesa.

Na língua Portuguesa, apenas a vogal e somente uma vogal pode constituir centro silábico; na periferia da sílaba estão as consoantes, que poderão aparecer ou não. Designando V a vogal e C a consoante, temos em Português as seguintes sílabas:

1. as que consistem de dois segmentos consonânticos e uma vogal, oclusiva ou fricativa mais as líquidas (/r/, /l/) e uma vogal são elas:

/pʁ/	/'pʁatu/	prato
/pl/	/'plaheta/	planeta
/tʁ/	/'tʁatu/	trato
/tl/	/'a'tlɛta/	atleta
/kʁ/	/'kʁaze/	crase
/kl/	/'klase/	classe
/fʁ/	/'fʁaku/	fraco
/fl/	/'flor/	flor
/bʁ/	/'bʁa'ziw/	brasil
/bl/	/'bluza/	blusa
/gʁ/	/'gʁosu/	grosso
/dʁ/	/'dʁakula/	drácula

/gl/	/'glɔza/	gloza
/vɾ/	/'lavɾa'dɔr/	lavrador
/vl/	/'vladimir/	Vladimir <sup>48</sup>

2. as que consistem de um segmento consoântico e uma vogal.

Exemplo: /panɛla/      panela

3. as que consistem de uma consoante mais semiconsoante e vogal.

Exemplo: /'sa-bya/      sábia  
/'ta-bwa/      tábu<sup>a</sup> 49

4. as que consistem de duas consoantes, uma vogal e uma consoante ou uma consoante, uma semiconsoante, uma vogal, uma semiconsoante. Exemplos:

/'tɾas/      (traz)      /'kwaw/      (qual)

5. as que consistem de uma consoante uma vogal e uma semiconsoante mais uma consoante ou uma consoante mais semiconsoante uma vogal e uma semiconsoante e uma consoante. Exemplos:

/'pas-'tɛys/      (pastéis)      /'kways/      (quais)

6. as que consistem de uma vogal e uma consoante ou uma vogal e uma semiconsoante e uma consoante. Exemplos:

/'ar/      (ar)      /'ɛys/      (eis)

7. as que consistem de uma consoante uma vogal e uma consoante; e as formadas por somente uma vogal. Exemplos:

/'mar/      (mar)      /'ɛ/      (é)

A estrutura silábica pode apresentar as seguintes configurações:

V	/'a/	há	CVC	/'mar/	mar
C V	/'pa/	pá	CVCC	/'pas'tɛys/	pastéis
VC	/'ar/	ar	CCVC	/'flɔr/	flor
VCC	/'ɛys/	eis	CCVCC	/'kways/	quais
CCV	/'pɾata/	prata			

48. grupos consonânticos

49. ditongos

### Classificação das sílabas

As sílabas podem ser simples quando só tem ápice silábico e compostas quando tem aclave, ou declive, ou ambos, mais o ápice silábico. As compostas se subdividem em abertas e travadas.

Exemplo de sílaba simples: /'E/

Exemplo de sílaba aberta: /pa-li-to/

Exemplo de sílaba travada: /'mas/

As sílabas abertas não têm declive, terminam em vogal. As sílabas travadas têm declive. No declive só podem aparecer as consoantes /l/, /r/, /s/, /z/, /w/, /y/ e, segundo Mattoso Câmara uma consoante nasal.

### Distribuição dos Fonemas nas sílabas:

1. todas as consoantes podem ocorrer no início de sílabas;
2. só ocorrem no final de sílabas as consoantes /r/, /s/, /z/, /w/, /y/, /N/;
3. o grupo consonantal /dl/ não ocorre, o grupo consonantal /tl/ somente ocorre no meio de palavras.
4. os grupos consonantais não ocorrem no final das sílabas;
5. as semivogais ocorrem no início e no final das sílabas;
6. as vogais são o centro das sílabas.

3.1. Quadro dos Fonemas da Língua Portuguesa

	bilab.	láb.den	dentais	alveo	palat	velar
oclusivas						
su	p		t			k
so	b		d			g
nasais						
	m			n	ñ	
fricativas						
su		f		s	ç	
so		v		z	ç	
laterais						
				l	ʎ	
vibrantes						
si				ʀ		
mu				r		
semiconsoante					y	w

Quadro 24 - Fonemas Consonânticos

		anteriores	centrais	posteriores
altas	abertas	i		u
médias	fechadas	e		o
	abertas	ɛ		ɔ
baixas	abertas		a	

Quadro 25 Fonemas Vocálicos.

## 5.6. Análise dos Sistemas em Contacto

### 5.6.1. Fonemas do Japonês sem correspondente em Português

#### Consoantes

/t̃s/	consoante africada, palatal, surda
/d̃z/	" " " sonora.
/ts/	" , fricativa, dental, surda.
/ŋ/	" , nasal, velar, sonora.
/ñ/	" , nasal, silábica
/x/	" , fricativa, velar, surda.
/h/	" , fricativa, glotal
/ʔ/	" , oclusiva, glotal, surda.

### 5.6.2. Fonemas do Português sem Correspondente em Japonês

#### Consoantes

/ñ/	consoante, nasal, palatal
/f/	consoante, fricativa, lábio-dental, surda
/v/	" " " , sonora
/l/	" , lateraʎ, alveolar
/ʎ/	" , " , palatal
/r/	" , vibrante múltipla.

## VOGAIS

/ɛ/	vogal, média, aberta, anterior
/ɔ/	vogal, média, aberta posterior

5.6.3. Erros Fonológicos da 1ª Geração

## Consoantes:

## 1. As oclusivas:

As consoantes oclusivas não apresentam dificuldades (encontram-se em ambas as línguas com as mesmas funções) à exceção das oclusivas /t/ e /d/, que não ocorrem em Língua Japonesa seguidas de /i/ e /u/.

## 2. As nasais:

Não há possibilidade de ocorrência de erro fonológico quanto às nasais /m/ e /n/, pois os dois fonemas são encontrados nas duas línguas. Quanto à nasal /ŋ/, não existe na Língua Portuguesa, porém não interfere no falar do bilingüe. A nasal, palatal /ɲ/, inexistente em Língua Japonesa, é substituída por [ny]. Exemplos: [aɾe'mɲɲya] = Alemanha, [akõmpa'nyẽndu] = acompanhando

## 3. As africadas:

A africada /ts/ não apareceu nos diálogos da primeira geração. /t̂si/ e /d̂zi/, substituem /ti/ e /di/, respectivamente.

Exemplos:

[zẽnt̂si ]	gente
[vĩnt̂si ]	vinte
[t̂sinya ]	tinha
[est̂si ]	este
[d̂zi ]	de
[deizd̂zi]	desde
[põd̂zi]	pode
[d̂zia ]	dia
[võn'tad̂zi]	vontade

[ 'd̃zis ]	diz
[ pu 'd̃zia ]	podia
[ ad̃zi 'ẽnta ]	adianta
[ d̃zife 'rẽnt̃si ]	diferente
[ d̃zi 'zoytu ]	dezoito

#### 4. As fricativas:

As possibilidades de ocorrência de erros nas fricativas são as seguintes:

a) /s/ em Língua Japonesa não ocorre seguido de /i/. Em Língua Portuguesa, substituem-no por /s̃/, antes de /i/ ou /y/. Exemplos:

[ s̃in 'kwẽnta ]	cincoenta
[ 'ẽsi ]	esse
[ s̃i ]	se
[ s̃is 'tẽma ]	sistema
[ 's̃yẽntu ]	cento
[ ẽn 's̃ina ]	ensina
[ s̃yẽn 't̃s̃ifiku ]	científico
[ d̃zi 'fĩsiw ]	difícil
[ s̃igu 'rẽnu ]	segurando

0 /s̃/ substitui /s/ às vezes antes de /e/. Exemplos

[ s̃e 's̃ẽnta ]	sessenta
[ 's̃eis ]	seis
[ Kome 's̃ei ]	comecei

b) /x/ não apareceu nos diálogos.

c) /z/ em Língua Japonesa não aparece seguido de /i/ e é às vezes substituído por /z̃/, em Língua Portuguesa. Exemplos:

[ br̃a 'z̃iu ]	Brasil
----------------	--------

d) /z̃/ em Língua Japonesa não aparece seguido de /e/, mas não apresenta problemas em Língua Portuguesa; às vezes, seguido de /a/, entre /ẽ/ e /a/ intercala-se um /y/. Exemplos: [ z̃ya 'põŋ ]

Japão	[ z̃yapo 'neis ]	japonês
-------	------------------	---------

0 /z̃/ muitas vezes é substituído por /z/. Exemplos:

[ 'zẽnt̃si ]	gente
--------------	-------

[zi'naziu]

ginásio

e) /f/ e /v/ não apresentam problemas.

#### As laterais

As laterais /l/ e /ʎ/ não existem como fonemas em Língua Japonesa. O /l/ é variante livre do fonema /r̃/. Em Língua Portuguesa é comum substituí-lo por /r̃/. Exemplos:

[r̃a]	lá
l'paʎu]	paulo
[r̃est̃si]	leste
[fafa]	falo
[r̃e]	lê
[defe]	dele
[muʎe'kada]	mulecada

/ʎ/ é substituído por /r̃/

ou /r̃y/. Exemplo:

[fifa] ~ [fifyu]	filho
------------------	-------

#### As vibrantes

A vibrante /r/, vibrante múltipla, geralmente é substituída por pela vibrante simples /r̃/ ou por /h/. Exemplos:

[teʎa] ~ [teha]	terra
[geʎa] ~ [geha]	guerra.

#### As vogais:

Não há ocorrência de erros fonológicos com as vogais fechadas, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, pois esses fonemas estão presentes em ambas as línguas. As vogais médias abertas, fonemas em Língua Portuguesa, não apresentam problemas, já foram assimiladas.

#### Grupos vocálicos:

São ditongos decrescentes em Língua Portuguesa:

##### a) Orais

/ay/ não apresentam problemas de pronúncia.

Exemplos: [may'o]	maior
[pay]	pai

/ey/	Exemplos: [ 'tʃey ]	três
	[ mo'fey ]	morei
/oy/	Exemplos: [ boy ]	boi
	[ 'oytu ]	oito
/aw/	Exemplos: [ 'pawʔu ]	paulo
	[ bawʔu ]	bauru
/ɔy/	Exemplo: [ 'nɔyzi ] <sup>50</sup>	nós
/ew/	[ 'mew ]	meu
	[ 'dew ]	deu
/iw/	[ 'dʒi'fiʃiw ]	difícil

Não apareceram nos diálogos /ɛy/, /uy/, ɔw/ e /ow/.

b) Nasais:

/ayN/	[ 'mẽỹn ]	mãe
/eyN/	[ tẽm'bẽỹn ]	também
/uyN/	[ 'hũỹn ]	ruim
/awN/	[ aʔe'mẽwŋ ] <sup>51</sup>	alemão

São ditongos crescentes:

a) Orais:

/ya/ não apresentam problemas de pronúncia.

Exemplos:	[ ʔya'põŋ ]	japão
	[ aʔe'mẽnya ]	alemanha
/yɛ /	[ kõ'nyɛsi ]	conhece
/yo/	[ yo ]	eu
/yɔ /	[ ma'yɔ ]	maior
/wa/	[ 'kwatʔu ]	quatro

/ye/, /wi/, /wɛ /, /we/, e /wɔ / não apareceram nos diálogos.

50 Acrescentam uma vogal para cobrir padrão silábico.

51. Normalmente é substituído por /oN/ ou /owN/. Exemplos:

[ nõŋ ] (não) [ ʔyapõwŋ ] (japão).

b) Nasais:

/yaN/	[akõmpa'nyẽndu]	acompanhando
	não ocorre é substituído por	
/woN/	[wõŋ], ou [õŋ]. Exemplos:	
	[i'kwõndu]	quando
	[i'kõndu]	quando
/weN/	[sĩn'kwẽnta]	cinquenta
/wiN/	não apareceu nos diálogos.	

Tritongos.

Somente apareceu /waw/ em [i'guaw] <sup>52</sup> igual.

Grupos consonânticos:

/pl/ frequentemente é substituído por /p̃r/.

Exemplo:	[mutip̃ri'ka]	multiplicar
/p̃r/	[p̃ri'mãriu] ~ [p̃rimãriu]	primário
/t̃r/	[t̃rẽys]	três
/tl/	não apareceu	
/k̃r/	[is'k̃rẽvo]	escrevo
	[k̃ru'zẽru]	cruzeiro
/bl/	elimina-se o /l/	
	[p̃ro'bẽma]	problema
/õr/	[b̃ra'ziũ] ~ [b̃ra'ziw]	Brasil
	[b̃rĩga]	briga
/d̃r/	[p̃ad̃ri]	padre
	[p̃ad̃rẽ]	val de
	[lõn'd̃rina]	londrina

/gl/ é substituído por /gr/.

	[ĩn'grẽys]	inglês
/fl/	não apareceu	
/f̃r/	[f̃rẽnsa]	frança
/vl/	não apareceu	
/ṽr/	[pa'f̃aṽrã]	palavra

Existe uma tendência bastante acentuada em se anular os grupos consonânticos, colocando-se as vogais /u/ ou /i/ no meio

---

52. registro caipira.

do grupo. Exemplos: [bu'ãzi'ru] (Brasil), [lõndu'rina] Londrina).

#### As semiconsoantes

As semiconsoantes /y/ e /w/ foram tratadas como fonemas, em Língua Portuguesa. Na fala da primeira geração, o fonema /y/ aparece antecedido de /n/ e /r/, com elas substituindo as palatais /ñ/ e /ɲ/, respectivamente. Exemplos: [akõmpa'nyẽndu] (acompanhando), [ãre'mẽnya] (Alemanha), [fĩryu] (filho).

#### Conclusões:

Analisando sumariamente as transformações sofridas pelo vocabulário português, na expressão oral, notamos que:

1. As vogais tônicas e átonas são representadas fielmente;
2. O ditongo nasal [ũẽy] é substituído por [õn] ou [wõn];  
Exemplos: ['kwõndu] ~ ['kõndu] (quando)
3. As consoantes oclusivas permanecem sem modificações, exceto /t/ e /d/ que, seguidos de /i/, passam a [t̂s] e [d̂z], respectivamente.<sup>53</sup> Exemplos ['t̂sia] tia; [d̂zia] dia.
4. A consoante fricativa /s/, transforma-se em /ŝ/ quando seguida de /i/ e às vezes seguido de /e/; em outras situações conserva seu valor. Exemplos [ŝi] (se); [ŝeis] (seis).
5. A consoante fricativa /z/, está em variação livre com /ẑ/.  
Exemplo: [ẑya'põy] ~ [zya'põy] (japão).
6. As consoantes laterais /l/ e /ɭ/ em meio de vocábulos são substituídos por /r/ e /ry/, respectivamente. Além disso o /ɭ/ pode ser substituído por /r̂/. Exemplos: ['faãra] (fala); ['fiãryu] (filho); ['fiãru] (filho).
7. Os grupos consonânticos podem ser desfeitos pela intercalação de /u/ ou /i/. Exemplos: [buãziãru] (Brasil); [mutipĩãri'ka] (multiplicar).
8. Acrescenta-se um [i] ou [u] à sílaba final do vocábulo quando esta sílaba é travada por uma consoante oral.

---

53. Ocorre no dialeto em contacto.

### 5.7. Erros devidos ao Dialeto Caipira

Aqueles erros apresentados pelo falante bilíngüe não constatados como transferidos da Língua Japonesa e que se caracterizavam por trocas e omissões ou aumento de fonemas, atribuiu-se ao Dialeto Caipira. São eles:

- a) aférese - às vezes se omite um ou mais fonemas átonos:
- |      |           |        |
|------|-----------|--------|
| tá   | em vez de | está   |
| tava | em vez de | estava |
- b) apócope do s quando não está em sílaba tônica:
- |        |           |         |
|--------|-----------|---------|
| mudemu | em vez de | mudamos |
|--------|-----------|---------|
- c) apócope - r e l
- |         |             |          |
|---------|-------------|----------|
| dizê    | em vez de   | dizer    |
| contá   | em vez de   | contar   |
| escrevê | em vez de e | escrever |
| maió    | em vez de   | maior    |
| capitá  | em vez de   | capital  |
- d) síncope - em um grupo CC (consoante, consoante) em que um dos fonemas seja nasal, o outro cai.
- |          |           |           |
|----------|-----------|-----------|
| memu     | em vez de | mesmo     |
| siguranu | em vez de | segurando |
- e) dissimilação:
- |        |           |         |
|--------|-----------|---------|
| própiu | em vez de | próprio |
|--------|-----------|---------|
- f) metátese:
- |        |           |        |
|--------|-----------|--------|
| despoi | em vez de | depois |
|--------|-----------|--------|
- g) nasalização - verifica-se por assimilação:
- |      |           |       |
|------|-----------|-------|
| ãsim | em vez de | assim |
|------|-----------|-------|
- h) desnasalização - dá-se a supressão da ressonância nasal da última sílaba do vocábulo.
- |        |           |          |
|--------|-----------|----------|
| firugi | em vez de | ferrugem |
| omi    | em vez de | homem    |
- i) o lh é substituído pela semivogal /y/.
- |         |           |          |
|---------|-----------|----------|
| coiera  | em vez de | colheram |
| trabaio | em vez de | trabalho |
| tuia    | em vez de | tulha    |
| fiio    | em vez de | filho    |
- j) Eliminação de ditongos decrescentes ou e ei
- |       |           |        |
|-------|-----------|--------|
| otro  | em vez de | outro  |
| entrô | em vez de | entrou |

oro	em vez de	ouro
lavora	em vez de	lavoura
brasileiro	em vez de	brasileiro
arqueri	em vez de	alqueire

- k) ditongação - há uma tendência de ditongação em sílabas tônicas terminadas em s, pela intercalação da se mivogal i, entre o s e a vogal precedente.

nóis	em vez de	nós
meis	em vez de	mês
veis	em vez de	vez

- l) metafonía

cumu	em vez de	como
------	-----------	------

- m) rotacismo - há tendência, para ser o r em lugar do l.

arqueri	em vez de	alqueire
parma	em vez de	palma
quar	em vez de	qual
sarvá	em vez de	salvar
vortá	em vez de	voltar

### 5.8. Erros Fonológicos da 2ª e 3ª Gerações

Seguindo-se o procedimento utilizado para a análise de erros da primeira geração, notamos que houve redução bastante significativa dos erros cometidos pelo bilíngüe de segunda geração comparados com os da primeira. A terceira geração já não apresenta erros de pronúncia ao falar a língua Portuguesa, talvez devido ao fato de os informantes da última geração terem sido escolarizados em Língua Portuguesa, e já se encontrarem no segundo grau. Quanto à primeira e segunda gerações, apresentam um ritmo característico à Língua Japonesa; é o denominado por Block, "stacto rythim". Os erros devidos à Língua Japonesa apresentados nos textos da segunda geração são os seguintes:

1. O ditongo nasal /a<sub>w</sub>N/ é substituído por /oN/.  
Exemplos: [nõŋ] (não) [ẽn'tõŋ] (então).
2. As consoantes oclusivas /t/ e /d/ seguidas de /i/ passam a [t̂s] e [d̂z], respectivamente. Exemplos: [d̂zis](diz); [ba't̂sia]

(batia).

3. A consoante lateral /l/ é substituída por /r̃/. Exemplo:  
[mu'ɾɛ r̃] (mulher).

4. A consoante lateral /l/, às vezes é substituída por /r̃/.  
Exemplos: ['eɾi] (ele); ['faɾa] (fala).

Quanto aos demais erros apresentados pela segunda e terceira gerações, são devidos ao dialeto caipira ou à variedade regional, sendo que se apresentam em maior grau na segunda do que na terceira geração. Na terceira geração foram neutralizados pela escola.

CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO

## CAPÍTULO 6

## CONCLUSÃO.

Neste trabalho efetuamos um levantamento do bilíngüismo e analisamos as interferências que se apresentam a nível fonológico, com relação à língua Portuguesa. Trata-se de um bilíngüismo simples, visto que apenas duas línguas estão em contacto; a Língua Portuguesa e a Japonesa.

Reportando-se aos objetivos do trabalho observamos que atualmente não se pode afirmar de forma conclusiva que há resistência por parte da população estudada, na assimilação da cultura brasileira, visto que o maior grau de bilíngüismo foi constatado na primeira geração diminuindo para a segunda e desta para a terceira. A que se devem as últimas afirmações? Parece-nos que são devidas, principalmente, a fatores: históricos e sociológicos, que incidiram mais diretamente na primeira geração, aumentando o grau de bilíngüismo desta, bem como o decréscimo na segunda e terceira gerações. Como fatores históricos apontamos os seguintes: A política nacionalista preconizada por Getúlio Vargas, no Estado Novo restringindo o ensino de línguas estrangeiras, foi um grande choque para o grupo japonês, o que foi reforçado, posteriormente, com o fechamento das escolas e pela derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, que significou uma certa incapacidade da mãe-pátria, e eles resolveram valorizar a segunda pátria.

Como fatores sociológicos podemos relatar os seguintes: o convívio comunitário entre japoneses foi o ponto preponderante na manutenção da Língua Japonesa e na sua transmissão à geração seguinte. Por outro lado, a necessidade de comercialização de seus produtos e a integração com a sociedade brasileira, talvez desencadeada pelo resultado da guerra, sejam justificativas para a situação lingüística da primeira geração.

Analisando-se o valor dado à instrução, a formação do povo japonês, de uma obediência às autoridades, e as pressões do povo brasileiro, somados aos fatos históricos citados acima acreditamos ser fatores suficientes para justificar a comprovação parcial da hipótese, isto é ter

a primeira geração apresentou maior grau de bilingüismo e não a segunda, conforme havíamos afirmado. Pensávamos dessa maneira, por desconhecimento dos fatos pesquisados, e por entender que a segunda geração seria o ponto intermediário entre a primeira e terceira gerações, e portanto portadora de maior grau de bilingüismo.

Uma vez apresentados e interpretados os resultados do presente estudo, pode-se formular as seguintes conclusões:

1) - A análise das funções das línguas em contacto mostrou que os indivíduos bilingües acreditam ser mais conhecedores de ambas as línguas do que realmente o são;

2) - A maioria adquire a Língua Japonesa na infância.

3) - A língua mais usada no ambiente familiar é a Língua Japonesa, e no extra familiar é a Língua Portuguesa, mesmo nos contactos com a comunidade japonesa;

4) Quanto as atitudes para as línguas de contacto, observou-se que apresentam mais atitudes positivas em relação à Língua Portuguesa do que à Língua Japonesa;

5) Apesar de 97,5% da segunda geração ter aprendido a Língua Japonesa como Língua materna, é a primeira geração que apresenta maior grau de bilingüismo, tanto a nível oral, quanto a nível escrito.

Na análise dos erros, conclui-se o seguinte:

1) Os erros são devidos à estrutura da Língua Japonesa e ao dialeto caipira que serviu de base para o aprendizado de Língua Portuguesa.

2) A primeira geração apresenta transferências na entoação, na estrutura morfossintática.

3) Comparando-se os erros da primeira e segunda gerações transferidos pela estrutura da Língua Japonesa, constatou-se uma quantificação maior de erros na primeira geração.

4) A terceira geração não apresenta erros fonológicos de interferência, quanto ao dialeto caipira, que já foi completamente abolido pela escolarização. O [r] ocorre mas não é estigmatizado

nem nas classes de Londrina e Maringá.

Por tudo isso podemos concluir que a Língua mais falada na Colônia Esperança é a Língua Portuguesa.

Há tendência para mudança no sentido do monolingüismo em Língua Portuguesa.

Se o presente trabalho serviu para melhor conhecer o imigrante japonês e entender seu esforço e sua dificuldade na comunicação em Língua Portuguesa, já será compensador. Desejamos, porém que o mesmo desperte novas pesquisas sobre o imigrante japonês, abordando outros aspectos ou aprofundando aqueles que tratamos apenas superficialmente.

.....

B I B L I O G R A F I A

01. ACKOFF, L. Russel - Planejamento de Pesquisa Social, São Paulo; Editora Herder, 1972.
02. ALBERSHEIM, Ursula - Uma Comunidade Tauto-Brasileira (Jarim) Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.
03. AMARAL, Amadeu - O Dialeto Caipira, São Paulo, Editora Anhembi, 1955.
04. AZEVEDO, Leodegário de A.F. - Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1971.
05. ÁVILA, Fernando Bastos de - L'immigration Au Brésil, Contribution à une théorie Générale de L'immigration, Rio de Janeiro, Editora Agir, 1956.
06. BACK, Eurico - São Fonemas as Vogais Nasais do Português In Construtora, 4: 297-317, 1973.
07. BASTO, Fernando L.B. - Síntese da História da Imigração no Brasil, Rio de Janeiro, Editora de Jornais e Revista, 1970.
08. BLOCH, Bernard - Studies in Colloquial Japanese IV - Phonemics (329-348) Language, 1950.
09. BORBA, Francisco da Silva - Pequeno Vocabulário da Lingüística Moderna - São Paulo, Nacional, 1971.
10. CABRAL, Leonor Scliar - Introdução à Lingüística. Porto Alegre, Globo, 1973.
11. CÂMARA, J. Mattoso, Jr. - Dicionário de Filologia e Gramática - Rio de Janeiro, Ozon, 1964.
12. CÂMARA, J. Mattoso, Jr. - Princípios de Lingüística Geral Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
13. CÂMARA, J. Mattoso Jr. - Problemas da Lingüística Descritiva, Petrópolis, Vozes, 1969.
14. CORREIA, de Andrade João - A Colônia Esperança - O Japonês na Frente Pioneira Norte Paranaense - Dissertação de Mestrado em História Demográfica, Curitiba, 1975.
15. DERRUAU, Max - O Japão, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
16. ELGIN, Haden Suzette - Que é Lingüística, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

17. FIRTH, J.R. - Papers in Linguistics, London, Oxford Univ. Press, 1958.
18. FISHMAN, Joshua A. - "A Sociologia da Linguagem" In Sociolinguística, Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.
19. GARVIN, P.L. e Mathiot M - "The Urbanization of the Guarany Language and Culture" In Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970. p. 365-377.
20. GENOUVRIER, E. e Peytard J. - Linguística e Ensino do Português, Coimbra, Livraria Almedina, 1973.
21. GOODE, William Josiah - Métodos em Pesquisa Social, São Paulo, Editora Nacional, 1968.
22. GRADMAN, Harry L. The Limitations of contrastive Analysis Predictions, Indiana University.
23. GUILLAN, Robert - Japão Terceira Potência, Livraria Civilização, Editora Porto, 1970.
24. HALL, Robert - "The Unit Phonemes of Brazilian Portuguese", in: Studies in Linguistics, 1945.
25. HALL, J. Whitney - El Império Japonés, Madrid, Ediciones Castilla S.A. - 1970.
26. HALLIDAY, M.A.K. et Alii, As Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas, tradução de Myrian Freire Morau. Petrópolis, Vozes, 1974.
27. HENSEY, F.G. - "The Sociolinguistics of the Brazilian" - Uruguayan Border, Haia, Mouton, 1972.
28. HERKOVITS, J. Melville - Antropologia Cultural, III volume, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1947.
29. HEYE, Jürgen - "Bilingualism and Language Attitudes in Merano Italy", Revista Brasileira de Linguística, Vozes, 1/1974
30. JOHNSON, Harry M. - Introdução Sistemática ao Estudo da Sociologia, Lidador, 1967.
31. JOTA, Zélio dos Santos - Dicionário de Linguística, Rio de Janeiro, Presença, 1976.
32. KITANO, H.L. Harry - Japanese Americans - The Evolution of a sub culture, New Jersey, Prentice-Hall, INC., Englewood Cliffs, 1969.
33. LADO, Robert - Introdução à Linguística Aplicada, Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1971.

34. LENARD, Andrietta - Lealdade Lingüística em Rodeio, Dissertação de Mestrado submetida à U.F.S.C. - Janeiro 1976.-
35. LLAMZON, J.A. - The use of Deep Structure in Error and style Analysis. Ateneo de Manila University.
36. LUFT, C.P. - Dicionário Gramatical da Língua Portuguesa, Porto Alegre, Editora Globo, 1967.
37. MACAMBIRA, J.R.A - Estrutura Morfo-Sintática do Português, Aplicação do Estruturalismo Lingüístico, Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970.
38. MACKEY, William F. - The Description of Bilingualism - In Readings in the Sociology of Language The Hague, mouton 1970, p. 554-584.
39. MARTINET, A. - Elementos da Lingüística Geral - Trad. de J. Morais - Barbosa - Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964.
40. MARTINS, C.N. - Bilingualism in Primary School Children - Composto e Impresso na Imprensa Universitária - U.F.S.M. - 1972.
41. MASCHERPE, Mário - Análise Comparativa dos Sistemas Filológicos do Inglês e do Português - São Paulo: Revista dos Tribunais, 1970.
42. MICHAELE, Antonio Farias e outros - História do Paraná, 3º volume, Curitiba, Grafipar, 1969.
43. MOULY, George J. - Psicologia Educacional, 4ª Edição - São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.
44. NABABAN, P.W. J - A Note on Transfer and Interference in Foreign Language Learning - English Language, Teacher Training Program FKSS, IKIP, Malang, Indonésia.
45. PIAGET, Jean - Seis Estudos de Psicologia, Rio de Janeiro, Ed, Forense, 1970.
46. PIAGET, Jean - O nascimento da Inteligência na Criança, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.
47. PIKE, K.L. - Phonetics - 8 impr. Ann Arbor, Univ. of Michigan Press, 1968.
48. PONTES, E - Estrutura do Verbo no Português Coloquial. Petrópolis, Vozes, 1973.
49. REED, David W. e Leite, Yolanda - "The Segmental Phonemes of Brazilian Portuguese: Standard Paulista Dialect": In

- Kenneth L. Pike, Phonemics Ann Arbor, Michigan, The University of Michigan Press, 1966, p. 194-202.
50. ROCHER, Guy. Introduction à la Sociologie Générale. I. L'action Sociale. Paris, H.M.H, 1968.
  51. RONA, Pedro José - The Social and Cultural Status of Guarani in Paraguay p. 277-298.
  52. RUBIN, Joan - Bilingual Usage in Paraguay In Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970, p. 512-530.
  53. SAITO, Hiroshi e Takashi Maiyema, Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil, Petrópolis, Vozes/E.U.S.P., 1973
  54. SAITO, Hiroshi - O Japonês no Brasil - Estudo de Mobilidade e Fixação, São Paulo, Editora "Sociologia e Política", 1961.
  55. SANSON, George - An Historical Grammar of Japanese, Oxford, 1946.
  56. SCHADEN, Egon - Homem, Cultura e Sociedade no Brasil, Seleções da Revista de Antropologia, Petrópolis, Vozes, 1972.
  57. SOARES, M.N.L. - Contato entre Línguas segundo Uriel Weinreich, In Littera, Grifo, 15/1976, p. 39-49.
  58. STOCKWELL, R.P., Bowen, D. e Martin, J. - The Grammatical use of English and Spanish. Chicago The Univ of Chicago Press, 1965.
  59. STRAUSS, C. Levi - Antropologia Estrutural, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
  60. TITIEV. Mischa - Introdução à Antropologia Cultural, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
  61. VANDRESEN, P. - O Vocalismo Português: Implicações teóricas In Revista Brasileira de Lingüística, Vozes, 2/1975 p. 80-103.
  62. VANDRESEN, P. Tarefas da Sociolingüística no Brasil - In Revista da Cultura Vozes, 8/1975 p. 5-11.
  63. VIEIRA, F.I.S. - O Japonês na Frente de Expansão Paulista: O Processo de Absorção do Japonês em Marília, São Paulo, Pioneira, E.U.S.P., 1973.
  64. WILLENS, Emílio - Antropologia Social, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
  65. WEINREICH, Uriel - Languages in Contact - Findings and

problems, Paris, Mouton e Co. London - The Hague, 1967.

A P Ê N D I C E

2. QUADRO DOS SÍMBOLOS EMPREGADOS - ANEXO 1

<u>Língua Japonesa</u>		<u>Língua Portuguesa</u>	
<u>Símbolo</u>	<u>' transcrição</u>	<u>' símbolo</u>	<u>' transcrição</u>
p	pakurito (em um gole)	p	pale (pala)
b	buta (porco)	b	balø (bala)
m	mame (feijão)	m	malø (mala)
t	to (porta)	\t	tolø (tolu)
d	dóko	d	dølu (dolo)
n	neru (ir para cama)	n	nadø (nada)
k	kami (jornal)	k	kalø (calo)
g	gak'koo (escola)	g	galø (galo)
	kaŋi (chave)	-	-
ʔ	toʔ (como)	-	-
f	fusuma = husuma	f	fakø (face)
-	-	v	valø (vala)
±	±oku = roku (seis)	l	luve (luva)
-	-	±	fi±ø (filho)
ts	tsuri (pescando)	-	-
t̂s	t̂si (sangue)	t̂s	t̂syø (tia)
d̂z	d̂zari (cascalho)	d̂z	d̂zyø (dia)
s	susumu (avanço)	s	sølø (sola)
z	zaŝsi (revista)	z	zelø (zelo)
ŝ	ŝisei (prefeito)	s	ŝavø (chave)
ẑ	miŝikaí (curto)	ẑ	ẑanølø (janela)
x	xaku = hyaku (cem)	-	-
h	hima = (lazer)	h	huti (Rute)
	riku = terra	ŕ	'kaŕø (caro)

---

Ñ nasal silábica

Língua Japonesa		Língua Portuguesa	
Símbolo	transcrição	símbolo	transcrição
-	-	r	karu (carro)
SEMIVOGAIS			
y	happyaku (800)	y	yaya (ya-ya)
w	kawa (rio)	w	kwatru (quatro)
VOGAIS			
i	ki <sup>h</sup> sa = ki <sup>h</sup> sa (trem)	i	ti (te)
l	ki <sup>h</sup> sa (trem)	l	fali (fali)
e	teeburu (mesa)	e	eli (ele)
-	-	ε	εli (ele)
a	obáasã <sup>n</sup> (avó)	a	ela (lá)
o	kóe (voz)	o	pod <sup>i</sup> (pode)
u	núide (tirar a roupa)	u	pu <sup>d</sup> (pude)
ĩ	kĩm <sup>·</sup> pĩn (dinheiro e bens)	ĩ	ĩfelis (infeliz)
ẽ	tẽn <sup>·</sup> ĩn (vendedor)	ẽ	tẽmpu (tempo)
õ	hõn <sup>·</sup> (livro)	õ	bõd <sup>i</sup> (bonde)
ã	pã <sup>n</sup> (pão)	ẽ	lẽŋ (lã)
ũ	gũm <sup>·</sup> puku (uniforme)	ũ	nũŋ (num)

## SINAIS DIACRÍTICOS

'	sílaba tônica
/ /	transcrição fonológica transcrição fonética
.	vogal longa
~	nasalidade

## SIMBOLOGIA

L1	língua materna	A	ambas
L2	segunda língua	J/P	Japonês e Português
P	Português	P/J	Português e Japonês
J	Japonês		

## Apêndice - ANEXO 2

TEXTO NÚMERO - 1

(primeira geração)

[o informa'sõŋ du 'bɛʒika,  
 informa'sõŋ paŋa 'õmi  
 'deisdʒi pi'kẽnu ki nõŋ  
 apŕẽn'deu sew 'pŕõpiu  
 pa'rãvã pur i'zẽmpiu  
 bŕazi'rãra, pɔrtu'geis  
 si nõŋ ẽn'tiõ ẽyn seus  
 'pŕõpias pa'rãvãas i  
 vay ẽn'trẽndu 'otrũs,  
 os dois es'tŕaga. pɔr'ke,  
 'bɛʒika kũŋ'tɛha dʒi  
 fiẽnsa i aŕe'mẽnya. ẽn'tõŋ,  
 'eʒi a'goŕa a foŕ'mo õŋ pa'is  
 ãnde'pẽndẽnt̃si, mais  
 ẽntsigamẽnt̃si ra 'fiẽnsa i  
 aŕe'mẽnya; ẽn'tõŋ 'eʒi 'povu  
 dʒi 'bɛʒika õŋ a'pŕẽndʒi frõn'ẽis  
 o otrũ a'pŕẽndʒi  
 aŕe'mõũŋ i os dois 'foŕma  
 seu 'pŕõpiu pa'rãvã. ãn  
 'lĩŋgwa bɛʒika a'tɛ 'ozi 'dʒiske  
 nõŋ 'ta akõmpã'nyẽndu kõŋ otrũs  
 pa'is. nõŋ 'pɔdʒi; os dois  
 es'tŕaga õŋ, es'tŕaga du 'otrũ

Informação de Bélgica,  
 informação para homem  
 desde pequeno que não  
 aprendeu seu próprio  
 palavra por exemplo  
 brasileira é português  
 Se não entrou em seus  
 próprias palavras e  
 vai entrando outros,  
 os dois estraga. Porque  
 Bélgica é com terra de  
 França e Alemanha. Então,  
 esse agora a formo um país  
 independente, mas  
 antigamente era França e  
 Alemanha; então esse povo  
 de Bélgica, um aprende fran  
 cês  
 o outro aprende  
 alemão e os dois forma  
 seu própria palavra. Em  
 língua Bélgica até hoje diz  
 que  
 não tá acompanhando com ou  
 tros.  
 país. Não pode. os dois,  
 estraga um, estraga do ou  
 tro.

ẽn'tõŋ ẽyn 'kaza 'nɔis 'fais  
ẽnsĩn, nɛ? ]

Então em casa nós faz  
assim né?

.....

### ANEXO 3

#### Exemplo da fala da segunda geração

[ 'ɛla 'vay mẽn'da pa'ga 'pra  
mĩn, 'nɛ 'pra d̃zi'ze ke...  
a'i, de'pois, 'ɛla d̃zis ke  
'tava 'hũyn 'nɛ, 'mẽmu, 'nẽyn  
as kiẽn'sada. d̃zis ke ba'ts̃ia  
nas kiũ'sada. a'i, ɛla fa'lava  
'pra 'eli :ẽnsĩn: vo'se nũŋ  
'lẽmbra ẽnsĩn da sua 'fiŕya?  
'mẽmu ki vo'se nũŋ ke 'lẽm'b̃ra  
d̃zi mĩn, 'rẽmb̃ra das suas 'fiŕyas

das duas sua 'fiŕyas. mas nõŋ  
d̃zis ke 'erĩ nõŋ li'gava. d̃zis  
ki fi'kava 'br̃abu, vor'tava in  
'kaza mais 'ɛra 'sɔ 'pra br̃i'ga  
d̃zi'nẽru mẽmu d̃zis... eli  
tr̃a'zia, mais nũŋ 'dava nẽyn  
'p̃ra 'ɛla nẽyn 'p̃ra k̃ri'ẽsa.  
eli 'sɔ kõm'p̃rava 'hopa 'deli,  
'tudu 'hopa bowa i mẽn'do  
'ɛla kustu'ra, 'ɛla kustu'r̃era  
nɛ? ẽn'tõŋ 'eli mẽn'do 'ɛla  
kustu'ra na ka'hefa, i fi'kava  
br̃abu ainda si nõŋ kustu'ra  
'logu. 'tava 'loku ẽnsĩn. ]

Ela vai mandá prá  
mim, né. Prá dizê que  
aí, depois, ela diz que  
tava ruim, né, mẽmu, nem  
as quiançadas, diz que batia  
nas quiançada. Aí, ela falava  
prá ele ansim: "você não  
lembra assim da sua firia?  
mẽmu qui você num qué lembra  
de mim, rembra das suas fí  
rias

das duas sua fírias. Mas não  
diz que eri nom ligava. Diz  
qui ficava brabu, vortava em  
casa mais era só prá brigá  
dinheru mẽmu diz...eli  
trazia, mais num dava nem  
prá ela nem prá criança.  
Ele so comprava ropa dele,  
tudu ropa boa e mandô ela  
custurá, ela custurera,  
né? enton eli mandô ela  
custura na carrera e ficava  
brabu ainda se non custura  
logo. tava loco ansim.

## ANEXO 4

## Exemplo da Fala da terceira geração

[a 'žentši tēyn ki fa'la pu 'žotrū ki a žentši ε bu'nita, 'mesmu a 'žentši sa'bēndu ki nāwŋ ε bu'nita, 'nūŋka ki ε 'feya, 'sabi? a'sīn vo'se vay mi a'ša bu'nita, nε? si a 'žentši so'hi 'mesmu ūma pe'soz 'feya, εla se 'torna bu'nita, se ε feya e aĩinda 'fi ka 'třistši, εla ε heaw'mēntši feya. O so'hizu ali'adu a be'leza tēm'bēyn...ēn'tēwŋ ew so'hiu. o so'hizu 'tēyn ki 'se espon'tōniu. a pe'soa ki nawŋ 'hi si 'torna pētši'patšika...vo'se tēyn ki 'hir. 'sabi pur'ke? a... ēn'tēwŋ nu džia da verđadži 'so ew i εla. ew 'tšiņa ki fa'lar 'kōmu ew mi kōmpor'tava dži'přtsi du... ēn'tēwŋ 'εla fa'low a'sīn: ke dži'žentši 'deli ew fi'kava 'so 'serya, nε. i 'εla fa'low a'sīn ki a žentši so'hindu-eli vai perše'bēndu a 'žentši mais bu'nita. fi'kēndu 'serya, ew fiku kūŋ 'kara 'brava, a'sīn, nīn'gēyn 'pōdži fi'ka pęrtu, sabi? a žentši 'dēndu ūŋ ar'zinū alęgri a'sīn. εla fa'low ke kwēndu ew so'hiu pęrtu 'deli, εla 'fika kōn'tēntši pur'ke ew 'fi ku mais bu'nita. ēn'tēwŋ, vo'se hir 'pęrtu 'deli, vo'se 'dęve hir. ]

---

A gente tem que falar para os outros que a gente é bonita, mesmo a gente sabendo que não é bonita, nunca que é feia, sabe? assim voce vai me achá bonita né? Se a gente sorri, mesmo uma pessoa feia, ela se torna bonita, se é feia e ainda fica trsite, ela realmente feia. O sorriso aliado a beleza a beleza também... então eu sorrio. O sorriso tem que ser espontâneo. A pessoa que não ri se torna antipática... você tem que rir. Sabe por quê? A...então no dia da verdade só eu e ela. eu tinha que falar como eu me comportava diante do... então ela falou assim: que diante dele eu ficava só séria, né. E ela falou assim que a gente sorrindo ele vai percebendo a gente mais bonita. Ficando séria eu fico com a cara v brava, assim ninguém pode ficá perto, sabe? A gente dando um arzinho alegre assim. Ela falou que quando eu sorrio perto dele, ela fica contente porque

eu fico mais bonita. Então, você rir perto dele,  
você deve rir.

## ANEXO 5

## ENTREVISTA COM AS DONAS DE CASA:

Família:.....

Nome:.....Idade.....Sexo.....

1. Qual a alimentação básica? \_\_\_\_\_

2. Quantas vezes por semana prepara comida japonesa? \_\_\_\_\_

3. Quantas vezes por semana prepara comida brasileira? \_\_\_\_\_

4. Quando usam a "hashi"? \_\_\_\_\_

5. É importado algum produto para o preparo de determinada comida, ou importam produtos prontos? \_\_\_\_\_

6. Qual o prato preferido? \_\_\_\_\_

7. Vocês tomam alguma bebida durante as refeições? Antes? ou depois? \_\_\_\_\_

8. Qual a bebida preferida? \_\_\_\_\_

9. Vocês comem sobremesa? \_\_\_\_\_

10. Quais? \_\_\_\_\_

11. Qual a preferida? \_\_\_\_\_

12. Como preparam o arroz? \_\_\_\_\_

13. O arroz e o feijão são importantes na alimentação? \_\_\_\_\_

14. Quais os cereais mais usados na alimentação? \_\_\_\_\_

## ANEXO 6

## QUESTIONÁRIO FAMILIAR

Família: - \_\_\_\_\_

	idade	esco- lari- dade	nacio- nali- dade	natu- rali- dade	época C.E.	fa- la	enten- de	escre- ve	lê
avô paterno									
avó paterno									
avô materno									
avó materno									
pai									
mãe									
tio									
tia									
filho 1									
filho 2									
filho 3									
filho 4									
filho 5									
filho 6									
filho 7									
filho 8									
filho 9									
filho 10									
filho 11									
filho 12									
filho 13									
filho 14									

Observações:

P = português

PJ = português e japonês

J = japonês

## ANEXO 7

## Questionário Individual

Localidade - Colônia Esperança

Assunto: Funções e Atitudes das Línguas em Contacto

Nome do questionado:.....

Secção:.....

## 1. INFORMAÇÕES PESSOAIS

## 1. Faixa etária

- a) abaixo de 15 anos  c) entre 31 e 44
- b) entre 16 e 30 anos  d) entre 45 e 59
- e) mais de 60 anos

## 2. Sexo

- a) masculino
- b) feminino

## 3. Estado civil:

- a) casado
- b) solteiro
- c) viuvo
- d) outro

4. Profissão:.....

## 5. Status Econômico

- a) tem carro
- b) tem propriedade
- c) tem casa de alvenaria

d) tem casa de madeira

e) ausência do item

#### 6. Movimento Migratório

a) lugar de nascimento:.....

b) tempo em que vive na Colônia.....

c) lugares em que residiu: 1.....

2 .....

d) quanto tempo:..... e.....

#### 7. Proveniência Familiar:

a) questionado: .....

b) pai: ,.....

c) avós paternos

avô.....

avó.....

d) avós maternos

avô.....

avó.....

e) mãe.....

#### 8. Iniciação Lingüística

Português

Japonês

a) começou a falar em



b) com que idade aprendeu



c) aprendeu na escola



d) aprendeu na comunidade



e) aprendeu com a família



#### 9. Escolaridade

a) primário incompleto

b) primário completo

c) ginásio incompleto

- d) ginásio completo
- e) colegial incompleto
- f) colegial completo
- g) superior incompleto
- h) superior completo

2) FUNÇÃO DAS LÍNGUAS EM CONTACTO

10. habilidades lingüísticas

Português

Japonês

a) entende

b) fala

c) lê

d) escreve

11. hábitos lingüísticos

a) jornal - nunca

- sempre

- às vezes

b) revistas - nunca

- sempre

- às vezes

c) livros - nunca

- sempre

- às vezes



	Português	Japonês
emocionado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
em sonhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
nas compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
nos conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. ATITUDE LINGUÍSTICA		
14. utilidade das línguas		
a) na profissão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) no relacionamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. anseios: gostaria de:		
	Sim	Não
a) falar português sem sotaque	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) arrumar emprego dependente da Língua Japonesa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) frequentar escola japonesa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) trocar o inglês pelo Japonês, como matéria escolar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) ensinar a Língua Japonesa para brasileiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) que os descendentes de japonês falassem a L. Portuguesa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. preferência:		
	Português	Japonês
a) língua preferida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) prefere falar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) prefere ouvir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) prefere ler	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Português	Japonês
e) prefere estudar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. previsões na Colônia:		
a) será sempre falado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) nunca mais será falado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) só será falado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) durante quanto tempo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) maiores chances prof.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) maiores salários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) maiores chances para o aperfeiçoamento prof.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Relacionamento Lingüístico:		
Você no cotidiano é:		
A) tradutor - português/japonês		<input type="checkbox"/>
japonês/português		<input type="checkbox"/>
b) intérprete - português/japonês		<input type="checkbox"/>
japonês/Português		<input type="checkbox"/>
c) Troca uma língua por outra.		
cansado		<input type="checkbox"/>
emocionado		<input type="checkbox"/>
nervoso		<input type="checkbox"/>
desanimado		<input type="checkbox"/>
d) Que língua interfere mais?		
portuguesa		<input type="checkbox"/>

japonesa

ambas

19. Vantagens:

a) as pessoas que falam a língua Japonesa são:

as mais conceituadas

menos conceituadas

b) os falantes da Língua Portuguesa consideram o nipónico

mais conceituados

menos conceituados

ANEXO 8  
APÊNDICE

Ordem de aquisição das línguas Japonesa e Portuguesa:  
variações observadas nas três primeiras gerações.

Língua gerações	L1				L2				Total	
	Português	Japonês	ambas	Prejudica- da	Português	Japonês	Ambas	Prejudica- da	L1	L2
1ª	-	100	-	-	80,6	-	-	19,4	100	100
2ª	22,8	67,1	10,1	-	67,1	10,1	10,1	12,7	100	100
3ª	30	60	10	-	60,0	10	10	20,0	100	100
Total	18,8	74,5	6,7	-	67,5	6,7	6,7	19,1	100	100

Tabela - 1

Demonstração das Habilidades Lingüísticas nas Três Gerações

Lingua	1ª geração			2ª geração			3ª geração				t o t a l			
	Português	Japonês	Ambas	Português	Japonês	Ambas	Português	Japonês	Ambas	Prejudi- cado	Português	Japonês	Ambas	Prejudi- cado
der	-	-	100	10,1	-	89,8	10	-	90	-	67	-	93,5	-
	-	3,2	96,7	22,7	1,3	75,9	50	-	50	-	19,2	1,5	74,2	5,1
	-	12,9	87%	59,4	8,8	31,6	80	-	10	-	46,5	7,2	42,9	3,4
ver	-	12,9	83,8	64,5	7,5	27,8	80	-	10	-	48,2	6,8	40,5	4,5
	-	7,2	91,8	39,1	4,3	56,2	55	-	40	5,0	30,1	3,9	62,8	3,2

Tabela - 2

Fonte: Questionário individual - pergunta nº 10; letras a,b,c,d.

## Distribuição do Uso da Leitura nas Gerações.

Língua \ gerações	1ª		2ª		3ª		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Português	3	2,5	61	50,8	8	6,7	72	60
Japonês	16	13,3	2	1,7	-	-	18	15
Ambas	8	6,7	12	10	1	0,8	21	17,5
Nenhuma	4	3,3	4	3,3	1	0,8	9	7,4
Total	31	25,8	79	65,8	10	8,3	120	100

Tabela - 3

Fonte: Questionário Individual, pergunta nº 11.

## Distribuição do Uso da Escrita nas Gerações

Fonte: Questão 12.

Língua \ Geração	1ª		2ª		3ª		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Português	2	1,7	71	59,2	9	7,5	82	68,4
Japonês	14	11,7	1	0,8	-	-	15	12,5
Ambas	11	35,5	2	2,5	-	0	13	10,9
Nenhuma	4	3,3	5	4,1	1	0,8	10	8,2
Total	31	25,9	79	65,8	10	8,3	120	100

tabela - 4

Demnstração do Índice Percentual em Interpretações  
e Tradução

gerações	tradução			Interpretação			Total		
	Sim	não	Preju- dicado	Sim	não	Preju- dicado	Sim	não	Preju- dicado
1ª	72,6	22,5	4,9	75,8	21	3,2	74,2	21,7	4,1
2ª	54,5	34,8	10,65	55,1	36,1	8,8	54,8	35,45	9,7
3ª	25	55	20	30	55	15	27,5	55	17,5
Total	50,7	37,4	11,8	53,6	37,4	9	52,2	37,4	10,4

Tabela - 5

Fonte: Questão 18

Demonstração do uso em respostas da Língua Japonesa nos contatos Familiares, índices calculados sobre 450 respostas.

Língua Resposta das gerações	Português	Japonês	Ambas	total	
				f	%
1ª	6	113	1	120	26,7
2ª	118	147	31	296	65,8
3ª	11	16	7	34	7,5
Total	135	276	39	450	100
média %	30	61,3	8,7	150	100%

Tabela - 6<sub>a</sub>

Relacionamento Lingüístico nos Contatos Familiares  
entre as gerações.

Línguas gerações de Contato	2ª				3ª				Total	Total
	Português	Japonês	Ambas	Prejudicado	Português	Japonês	Ambas	Prejudicado		
1ª	7,6	50,6	41,8	-	-	10	20	70	100	100
2ª	72,1	19	8,9%	-	-	50	50	-	100	100
total	39,9	34,8	25,3	-	-	30	35	35	100	100

Tabela - 6<sub>b</sub>

## Distribuição da Expressão Interna por Gerações

Língua gerações	Português		Japonês		Ambas		Prejudicado		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª	9	29,0	17	54,9	4	12,9	1	3,2	31	100
2ª	64	81,1	7	8,9	4	5,0	4	5,0	79	100
3ª	8	80,0	1	10,0	-	-	1	10,0	10	100
total	81	67,5	25	20,8	8	6,7	6	5,0	120	100

Tabela - 7

Condições Psicológicas	cansado			emocionado			nervoso			desanimado			Total		
	Sim	Não	Prejudicado	Sim	Não	Prejudicado	Sim	Não	Prejudicado	Sim	Não	Prejudicado	Sim	Não	Prejudicado
a	71%	29%	-	57%	33%	-	58%	38,8	32%	61,3	38,7	-	64,3	34,9	0,8
a	48,1	45,6	6,3%	51,9	41,8	6,3	46,8	45,6	7,6	43%	50,7	6,3	47,5	45,9	6,6
a	40,0	40,0	20,0	40,0	40,0	20,0	40,0	40,0	20,0	40,0	40,0	20,0	40,0	40,0	20,0
dia	53%	38,2	8,8	53%	38,2	8,8%	48,3	41,5	10,2	48,1	43,1	8,8	50,6	40,2	9,2

Tabela 8 - Alternância na Linguagem oral sob algumas Condições Psicológicas

Fonte: Questionário Individual

## Demonstração da Língua que Interfere na Fala

Línguas gerações	Português		Japonês		Ambas		não sabe		total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª	8	25,8	14	45,2	7	22,6	2	6,4	31	100
2ª	41	51,9	12	15,3	15	18,6	11	13,9	79	100
3ª	4	40,0	1	10,0	-	-	5	50,0	10	100
total	53	39,2	27	23,5	22	13,8	18	23,4	120	100

Tabela - 9

## Demonstração da Utilidade da Língua Portuguesa

Línguas Relaciona- mento	Português		Japonês		Ambas		Indiferente		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Profissional	83	69,2	24	20	11	9,2	2	1,66	120	100
Extra-familiar	72	60	18	15	27	22,5	3	2,5	120	100
Total	155	129,2	42	35	38	31,7	5	4,1	240	200
Média	77,5	64,6	21	17,5	19	15,8	2,5	2,1	120	100

Tabela - 10

Demonstração das Atitudes Positivas nas 3 Gerações  
Quanto à Língua Japonesa.

gerações	Sim		Não		Prejudicado		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª	18,0	15,0	12,0	10,0	1,0	0,8	31,0	25,8
2ª	43,0	35,9	30,0	25,0	6,0	5,0	79,0	65,9
3ª	5,0	4,1	3,0	2,5	2,0	1,7	10,0	8,3
Total	66,0	55,0	45,0	37,5	9,0	7,5	120	100

Tabela - 11

Demonstração das Previsões da Língua Japonesa, quanto a permanência.

Permanência

Respostas por gerações	Línguas		Português		Japonês		Ambas		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%		
	1ª	18,0	10,5	13,0	7,7	14,0	8,2	45,0	26,4	
2ª	71,0	42,0	19,0	11,0	23,0	13,6	113,0	66,6		
3ª	4,0	2,3	6,0	3,5	2,0	1,2	12,0	7,0		
total	93	54,8	38	22,2	39	23,0	170	100		

Tabela - 12

Demonstração das Previsões da Língua Japonesa, quanto à utilidade.

Línguas Respostas por gerações		Utilidade							
		Portu- guês		Japonês		Ambas		total	
		f	%	f	%	f	%	f	%
1ª	47	14,5	34,0	10,5	5,0	1,5	8,6	26,5	
2ª	126	38,8	56,0	17,2	29,0	8,9	21,1	64,9	
3ª	21	6,5	6,0	1,8	1,0	0,3	2,8	8,6	
total	194	59,8	96	29,5	35	10,7	32,5	100	

Tabela - 13